

L I T E R A T U R A
Arte

NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

**A boniteza de
dizer a própria
palavra**

**"Meu alimento
primeiro começou
em casa com as
histórias da
tradição oral
contadas em família"**

**Autoformação de
mediadores de
leitura em tempos
de pandemia**



Onde se contam boas histórias, todo mundo se sente em casa.

Lugar onde a inspiração corre solta, com estantes recheadas de grandes obras e palco de solo fértil para trocas de conhecimentos que promovem o seu encontro com o universo da leitura. Conheça as lojas da **Livraria Cepe Editora** ou visite agora mesmo nossas prateleiras digitais.



Livraria Cepe Editora | **PAULO FREIRE**

■ Sede

R. Coelho Leite, 530, Santo Amaro - Recife/PE

Livraria Cepe Editora | **TARCÍSIO PEREIRA**

■ Centro de Artesanato de Pernambuco

Av. Alfredo Lisboa, Marco Zero - Recife/PE

Livraria Cepe Editora | **RAMIRES TEIXEIRA**

■ Museu do Estado de Pernambuco (MEPE)

Av. Rui Barbosa, 960, Graças - Recife/PE

Livraria Cepe Editora | **GERMANO COELHO**

■ Mercado Eufrásio Barbosa (MEB)

Av. Doutor Joaquim Nabuco, Varadouro - Olinda/PE

Livraria Cepe Editora | **VIRTUAL**

www.cepe.com.br/lojacepe

Entrega em todo o Brasil.

Opção de retirada gratuita na loja da Sede.

Consulte previamente os horários de funcionamento das lojas físicas.



LIVRARIA
Cepe
EDITORA

 editora.cepe.com.br

  CepeEditora

  CepeOficial

L I T E R A T U R A

Artes

NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO



Expe diem te

Literatura e Arte no Ciclo de Alfabetização, Revista #5, Ano 2021

Revista do Centro de Estudos
em Educação e Linguagem – CEEL

A Revista do Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL) tem como objetivo primordial promover um debate em torno das produções culturais que circulam dentro e fora da escola e que formam leitores da literatura e da arte.

Organização

Beatriz de Barros de Melo e Silva
Ester C. S. Rosa
Maria Helena Santos Dubeux
Telma Ferraz Leal

Design

Breno Chamie – Projeto Gráfico
Rodrigo Fischer – Ilustrações
Maria Gabriela Alves Lima – Diagramação

Catálogo na fonte elaborada pela Biblioteca do Centro de Educação da UFPE

L775 Literatura e arte no ciclo da alfabetização / UFPE, Centro de Estudos em Educação e Linguagem. – Ano 1, n.1 (set. 2017)
Recife: CEEL/UFPE, 2017-.
Anual.
ISSN 2595-6086
Fascículo atual Ano 5, n. 5 (nov. 2021)

1. Literatura. 2. Arte. 3. Alfabetização. 4. Leitura. I. Silva, Beatriz de Barros de Melo e (Org.). II. Rosa, Ester Calland de Sousa e (Org.). III. Dubeaux, Maria Helena Santos e (Org.). IV. Leal, Telma Ferraz (Org.).

372.4 CDD (22.ed.)

Autores

Ana Paula Albuquerque
Ailton Guerra
Alysson Reis
Beatriz de Barros de Melo e Silva
Deborah Echeverria
Carminha Bandeira
Ester C. S. Rosa
Fabíola Siqueira
Gertrudes Gomes
Kalyna de Paula Aguiar
Luara Sousa
Márcia Virgínia B. Araújo
Marlene Barbosa
Maria Betânia do Nascimento Andrade
Maria Emilia Lins e Silva
Maria das Graças Vital de Melo
Maria de Fatima da Conceição Dutra
Marta Diniz
Mizia Silveira
Muriel Prado de Melo Júnior
Nomeia Fabiola Costa do Nascimento
Gabriel Santana
Hugo Maciel
Rafael do Nascimento Andrade
Ronaldo Rodrigues
Tarcísio Camêlo
Telma Ferraz Leal
Vânia Beatriz Monteiro da Silva
Vitória Cristina da Silva
Willams Alves
Ywanoska Gama

Revisão

Ana Lima

Parceiros

Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura
Biblioteca Comunitária Caboclo Girassol
Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiães
Biblioteca Comunitária Cepoma
Biblioteca Comunitária de Comportas
Biblioteca Comunitária do Alto do Moura
Biblioteca Comunitária Educ Guri
Biblioteca Comunitária Lar Meimei
Biblioteca Comunitária Poço da Panela
Biblioteca Comunitária Mangueira da Torre
Biblioteca Multicultural Nascedouro
Biblioteca Peró
Biblioteca Popular do Coque
Biblioteca Solar de Ler

Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores - Recife
Rede de Bibliotecas pela Paz - Compaz
Secretaria de Educação de Pernambuco - Gerência de Políticas Educacionais dos anos finais do Ensino Fundamental
Sistema de Bibliotecas Públicas Municipais de Pernambuco

Sumária

rio

8 Editorial

Artigos

- 10 Maria das Graças Vital de Melo | A boniteza de dizer a própria palavra.
- 14 Márcia Virgínia B. Araújo | Dança na alfabetização: metamorfoses de imagens corporais.
- 18 Maria de Fatima da Conceição Dutra | A resistência das bibliotecas comunitárias em tempos de pandemia.
- 22 Tarcísio Camêlo | Comunicação e resistência das bibliotecas comunitárias no ciberespaço.

Entrevistas

- 27 Kalyna Aguiar: Jogos teatrais - aprender brincando com leveza e estímulo à espontaneidade.
- 31 Socorro Barros: "Meu alimento primeiro começou em casa com as histórias da tradição oral contadas em família."

História

- 37 Hugo Maciel | Rotina

38 Poesia

Relatos de experiências

- 43 Fabíola Siqueira | Projeto concerto de leitura
- 46 Ana Paula Albuquerque, Nomeia Fabiola Costa do Nascimento, Gertrudes Gomes, Marlene Barbosa, Mizia Silveira e Ronaldo Rodrigues | Projeto de leitura da biblioteca escolar: uma proposta no modelo virtual aprimorado.
- 49 Luara Sousa, Rafael do Nascimento Andrade e Maria Betânia do Nascimento Andrade | Eu sou porque nós somos: um clube de leitura sobre as questões étnico-raciais na comunidade do Coque.

Depoimentos

- 53 Marta Diniz | Sistema de Bibliotecas de Pernambuco: 35 anos impulsionando o fortalecimento sociocultural das bibliotecas públicas municipais.
- 58 Deborah Echeverria | Atividades permanentes da Rede de Bibliotecas pela Paz: formando leitores e criando vínculos.

Cenas de leituras

- 62 Ywanoska Gama | Autoformação de mediadores de leitura em tempos de pandemia.

Sugestões de atividades

- 67 Jogo dos 6 nomes.
- 68 Brincando e aprendendo com almanaques.

Lugares para visitar

- 70 Museu do Homem do NE

Biblioteca: eu recomendo

- 74 Muriel Prado de Melo Júnior, Vitória Cristina da Silva | Biblioteca comunitária de Comportas: uma senzala de libertação da memória e imaginação.

Resenhas

- 77 *Bicicletas de Bigode*
- Gabriel Santana
- 78 *Da Lavoura às Letras e O Agricultor, entre o barro e a poesia*
- Maria Emília Lins e Silva
- 79 *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*
- Telma Ferraz Leal

Um pouco de humor e apurando o olhar

Edição trinal

Mais um ano convivendo com a pandemia da Covid-19. Mais um ano com muitos desafios que mobilizaram nossa capacidade de resistir, inovar, manter os vínculos, assegurar que as ações tenham continuidade... E nesse contexto, chegamos ao 5º volume da Revista Literatura e Arte.

Assim, a pandemia foi tema de artigos, relatos e depoimentos, evidenciando os esforços das bibliotecas para assegurar a continuidade de suas ações, entendidas como essenciais, inclusive para amenizar os impactos negativos das restrições de convivência e de acesso aos bens culturais. As novas formas de interagir e de realizar encontros de formação também aparecem na seção Cenas de Leitura, com registros de dois anos da autoformação de equipes de bibliotecas comunitárias, coordenada pela equipe do Centro de Estudos em Educação e Linguagem – CEEL.

Este volume inaugura, por sua vez, a ampliação das parcerias para essa publicação. E chegaram duas redes de bibliotecas escolares – vinculadas à Secretaria de Educação de Pernambuco e à Secretaria de Educação de Recife -, e duas redes de bibliotecas públicas – vinculadas ao Sistema de Bibliotecas Públicas de Pernambuco e à Rede de Bibliotecas pela Paz – COMPAZ. Com essa parceria, além da inclusão de depoimentos e de relatos de experiências, que integram este volume, a Revista passa a compor os acervos dessas bibliotecas públicas e escolares. Além disso, as equipes de profissionais que atuam nessas bibliotecas passam a participar de encontros de formação com os conteúdos da Revista, visando a sua ampla apropriação no cotidiano desses espaços.

Outra novidade positiva desse período foi o registro do Programa de Extensão “Bibliotecas Comunitárias na UFPE e UFPE nas comunidades”, que amplia para 14 o número de bibliotecas comunitárias parceiras e que estão presentes em vários textos da Revista. Assim, a seção Poesia traz poetas das bibliotecas comunitárias Amigos da Leitura, do Poço da Panela e do Però, e a seção Biblioteca, eu recomendo convida o leitor a conhecer a a Biblioteca Comunitária de Comportas.

As ilustrações de nossa Revista são sempre um destaque e um prazer para o olhar. Neste volume, Rodrigo Fischer homenageia os noventa anos da escritora Ruth Rocha e sua contribuição para a literatura infantil brasileira.

Ainda no campo da Arte, neste volume, como sempre, somos instigadas(os) a “apurar o olhar”, conhecendo obras de arte; temos uma proposta de atividades com a linguagem do teatro; somos convidadas(os) a visitar mais um equipamento cultural (o Museu do Homem do Nordeste); tirinhas trazem “Um pouco de humor”; artigos e entrevista tematizam as linguagens do teatro e da dança.

Publicar durante cinco anos consecutivos a Revista Literatura e Arte renova em nós a certeza de que o verbo “esperançar”, como bem nos lembra Paulo Freire, nosso patrono da educação brasileira, traduz muito bem toda a força que mobiliza nossa teimosia em defender a educação e a cultura, a mediação de leitura, a literatura e a arte.

As organizadoras

Artigos



M A R
T C M
E L O

A boniteza de dizer a própria palavra

Maria das Graças Vital de Melo

Ensinar exige estética e ética
(FREIRE, 2005)

O que será que esse enunciado de Freire realmente significa? Neste tempo de comemorações do que seriam os 100 anos de sua vida, vamos aproveitar a oportunidade para ampliar nossa compreensão de mundo a partir desse seu registro tão enfático.

Freire discorreu notadamente sobre a ética como dimensão humana em diversos escritos, sendo a educação escolar um dos espaços de formação desse aspecto, porém a dimensão da estética nem sempre ficou clara. Gostaríamos, então, de iniciar o texto dizendo o que pensamos/sentimos sobre esse enunciado de Freire, e temos como objetivo focar no "ensinar exige estética".

O próprio autor aponta a importância da estética na formação do ser humano – na práxis educativa –, mas é como se ele partisse do princípio de que todas as pessoas já tivessem a devida compreensão do que ele está falando, e se refere ao termo "boniteza" para expressar uma condição essencial no processo de humanização da pessoa e do mundo. "A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita a distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas." (FREIRE, 2005, p. 32)

Na verdade, as dimensões ética e estética constituem parte da natureza humana; distintas, porém indissociáveis, pois a boniteza está na expressividade sensível da decência. Para toda ação-reflexão existem redes de significações latentes oriundas das relações objetivas e intersubjetivas construídas dialogicamente ao longo das histórias de vida das pessoas; significações essas permeadas de valores éticos e padrões estéticos. Tudo que a gente sente, pensa ou faz com consciência reflete nossas referências éticas e estéticas. Parece que aqui temos uma questão: será que todos nós sentimos, pensamos e agimos com consciência? Será que a educação formal, a informal e a não formal na nossa sociedade, às quais nossas crianças, jovens e adultos estão expostos, visam ao desenvolvimento da autonomia e emancipação de todos os seres humanos?

Apesar das grandes mudanças ocorridas no mundo contemporâneo, observamos que ainda temos uma vivência educativa em que várias práticas sociais são fundamentalmente "domesticadoras", reprodutivas, mecanizadas, alienantes.

Sobre a autora

Técnica em Assuntos Educacionais aposentada
da Universidade Federal de Pernambuco.

Falta, muitas vezes, uma prática comprometida com a construção histórica do processo de humanização das instituições formadoras, no sentido de promover a formação de pessoas mais conscientes, críticas e criativas, ou seja, mais autônomas. É nesse sentido que a educação na perspectiva emancipatória, segundo Freire (2005), requer ética e estética, dentre outras exigências técnicas e políticas.

Fala-se muito sobre a dimensão estética da educação e sua importância para nossa vida, mas o que entendemos por estética? O que é a dimensão estética da educação? Qual a relação da estética com a formação de sujeitos autônomos? Como a dimensão estética da educação chega à sala de aula?

Quando falamos de estética no campo da Arte, remetemo-nos ao conceito de Beleza. Não a beleza imposta por padrões sociais segundo critérios estabelecidos pelos grupos hegemônicos, inclusive através da mídia; mas a beleza no sentido filosófico do termo, a beleza que representa a forma mais adequada de expressar sensivelmente os discursos pronunciados, por meio da produção de imagens. Ou seja, a beleza que uma produção artística tem por expressar de forma coerente e adequada as relações estabelecidas entre o(a) artista e seu mundo: sua forma singular de sentir, pensar e agir, mas que foi construída historicamente a partir de sua inserção no mundo da cultura. Nessa perspectiva, a beleza está na maneira criativa e metafórica que o(a) artista encontra para expressar sua subjetividade, criando novas realidades, ao representar os conteúdos (situações, relações, significações) universais da humanidade de forma singular. Nesse movimento o(a) artista transforma o mundo e a si mesmo(a), historiando-se.

Quanto à dimensão estética da educação, é pertinente retomarmos o pensamento freireano: “Ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (FREIRE, 2005, p. 142). O processo de interação entre o(a) educador(a) e o(a) educando(a) exige presença, experiência vivida, entrega, amorosidade/afeto. Apenas com um diálogo verdadeiro é possível um caminhar curioso, criativo e prazeroso. Assim, aprender-ensinar em uma perspectiva de desenvolvimento da autonomia e emancipação do ser humano requer o envolvimento integral dos implicados no processo formativo. Por isso, as corporeidades do(a) educador(a) e do(a) educando(a) são imprescindíveis no exercício pedagógico, visto que no corpo se fazem presentes tanto a dimensão do sensível quanto a da razão.

Nesse sentido, faz-se necessária a conscientização de todas as pessoas envolvidas no processo educativo, para que juntas se reconheçam como seres que se constroem historicamente ao construírem o mundo e, nesse percurso, apropriem-se de diferentes formas de expressão humana, a fim de que possam simbolizar materialmente sua ética (FREIRE, 2005). Para Freire,

O homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade se não for ajudado a tomar consciência da realidade e da própria capacidade para transformar [...]. A realidade não pode ser modificável senão quando o homem descobre que é modificável e que ele o pode fazer. (FREIRE, apud STRECK et al., 2008, p. 350)

No que se refere à dimensão estética, na escola ela passa necessariamente por uma interação dialógica entre educador/a-educando/a, cuja relação se dá com a participação efetiva dos sujeitos ensinantes-aprendentes através do diálogo e da troca de saberes, como ato amoroso de comprometimento com o outro. Isso se corporifica na apropriação/ressignificação da palavra, eixo entre o sensível e o simbólico que constituem a dimensão estética. Na prática, isso implica a educação dos sentidos para o diálogo; a ampliação da capacidade imaginativa, da criatividade, da inventividade, da transformação do impossível em multiplicidades possíveis; a compreensão do mundo por meio da leitura e produção de textos verbais e não verbais; enfim, o compromisso com a singularidade do pensar – a autoria. E essa realidade se estabelece mais facilmente em espaços potencialmente lúdicos, nos quais educadores(as) e educandos(as) se encontrem mobilizados a aprender-ensinar pela alegria e satisfação de saber sempre mais a respeito de si e do mundo – contexto de sua existência (FREIRE, 1999). Desse modo, entendemos que

a dimensão estética tem a ver com a corporeidade: o corpo que vê tudo o que olha, que ouve tudo o que escuta, que sente tudo o que toca; o corpo que capta o mundo com sua presença, que evoca o passado e projeta o futuro no aqui e agora, que pensa, sonha, deseja e se emociona; o corpo que transforma e se transforma. (MELO, 2003, p.191)

Para Freire (1999), a palavra está no centro do processo educativo como ação cultural; ela propicia a expressividade, a inventividade, o pronunciamento do mundo através da possibilidade de a pessoa “dizer a sua palavra”. Através da palavra verdadeira a pessoa organiza sua percepção de mundo e a expressa se expressando.

Quando a pessoa pronuncia o mundo pronunciando a si, significa que há coerência entre o sentir, o pensar e o agir, que ela é sujeito de sua história; além disso, revela que ela tem consciência e sente o verdadeiro significado do que está sendo expresso, que ela não está repetindo o discurso de outrem de forma mecânica e inconsciente ou silenciando diante de palavras que a coisificam, desenraizam, desumanizam. Enfim, significa que ela aprende/ensina, já que constrói conhecimento, historia-se, uma vez que

Aprender supõe [...] um sujeito que se historia. Historiar-se é quase sinônimo de aprender, pois, sem esse sujeito ativo e autor que significa o mundo, significando-se nele, a aprendizagem irá converter-se na memória das máquinas, ou seja, em uma tentativa de cópia. (FERNÁNDEZ, 2001, p. 68)

A dimensão estética da educação no pensamento de Freire, portanto, exige a presentificação de educadores(as) e educandos(as) que dialogam conscientes de seus papéis em uma sociedade democrática, movidos pela necessidade de transformar o mundo e tornar as relações sociais cada vez mais humanizadas, historiando-se. Neste sentido, o autor afirma que educar exige

Presença que, reconhecendo a outra presença como um “não-eu” se reconhece como “si própria”. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha; que constata, que compara, avalia, valora, que decide, que rompe. (FREIRE, 2005, p. 18)

Assim sendo, a práxis educativa em si já é estética, pois implica ação e reflexão dos sujeitos sobre si mesmos no e com o mundo, em compromisso com uma formação humana emancipatória, em acolhimento e respeito pelas histórias pessoais e coletivas de todos os envolvidos no processo pedagógico. Em suma, exige entrega, amorosidade na relação entre educador(a), educando(a) e conhecimento.

A partir dessas considerações, pretendemos refletir sobre a seguinte questão: como observamos a dimensão estética da educação na sala de aula?

Poderíamos apresentar algumas ideias sobre essa indagação, contudo nos limitaremos a comentar algumas situações/conduitas que possam nos levar a uma reflexão sobre a dimensão estética em nossa prática na sala de aula. A primeira situação que gostaríamos de conjecturar é a de um(a) professor(a) que ministra aula para estudantes das séries iniciais do ensino fundamental por pura necessidade, sem se comprometer com a aprendizagem das crianças, mas se preocupa em ser o(a) mais eficaz, procurando cumprir os programas e transmitir os conteúdos preestabelecidos da melhor forma possível. Do nosso ponto de vista, pressupomos que a relação existente entre os sujeitos educativos e entre eles e o conhecimento limita-se à pura formalidade: um ensina conteúdos exigidos segundo o currículo instituído; os outros aprendem (memorizam) os conteúdos que, muitas vezes, não fazem sentido para eles, pois estão descontextualizados, e, por esse motivo, não há construção de conhecimento. Nesse caso, não observamos uma interação entre o(a) professor(a) e os(as) estudantes. Apesar de ambas as partes cumprirem sua função com todo esmero, não há o encontro/entrega nessa relação (FERNÁNDEZ, 2001); não há diálogo verdadeiro (FREIRE, 2005).

A segunda observação se refere à atitude do(a) professor(a) – ainda frequente nos conselhos de classe ou em situação de avaliação –, que, em relação ao(a) estudante com dificuldades de aprendizagem, costuma rotulá-lo(a) de “fraquinho(a)” ou, quando o(a) estudante apresenta problemas emocionais ou de relacionamento pessoal, o(a) professor(a) o(a) trata como pessoa de comportamento difícil e usa palavras pejorativas, que desqualificam o(a) estudante. A postura desse(a) professor(a) é de destacar o que o(a) estudante não sabe, em detrimento do que sabe; de classificar as dificuldades/limitações do(a) estudante como erros, e não como sinais do que precisa ser redimensionado na sua didática. Essa conduta não expressa a beleza das relações que emancipam o ser humano. O percurso de humanização requer uma relação estética, que é essencialmente de entrega. A entrega pressupõe uma relação horizontal e, nesse caso, o(a) professor(a) se coloca acima do(a) aluno(a).

A terceira e última reflexão é quanto à atuação do(a) professor(a) que faz um ótimo planejamento, demonstrando sua competência técnica, porém não considera a dinâmica da realidade, que é dialética, o que demanda flexibilidade e redimensionamento das ações educativas diante do movimento da vida de cada estudante e do grupo como um todo. Assim, o(a) professor(a) não consegue acompanhar a construção de conhecimento pelos sujeitos educativos, por falta de conexão com as realidades objetivas e subjetivas dos(as) estudantes.

Quando um(a) professor(a) acolhe os(as) estudantes, buscando conhecer cada um(a), saber suas histórias familiares, descobrir seus limites e suas potencialidades, e procura maneiras mais adequadas de interagir com eles(as), formulando perguntas problematizadoras sobre a realidade, escutando as palavras ditas e as não ditas, criando condições para que eles(as) se expressem e reflitam sobre suas formulações,, promovendo a criticidade e criatividade em direção à conscientização quanto à suas possibilidades transformadoras, além de outras ações pedagógicas, esse(a) professor(a) demonstra uma atitude estética, pois sua prática expressa o compromisso político que ele(a) tem com a aprendizagem significativa dos(as) estudantes, com a transformação social. Sua postura revela uma coerência entre os sentimentos/emoções, pensamentos e atos/palavras, no intuito de criar condições de possibilidade para que cada sujeito educativo pronuncie a sua palavra. Visto que dizer a própria palavra é ser autor de sua história, e “autoria e autonomia andam de mãos dadas”, parafraseando Paulo Freire. Diante disso,

Hoje se torna mais imperioso do que nunca possibilitar a escuta e a palavra aos jovens e às crianças. “A historização simbolizante produz-se pela conjugação da recordação compartilhada e comunicada” (Luís Hornstein). Já que construir um passado não significa inventá-lo, mas recuperá-lo e, na recuperação, produzir algo novo (FRENÁNDEZ, 2001, p. 69).

Quando a produção de algo novo é fruto da possibilidade de cada um de dizer a própria palavra, a partir dos meios/formas mais adequadas/coerentes para expressar seu mundo interno e externo, ouvindo e respeitando as palavras dos outros, a comunicação será verdadeira e terá boniteza.

Referências

FERNÁNDEZ, Alícia. **Os idiomas do aprendente: análise de modalidades ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005 (Coleção Leitura).

MELO, Maria das Graças V. **O ensino e a aprendizagem da linguagem teatral na Educação de Jovens e Adultos**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba. Paraíba, p. 212. 2003.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, José, (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

Dança na alfabetização: metamorfoses de imagens corporais.

Márcia V. B. Araújo

“Alfabetizar uma criança só é possível quando o educador penetra na alma dela.” (Moacir Gadotti)

Como mãe de três filhas, acompanhei o processo de alfabetização de cada uma delas e percebi o quão precoce aconteceu, pelo menos com as primeiras, por volta dos cinco anos de idade. Já com a terceira filha, percebi que houve respeito pelo seu ritmo de desenvolvimento, para que o letramento pudesse acontecer na idade mais adequada. Considerando que “a alfabetização é um processo de aquisição de conhecimento e visão de mundo, e não apenas uma técnica de ler e escrever” (LAMEIRÃO, apud BERTALOT, 1995), compreendemos a amplitude desse processo, que se inicia ainda no primeiro setênio, quando a atuação do educador influencia de maneira intensa no desenvolvimento do corpo físico, no amadurecimento dos órgãos, do sistema nervoso, da percepção sensorial e da motricidade. Assim, no primeiro setênio, a educação escolar atua no corpo, especialmente nas forças formativas do corpo.

Recomenda-se que o Ciclo de Alfabetização ocorra nos três anos iniciais do Ensino Fundamental, portanto, estendendo-se até quase o meio do segundo setênio, período em que a influência pedagógica pode ser exercida de maneira mais efetiva. Nesse período, a educação pode tornar-se uma arte pedagógica, rica em metáforas e imagens para as leis da natureza e os mistérios do universo, cujas analogias não falam somente ao intelecto, mas ao sentimento, às emoções, a toda a corporalidade. Como educar crianças que estão na fase de transição do primeiro para o segundo setênio, deixando a fase da fantasia e imitação (antes dos seis anos), e entrando na fase do cultivo da memória, em que a imaginação é fundamental para seu processo de interiorização, se não for através de elementos que nutrem suas almas, como são as atividades artísticas?

Muito já se discutiu sobre os temas relacionados ao corpo, sobre movimento e dança no início do Ensino Fundamental I, anos nos quais a alfabetização acontece de fato e de direito. Porém pouco se tem estudado sobre o ser em desenvolvimento no tocante ao aprendizado escolar. A respeito da relação entre o conhecimento e o desenvolvimento, Steiner (2003) deixou um legado de uma arte educacional viva, baseada na compreensão profunda do ser humano, indicando o que seria adequado aprender em cada fase, a partir da compreensão de desenvolvimento como a liberação gradual de algum envoltório, seja ele físico ou representativo-simbólico ou imaginativo.

O movimento pode fazer parte do processo de alfabetização, como conteúdo do dia a dia desse processo, ou como arte do movimento, como forma de arte educativa. Por sua vez, o ato de fazer dança pode ser ou não acompanhado de poesia, do canto ou da música instrumental, aspectos interdisciplinares que compõem o todo cênico. Qualquer que seja o objetivo do uso do corpo em movimento, precisa haver a adequação à antropologia da criança em cada fase, inclusive respeitando as diferenças individuais. É ainda fato comum a dança aparecer na escola apenas nas datas comemorativas.

Imagens provenientes da oralidade que se tornam gestos dançados são bastante comuns na prática pedagógica da Educação Infantil, mas será que são práticas fundamentadas nos princípios de movimento e no desenvolvimento humano?

Em termos de corporalidade, Strauss (1996) analisou a linguagem gráfica da criança, compreendida como espelho do desenvolvimento infantil, na medida em que as imagens mostram relação com etapas do crescimento. Como exemplos, temos os desenhos simétricos de retas das crianças que estão entre seis e sete anos, que mostram bem a simetria da caixa torácica, indicando a fase de maturação do coração e dos pulmões. Essa é a fase em que o sistema rítmico está predominando nos processos de respiração, nos ritmos de sístole e diástole, nos ritmos do sangue arterial (binário) e venoso (ternário). Em torno dos sete anos acontecem muitas transformações, sendo a principal a troca dos dentes. A autora nos apresenta uma leitura dos desenhos da criança de primeiro setênio, que permite entender seu desenvolvimento posterior.

Sobre a autora

Professora do Curso de Licenciatura em Dança do Departamento de Artes da Universidade Federal de Pernambuco

Na formação de professores, venho tecendo um caminho metodológico a partir dos estudos do corpo em movimento com base na educação somática e na educação steineriana. Ambas têm sido fundamentais para a observação de cada criança, bem como para a compreensão do desenvolvimento da criatividade e da imaginação nos programas de alfabetização, pelo fato de compreenderem o ser humano desde a fase embriológica e em todo o seu ciclo de vida biológico, considerando ainda as dimensões anímicas e espirituais inerentes ao desenvolvimento. Destaco os seguintes aspectos: (1) o uso dos padrões neurológicos vivenciados na abordagem somática; (2) a exploração de percursos a partir do desenho de formas; (3) a compreensão da relação entre o sentido do movimento e o sentido da palavra; (4) a relação com o equilíbrio do ritmo; (5) a experiência com a cultura artístico-musical-gestual da cultura local e nacional.

Com a abordagem do movimento somático (COHEN, 2015), percebemos se as crianças pularam alguma fase do desenvolvimento ou se mantiveram nela, sendo necessário fazê-las vivenciar os movimentos dos estágios anteriores como forma de reelaboração e integração corporal. Ao evitar antecipar fases de aprendizagem, os professores não permitem que sejam retiradas as forças dos órgãos para o sistema neurossensorial de seus alunos. Para Steiner (2003), o movimento do corpo é um caminho para o "ato" do pensamento objetivo. Para Cohen (2015), através do movimento se percebe o estado da mente.

Considerando que a linguagem é algo mais amplo que a escrita e a leitura, a escolarização com vistas à alfabetização deve ocorrer através do respeito ao desenvolvimento corporal da criança, bem como por meio do alimento artístico. Cada educador-alfabetizador traça seu caminho metodológico, e, portanto, há os que promovem a criatividade e a imaginação das crianças, utilizando as chamadas artes rítmico-musicais principalmente como atividades harmonizadoras, o que em si já é bastante enriquecedor. Mas há os que pretendem desenvolver o senso estético a partir dos sete anos, e fazer com que as práticas que envolvem a fala, o gesto e o ritmo passem de jogos de improvisação a criações artísticas, que também podem ser formas de alfabetização estética. O importante é tornar o dia a dia da alfabetização cheio de vitalidade, através da integração entre pensar, sentir e agir, para que as crianças caminhem das imagens, dos gestos e dos sons que permeiam os fonemas às palavras, da imagem ao conceito, do todo às partes.

Podemos dizer que o movimento no primeiro setênio atua num pensar de corpo inteiro. Seria algo vital, que prepara terreno para as dimensões de aprendizagem escolar. No processo de desenvolvimento, o maior trabalho da criança até os sete anos é o de brincar e se mover com liberdade. O movimento antecede a fala, a qual, por sua vez, elabora o pensar objetivo. Da mesma maneira acontece com o letramento, pois a escrita antecede a leitura e a compreensão do texto, e nesse caminho a criança deve "passar da escrita por imagens para a escrita com símbolos" (CARLGREN, 2006, p. 101). Cada vivência de movimento pode construir pontes para a aprendizagem, aproximando a dança e a oralidade, como, por exemplo, na interpretação dançada de um conto de fadas ou de uma fábula ou lenda, com a ênfase na sonoridade das letras. Com os gestos nós acentuamos imaginativamente qualquer palavra pronunciada.

A experiência com os Padrões Neurocelulares Básicos (PNCB¹) é rica em imagens, além de ser adequada a todas as faixas etárias. Junto com os Reflexos Primitivos e as Respostas de Equilíbrio, são os elementos fundamentais do desenvolvimento do alfabeto de nossos movimentos, no percurso da verticalidade, que os bebês fazem até um ano de idade. A essa primeira conquista de ficar de pé e caminhar segue-se a aquisição da fala, que, por sua vez, prepara para a atividade de pensar. Do ponto de vista fisiológico e anímico, a verticalidade é o mais forte elemento de liberdade humana e está relacionado com o pensar. A horizontalidade está ligada ao sentir e o plano sagital (frente e trás) tem a ver com a vontade. Daí a importância de um trabalho de corpo fazendo inicialmente o uso do chão, do solo, passando por outros níveis no espaço, realizando movimentos globais, como rolar, rastejar engatinhar, andar, girar, saltar, passando por movimentos rítmicos de bater palmas e pés, até chegar ao movimento de partes específicas. Pular corda, por exemplo, é um movimento mais global, com o corpo na vertical. Já o uso dos membros isolados, como tocar o chão apenas com a ponta do pé, ou o movimento de pegar no lápis, exigem uma motricidade fina, atuando diretamente no pensar.

Outro exemplo que gradativamente passa do global para o específico é mover nas formas desenhadas no chão ou no espaço. O desenho de formas é um dos elementos curriculares dos mais significativos na pedagogia steineriana, no que se refere ao início da escolarização, a partir dos sete anos, até o quinto ano do ensino fundamental. Os dois princípios básicos da forma são a reta e a curva. Sendo a reta a expressão do pensar e a curva, expressão da vontade, elas podem originar os demais princípios, que são também exercícios de se movimentar.

Lameirão (2016) sugere a seguinte sequência de princípios: 1º ano: Reta e Curva; 2º ano: Espelhamento, Simetria, Ritmo; 3º ano: Fluxo, Continuidade, Inversão, Espiral. 4º ano: Cruzamento, Côncavo, Convexo; 5º ano: Metamorfose, Simultaneidade. Desenhar retas e curvas em todas as direções no papel, desenhar no ar com partes do corpo, caminhar nas formas desenhadas no chão, ou fazê-las em espelhamento com outra pessoa, são maneiras de se vivenciar princípios corporais de movimento, inclusive de orientação espacial – de dimensões e planos – e coordenação motora, antes do reconhecimento de letras, fonemas ou palavras.

O ritmo tem papel fundamental em todos os processos vitais e também nos processos cognitivos. Todo ritmo apresenta uma alternância regular entre dois polos, é algo que contrai e expande, ou cresce e decresce, se abre ou se fecha, sempre num caminho de equilíbrio. Como exemplo temos os ritmos de acordar e dormir, esquecer e lembrar, movimento e repouso, expansão e condensação, entre o dentro e o fora do corpo, entre a percepção de si e a de outras pessoas. O ritmo entre sono e vigília tem importância nos processos de aprendizagem, na medida em que o movimento entre as polaridades de pensar e agir permite ativar o lugar do sentir, do equilíbrio entre vitalidade e consciência, entre sangue e nervo. O ritmo primordial de condensação e expansão gerado pela respiração e pelos movimentos do coração nos mostra que cada pessoa tem seu ritmo e que isso importa no processo educativo. É justamente quando as crianças têm liberdade de explorar e criar movimentos a partir de seu ritmo interno que se instala o entusiasmo em aprender e ensinar movimentos a partir de um ritmo mais coletivo.

E por falar em liberdade, o movimento pode acontecer pela percepção de muitas vias sensoriais, para além dos cinco sentidos tradicionais. Inclusive existe o sentido do movimento próprio, que junto com os sentidos do tato, da vitalidade e do equilíbrio, constituem os sentidos ligados à vontade, mais atuantes de zero a sete anos de idade. O olfato, o paladar, a visão e o sentido térmico estão mais presentes de sete a catorze anos e são os sentidos do sentimento. De catorze a vinte e um anos se desenvolvem os sentidos ligados ao pensamento, a saber, os sentidos da audição, da palavra, do pensamento e da percepção do Eu de outra pessoa.

Na medida em que são cultivados, os sentidos básicos vão se metamorfoseando, como, por exemplo, o tato se torna um tatear cada vez mais sutil até chegar ao sentido de reconhecimento do Eu do outro; o sentido vital, cuja sensação de vitalidade fica no coração, se transforma no sentido do pensamento; o sentido do movimento vai se metamorfosear no sentido da palavra. Em outras palavras, pela teoria dos doze sentidos (SETZER, 2000; KÖNIG, 2000), o fazer imaginativo do movimento corporal tem relação com a linguagem, seja ela artística, metafórica, verbal, cognitiva ou lógica. Já o sentido do equilíbrio, tão importante na conquista da verticalidade, é responsável pela concentração e capacidade auditiva, bem como a capacidade de pensar a matemática e a geometria.

Por fim, são importantes as atividades de improvisação ou reprodução de diferentes estilos de dança, dos repertórios de rodas de dança cantadas e as sonoridades de nossas matrizes culturais, a exemplo dos torés, cirandas, pastoris, cocos e caboclinhos. Essas vivências têm o ritmo ativo, que estimulam movimentos globais do corpo, ou ritmos mais conscientes, com movimentos de partes isoladas do corpo, podendo ou não o(a) professor(a) ser o modelo a ser seguido. No 1º ano, a ênfase é no plural (Nós). Com movimentos para dentro e fora, frente e trás, cima e baixo, em círculos, com o grupo junto, e o(a) professor(a) conduzindo. No 2º ano, a tônica é a relação em pares (Eu e Tu), com espelhamentos de fileiras, brincadeiras de face a face, de vai e vem, como também a imitação nos jogos de ensinar e aprender movimentos. No 3º ano predomina a consciência pessoal (Eu), período de coreografar temas ou canções de trabalho: plantio do milho, do café, trabalhos de fiandeiros, carregar, peneirar, semear, jogar a rede do pescador. As evoluções são feitas em fileiras e espirais, formando uma linda dança-coral.

II

Padrões de ceder, empurrar alcançar e puxar presentes nos seres pré-vertebrados (Vibração, Vibração, Respiração Celular, Esponja, Pulsação,, Radiação Umbilical, Direcionamento Oral, Pré-espinhal) e Vertebrados (Padrão do peixe, do sapo, do lagarto, dos mamíferos)

Referências

BERTALOT, Leonore. **Criança querida. O dia-a-dia da alfabetização.** São Paulo: Antroposófica/Associação Monte Azul, 1995.

CARLGREN, Frans. **Educação para a liberdade: a pedagogia de Rudolf Steiner.** São Paulo: Escola Waldorf Rudolf Steiner, 2006.

COHEN, Bonnie Bainbridge. **Sentir, perceber e agir: educação somática pelo método Body-Mind Centering.** São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

KÖNIG, Karl. **O desenvolvimento dos sentidos e a experiência corporal.** São Paulo: Associação Brasileira de Medicina Antroposófica, 2000.

LAMEIRÃO, Luiza H. T. **Do movimento ao traço e à escrita.** São Paulo: João de Barro Editora, 2016.

SETZER, Sonia. **Os doze sentidos.** São Paulo: Associação Brasileira de Medicina Antroposófica, 2000.

STEINER, Rudolf. **A Arte da Educação – I – O estudo geral do homem: uma base para a pedagogia.** São Paulo: Antroposófica, 2003.

STRAUSS, Michaela. **A linguagem gráfica da criança.** Tradução de Sandra Beck e Simone de Fáveri. Florianópolis, 1996.

A resistência das bibliotecas comunitárias em tempos de pandemia

Maria de Fatima da Conceição Dutra

No início de fevereiro de 2020, iniciou-se a pandemia da Covid-19 no Brasil. Medidas provisórias foram instaladas e muitas instituições tiveram que se adequar aos novos tempos pandêmicos. A matéria do site **Biblioio** intitulada “Por que não conseguimos dar boas notícias sobre livro, leituras e bibliotecas em 2019?” aponta alguns motivos que contribuíram para esse cenário, sendo um deles a existência de um governo que não prioriza as políticas públicas. Recentemente enfrentamos uma “proposta” de reforma tributária a qual incluía a taxação dos livros – caracterizada pela cobrança de contribuição de impostos. Além de um retrocesso – pois desde a Constituição de 1946 os livros são isentos de impostos e tributos –, essa medida contribui para aumentar a desigualdade de acesso aos livros já existente na sociedade.

Em relação à pandemia, lidamos desde o princípio com uma política de desresponsabilização e negacionismo do governo Bolsonaro, que se recusa a seguir as recomendações da OMS (Organização Mundial da Saúde), defendendo o não uso da máscara e priorizando a economia em detrimento das vidas. Com isso, já chegamos lamentavelmente a mais de 557 mil mortes por Covid-19 no Brasil, em 03 de agosto de 2021. Uma triste realidade! Desde então, as Bibliotecas Comunitárias (BCs) vêm-se posicionando criticamente em relação a esse desgoverno, traçando uma série de estratégias para continuar resistindo, mesmo que, em determinados momentos, de portas fechadas.

Sabemos que as BCs são espaços não só de leitura, como também de formação de leitores(as), e promovem a democratização do acesso ao livro. Sua existência demarca que a leitura resiste em bairros periféricos, o que contribui para reforçar o pertencimento da comunidade, pois as bibliotecas estão localizadas próximo das escolas, casas, ou seja, dentro dos bairros das pessoas.

O objetivo deste artigo é refletir sobre a atuação das Bibliotecas Comunitárias e apontar as principais ações e estratégias de resistências desenvolvidas por essas instituições, diante do cenário de pandemia da Covid-19.

Ao escrever o prefácio do livro “O Brasil que lê: Bibliotecas Comunitárias e resistência cultural na formação de leitores”, Castrillón (2018, p.6) nos presenteia com estas belíssimas palavras: “Quando a iniciativa parte das próprias comunidades é porque elas rompem com estes pressupostos, porque pressentem que foram excluídas de algo importante e que devem buscar formas de entrar por essa porta que lhes foi fechada”. A exclusão é o pressuposto referenciado pela autora, uma exclusão que nega, retira direitos, e que, em suas palavras, gera a ideia, nas populações excluídas, de que alguns bens culturais são supérfluos, não lhes pertencem, o que contribui para convencer as pessoas de que ler e escrever não fazem sentido e não são objetos de interesse.

Biblioio

Disponível em: <https://biblioio.info/por-que-nao-conseguimos-dar-boas-noticias-sobre-livro-leitura-e-bibliotecas-em-2019/>.

Quando empregamos a expressão “Biblioteca Comunitária”, vinculamos a sua criação a alguns agentes da comunidade: grupos de pessoas pertencentes ou não a movimentos sociais, coletivo de jovens, entidades privadas sem fins lucrativos, institutos, partidos políticos, grupos religiosos ou até mesmo iniciativas individuais ou de um determinado grupo familiar. A capacidade de a biblioteca se envolver em coletivos e projetos é um aspecto que marca a continuidade da sua existência (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2018). A biblioteca nasce e é formada a partir de uma relação coletiva, construída por muitas mãos da comunidade, isso porque:

Se por um lado é possível associar o incremento na abertura de bibliotecas comunitárias a ações afirmativas de políticas públicas, iniciativas do setor privado (como é o PPL) e extensão universitária, também é marcante na origem das BCs a vontade e a persistência de pessoas e grupos que superam adversidades para conquistar, aos poucos, um espaço no bairro em que se garanta acesso ao livro e à leitura. (FERNANDES; MACHADO; ROSA, 2018, p. 27).

Sobre a autora

Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE, Pedagoga (CE/UFPE), professora de Educação Infantil do Município de Paulista e apoio do Centro de Estudos em Educação e Linguagem – CEEL/UFPE.

As autoras ainda nos ajudam a entender que a criação das BCs não parte de uma iniciativa de agentes responsáveis pela efetivação das políticas públicas ou de intelectuais que fazem parte do cenário da leitura e do livro, e sim de pessoas comuns, moradores da comunidade, que identificam as condições reais de suas localidades e decidem se mobilizar para enfrentar a precariedade e a falta de assistência vivenciada pelas crianças, jovens, adultos e por todos aqueles pertencentes à comunidade.

É a partir dessas diferentes mobilizações que as BC's foram construídas e que atualmente se utilizam de recursos da internet para realizar contato com o público através de postagens em redes sociais, como o Facebook e Instagram, interação que se faz a partir de jogos literários, os quais envolvem trava-línguas, caça-palavras literário, jogo de observação, dentre outras ações, como mediação de leitura virtual, dicas de livros, lives sobre temas relacionados à leitura/literatura etc. Além disso, foram desenvolvidas práticas de comunicação comunitárias através de parcerias com rádios comunitárias, bicicletas sonoras, publicações e compartilhamentos nas redes sociais através de *spot*.¹

1

Textos inseridos em programas de rádios, segundo o significado do Dicionário Online de Português.

Essas estratégias sinalizam que, mesmo diante do cenário da pandemia, o atendimento a todos(as) aqueles(as) que frequentam as BC's continuou, de modo que a biblioteca precisou reinventar suas estratégias e rotinas, com o intuito de dar continuidade às suas ações (RODRIGUES *et al.*, 2020). Um dos exemplos desse reinventar foram as experiências dos “drops literários” em formato de *podcast*.² Essa proposta – organizada pela Releitura - Bibliotecas Comunitárias em Rede, a qual integra 10 BC's distribuídas pelas cidades de Recife, Olinda e Jaboatão – contribuiu para levar a literatura não somente aos usuários das bibliotecas, como também a um público mais geral, devido ao grande alcance de compartilhamento e socialização que as redes sociais proporcionam.

2

Disponível na plataforma Spotify:
<https://open.spotify.com/show/43Cljx0JYcVptrVU9w6dBc>.

Os “drops” configuraram uma estratégia de mediação de leituras de textos literários, contação de contos, poemas, leituras feitas por diversos autores(as), sobretudo, escritores pernambucanos, alcançando, inclusive, programa de rádio como o Frei Caneca, no qual foi realizada uma parceria para a veiculação de cinco episódios dos “drops” no programa “*Diário Salada Pop*”. Essas estratégias reforçam a ideia de que

as mídias digitais estão cada vez mais presentes no universo das bibliotecas impostas pelo distanciamento social. Dessa forma, surgem novas ferramentas tecnológicas que possibilitam o rápido acesso à informação e promovem a disseminação do conhecimento (RODRIGUES et al., 2020, p. 4).

A divulgação de cuidados relacionados à prevenção da Covid-19 vem sendo praticada não somente pelas bibliotecas de Recife, Olinda e Jaboatão, mas também por BC's presentes em diversos estados, a exemplo das ações de distribuição de livros e cestas básicas realizadas pela Biblioteca Comunitária e Escolar Paulo Coelho/Solar, localizada na comunidade do Pavão-Pavãozinho-Cantagalo, no Rio de Janeiro (RODRIGUES *et al.*, 2020). Pias comunitárias foram instaladas na comunidade **Caranguejo Tabaiaries**, localizada na Ilha do Retiro – Recife-PE, como forma de higienização e prevenção da Covid-19. Esse projeto foi realizado a partir de uma parceria entre a referida biblioteca, o coletivo Caranguejo Tabaiaries Resiste e outros parceiros que se somaram em uma ação voltada para hábitos de higiene e prevenção ao vírus.

Em tempos pandêmicos, em que o alto índice de desemprego e a fome assolam grande parte das periferias do nosso país, ações como a distribuição de cestas básicas, produtos de higiene e máscaras às comunidades, organizadas por muitas BC's, revelam um verdadeiro movimento de solidariedade. O projeto “Horta Popular Agroecológica Dandara”, idealizado por diversos coletivos e pela **Biblioteca do Nascedouro**, localizada no bairro de Peixinhos – Olinda-PE, surgiu com o objetivo de dar utilidade social ao espaço de um terreno que servia como depósito irregular de lixo, ao lado da referida biblioteca. Lá são realizados mutirões de plantação e cuidados, encontros de formação e partilha de alimentos produzidos. É importante destacar que esses alimentos são livres de agrotóxicos. Essa ação contribui para levar alimentação saudável à mesa de muitas pessoas da comunidade.

Diário Salada Pop

Disponível em: <https://www.instagram.com/releiturape/?hl=pt>

Caranguejo Tabaiaries

Disponível em: <https://www.instagram.com/biblioteca.cct/?hl=pt>

Biblioteca do Nascedouro

Disponível em: <https://www.instagram.com/bibliotecanascedouro/?hl=pt>

A organização da VII Feira de Leitura e das festas locais, como a FELIC (Festa Literária do Coque), também fez parte de uma intensa articulação entre as BC's de Recife, Olinda e Jaboatão, além da organização e realização da 4ª FLAL (Festa Literária do Alto do Moura, Caruaru- PE). Mesmo diante de um cenário de pandemia, os eventos foram realizados, em sua maior parte, de forma remota. Mas também houve atividades presenciais, a exemplo da entrega das sacolas de leituras, com a distribuição de mais de 400 livros, materiais de desenhos e revistas para o público infantil das 14 BC's realizadoras da Feira de Leitura, seguindo todos os protocolos de segurança e prevenção à pandemia. O formato remoto da Feira englobou uma rica programação de lives, minicursos, apresentando diferentes temáticas, incluindo o lançamento do Programa de Extensão Bibliotecas Comunitárias na UFPE e UFPE nas Bibliotecas Comunitárias.

Uma das ações fruto da parceria com o referido programa de extensão foi o Clube de Leitura “Eu sou porque nós somos”, organizado pela **Biblioteca Popular do Coque**, Recife-PE. O objetivo desse grupo é debater literatura voltada para as questões étnico-raciais, e que tenham como base autores(as) negros(as), indígenas e quilombolas. Sua estreia foi realizada a partir da leitura do livro “Quarto de Despejo”, de autoria de Carolina Maria de Jesus, considerada uma das primeiras escritoras negras do Brasil.

A referida escritora “transformou dor em palavras, papelão em cadernos; fome em pensamentos; escrita em dignidade” (FREITAS e DUTRA, 2020, p. 105). Sua obra é considerada referência para a literatura negra. A linguagem poética e realista revela, em “Quarto de Despejo”, o dia a dia de uma favelada que encontra nas palavras a força para lidar com as diferentes dores da vida. Nas palavras de Carolina Maria de Jesus,

Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade. (JESUS, 1960, p. 173).

Biblioteca Popular do Coque

Disponível em: <https://www.instagram.com/bpcoque/?hl=pt>

Por fim, é importante refletirmos sobre as inúmeras possibilidades e ações desenvolvidas pelas BC's em tempos pandêmicos. Com certeza, existem muito mais ações que extrapolam as que foram registradas neste artigo. Foram diversas estratégias construídas com e para as comunidades, e a persistência desses espaços contribui para se somar ao anseio das lutas pelo direito de acesso à leitura, sua democratização e direito de resistir. Atividades criativas que se somaram à força de compartilhamento das redes sociais e continuaram dando vida aos espaços das bibliotecas. Sem dúvida, foram ações que construíram uma verdadeira rede de resistência!

Referências

CASTILLON, Silvia. **O direito à leitura**. São Paulo: Pulo do Gato, 2018.

FERNANDES, C.; MACHADO, E.; ROSA, E. **O Brasil que lê: Bibliotecas Comunitárias e resistência cultural na formação de leitores**. 1 ed. Olinda: RNBC, 2018.

FREITAS, R. M de e DUTRA, M. de F da C. **Um olhar sobre a educação na Ocupação Carolina de Jesus: notas sobre um projeto comunitário do MTST-PE na cidade do Recife**. Revista Espaço Crítico, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 95-114, dez. 2020. Disponível em: <http://revistas.ifg.edu.br/rec/article/view/903>. Acesso em: 02 jun. 2021.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

RODRIGUES, E. da S. et al. **A experiência da Biblioteca Comunitária e Escolar Paulo Coelho/Solar Meninos de Luz em tempos de pandemia**. In: CONEDU (Congresso Nacional de Educação), VII., 2020, Maceió. Anais... Maceió: Realize, 2020. p. 1-8. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/67615>. Acesso em: 10 jun. 2021.

Comunicação e resistência das bibliotecas comunitárias no ciberespaço

Tarcísio Camêlo

O ano é 2020: uma crise de saúde assombra o mundo todo por conta da Covid-19, nome dado à doença infecciosa causada pelo SARS-CoV2, que é de fácil propagação entre as pessoas. Por conta desse contexto de pandemia, cidades ao redor do mundo precisaram adotar condutas de prevenção orientadas pelas organizações de saúde, como práticas de distanciamento social e permanência em casa, sendo a saída recomendada somente em casos extremamente necessários, condutas que objetivaram reduzir a circulação em espaços coletivos públicos (como ruas e praças) ou privados (como shoppings, bares, shows etc.), com o intuito de diminuir a disseminação do vírus.

Em 2021, por meio de pesquisas com base científica, a população mundial passou a ter acesso às vacinas seguras e eficazes para acabar com a pandemia de COVID-19, mas as restrições de distanciamento social continuaram sendo necessárias, e certamente continuarão até que tenhamos a garantia de que a maioria das pessoas esteja imunizada. Com um maior número de pessoas em casa, teve um aumento no uso de dispositivos eletrônicos (notebooks, celulares, tablets etc.) e, conseqüentemente, um maior acesso às redes de computadores (internet) e utilização das tecnologias de informação e comunicação (TIC). Como aponta a PESQUISA web sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus: Painel TIC COVID-19 (2021), houve aumentos significativos das atividades desenvolvidas na internet por meio da utilização das TIC's no Brasil, se comparado com a pesquisa TIC's Domicílios de 2019.

Em relação ao acesso às atividades culturais, a PESQUISA web revelou a ampliação da utilização da internet durante o período da pandemia. Os indicadores apontam uma maior proporção de usuários da rede, com 16 anos ou mais. Nessa faixa etária, a proporção dos que estavam nas redes ouvindo músicas passou de 79% em 2019 para 86% em 2020; assistindo a vídeos (filmes, programas, séries), passou de 76% em 2019 para 85% em 2020; e lendo notícias, passou de 65% em 2019 para 72% em 2020. Entretanto, os dados da pesquisa revelam um cenário de desigualdades digitais e mostram que as atividades desenvolvidas na internet durante a quarentena ainda ocorrem em menor proporção nas faixas mais vulneráveis da população, nas classes D e E.

Diante disso, é importante definirmos o conceito de ciberespaço defendido por Pierre Lévy, filósofo, sociólogo e pesquisador em ciência da informação e da comunicação. Lévy (2010) lembra que a palavra "ciberespaço" foi inventada em 1984 por William Gibson em seu romance de ficção científica Neuromancer. Lévy define o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores:

O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 2010, p. 17)

Sobre o autor

Jornalista, educador social e defensor dos direitos humanos. Atua na produção de conteúdos audiovisuais e de rádio, documentais e ficcionais e na incidência política para comunicação comunitária, comunicação pública e independente, desde 2007. É pós-graduando em Tecnologias da Aprendizagem pelo Centro Universitário Senac e atualmente trabalha como comunicador da Releitura - Bibliotecas Comunitárias em Rede.

A Releitura atua em Pernambuco e conta com 10 espaços de leitura em comunidades da Região Metropolitana do Recife, da qual integro na função de comunicador. A Releitura faz parte também da RNBC - Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias

Nesse contexto pandêmico, este artigo tem como intuito provocar reflexões e mediar formas de pensar a comunicação das bibliotecas comunitárias no ciberespaço a partir das experiências da Releitura – Bibliotecas Comunitárias em Rede (Releitura-PE)¹. Primeiramente, é importante definirmos o conceito de “ciberespaço”, o que será feito com base nos estudos de Pierre Lévy, filósofo, sociólogo e pesquisador em Ciência da Informação e Comunicação. Lévy (2010) lembra que a palavra “ciberespaço” foi inventada em 1984 por William Gibson, em seu romance de ficção científica Neuromancer. Lévy define o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Nas palavras dele,

o ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 2010, p. 17)

Para Lévy (2010), uma vez que uma informação pública se encontra no ciberespaço, ela está virtual e imediatamente à disposição, independentemente das coordenadas espaciais de seu suporte físico. Isso torna possível, então, que comunidades possam se comunicar por meio do compartilhamento, tendo em vista que cada membro pode acessar as informações, independente de sua posição geográfica.

Outro conceito que Lévy (2010) nos apresenta é o neologismo “cibercultura”, que se refere ao conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), práticas, atitudes, modos de pensamentos e valores que se desenvolvem em consonância com o crescimento do ciberespaço.

Com a tecnologia mais acessível, coletivos, ONGs, sindicatos, entidades populares, bibliotecas comunitárias e demais movimentos sociais começaram a fazer uso do ciberespaço como ato de resistência, com o objetivo de produzir uma comunicação contra-hegemônica, atuando a partir dos interesses coletivos, a fim de visibilizar as ações em defesa dos direitos humanos reivindicadas pela sociedade civil. Em muitos bairros, as bibliotecas comunitárias se configuram como principal, às vezes único, espaço cultural e, também como via de comunicação comunitária para garantir o acesso às informações de interesse público da própria comunidade. A comunicação comunitária ganha mais sentido à medida que se configura como uma alternativa à comunicação tradicional (televisão, rádio, jornais, grandes portais de notícias etc.), que deixa de publicar todos os dias muitos assuntos locais e de interesse das comunidades.

Unindo o acesso às tecnologias e o incômodo com a representação da comunidade pela grande mídia, as bibliotecas comunitárias começaram a produzir também seus próprios conteúdos de incentivo à leitura literária, em busca de um discurso próprio sobre a realidade da comunidade, suas histórias, manifestações de saberes e da cultura popular. Esses locais passaram a atuar também como espaços de comunicação comunitária junto a outros grupos sociais que atuam nas periferias brasileiras, como as rádios e TVs comunitárias, os jornais comunitários, as redes sociais e os portais de notícias dos territórios.

Peruzzo (2017) destaca a importância desses espaços que produzem comunicação comunitária ao afirmar que eles

são os meios comunitários que mais potencializam a participação direta do cidadão na esfera pública comunicacional no Brasil contemporâneo. Eles estão mais facilmente ao alcance do povo, se comparados com a grande mídia. Primeiro, porque se situam no ambiente em que as pessoas vivem, conhecem a localização e podem se aproximar mais facilmente. Processo que é facilitado quando a comunicação se realiza a partir de organizações das quais o cidadão participa diretamente ou é atingido por suas ações. Segundo, porque se trata de uma comunicação de proximidade. Ela tem como fonte a realidade e os acontecimentos da própria localidade, além de dirigir-se às pessoas da “comunidade”, o que permite construir identificações culturais. Afinal a familiaridade é um dos elementos explicativos da mídia de proximidade. (PERUZZO, 2017, p. 20)

Sendo assim, para as Bibliotecas Comunitárias, é fundamental pensar uma comunicação de uma forma que envolva a comunidade nas produções de conteúdos, de forma participativa, com o envolvimento dos diferentes atores sociais (como leitores, agentes culturais, de saúde e sociais, conselheiros tutelares, entre outros) e servindo também como espaços de expressão aos artistas do lugar. A cibercultura potencializa a abertura de novas possibilidades de comunicação a partir de uma reconfiguração social para que as trocas de experiências, descobertas e compartilhamentos entre os atores sociais sejam realizadas, pois no ciberespaço não são mais restritos o espaço e o tempo, o que pode intensificar a participação e o envolvimento de mais pessoas na produção de conteúdos das bibliotecas.

O contexto pandêmico interferiu diretamente na dinâmica de abertura dos espaços físicos das bibliotecas comunitárias. Com o distanciamento social, causado pela pandemia, essas articulações e parcerias se tornaram ainda mais fundamentais para que as Bibliotecas Comunitárias possam produzir conteúdos de incentivo à leitura literária e manter a relação de afeto e pertencimento também no ciberespaço.

Citando o caso da Releitura-PE, para contornar esse contexto, foi preciso intensificar a apropriação do ciberespaço e pensar a comunicação de forma estratégica para realizar trocas e interações com esses atores sociais da comunidade, possibilitando que continuassem envolvidos e participativos nas ações das bibliotecas. Uma experiência que podemos identificar como exitosa, de apropriação das tecnologias para uso de mediação e expressão da literatura como direito humano, foi a produção dos Drops Literários, série de podcasts com textos autorais escritos por autores pernambucanos, independentes e parceiros da Releitura-PE. Eles foram proporcionados a partir da cibercultura, e permite que pessoas geograficamente distantes possam compartilhar e receber informações e expressões culturais.

Por meio das redes sociais digitais (como Instagram, Facebook, Twitter, What'sApp), que a sociedade brasileira utiliza diariamente para compartilhar textos, áudios e imagens, a equipe de comunicação da Releitura-PE enviou mensagens para mobilizar artistas parceiros das bibliotecas comunitárias, com o intuito de receber áudios de textos literários autorais. De forma participativa, os escritores aceitaram o convite e começaram a interagir e a enviar conteúdos de áudios literários acompanhados de uma fotografia e um breve histórico a partir da atuação com a literatura.

Ao receber o material, a equipe de comunicação da Releitura-PE o traduziu para o formato de podcast e adicionou, por meio de software livre de edição de áudio, uma apresentação do escritor e uma trilha sonora para compor o áudio literário enviado. Para as trilhas sonoras é possível acionar também, por meio das redes sociais digitais, musicistas e músicos parceiros, para que possam enviar músicas autorais para serem utilizadas, ou pesquisar trilhas sonoras em biblioteca de áudio livre no ciberespaço. Em seguida, o podcast é novamente compartilhado por meio das redes sociais digitais para que as pessoas que frequentam as bibliotecas possam acessar esse conteúdo, além de quebrar as barreiras geográficas, uma vez que a informação pública se encontra no ciberespaço. Gabriel Santana afirma que

é com essa percepção que experiências como o Drops Literário, por meio dos áudios veiculados nas mídias digitais e redes sociais, vêm possibilitando uma interação literária por meio da palavra falada, mantendo viva a mediação de leitura, uma das principais atividades das Bibliotecas Comunitárias para o incentivo à leitura [...] (SANTANA, 2020, p.50)

Além dos Drops Literários, a Releitura-PE utiliza a cibercultura para produção de conteúdos e interação com atores sociais da comunidade em outras linguagens, como vídeos, transmissões em formato de lives, áudios, textos e imagens, com intuito de compartilhar ações de incentivo à leitura, assim como também visibilizar e tornar as discussões políticas defendidas pela rede, em torno do direito humano à literatura, mais conhecidas.

Conclusão

Diante do exposto, vê-se, em uma época em que o distanciamento social é obrigatório, o quanto se torna essencial quebrar as barreiras dos espaços geográficos das comunidades nas quais as bibliotecas estão inseridas, o que torna a ocupação do ciberespaço fundamental também para ampliar o trabalho de promoção dos direitos humanos, ainda que existam as desigualdades digitais e que o acesso à internet não esteja assegurado a todas as pessoas. A partir das experiências colaborativas de produção de conteúdos desenvolvidas no ciberespaço, a Releitura busca possibilidades para diminuir esses impactos.

A criação de conteúdos multimídia de informação e comunicação (vídeos, áudios e textos), a partir da apropriação das tecnologias como espaço de mediação e expressão da literatura como direito humano e ocupação de diversas mídias digitais, tem sido fundamental nessa atuação. O mesmo conteúdo produzido por meio das trocas no ciberespaço também pode ser compartilhado em outras mídias, com o intuito de levar as produções para mais pessoas. Dessa forma, a Releitura tem feito parcerias com emissoras públicas e comunitárias de rádio e televisão de Pernambuco, assim como também se tem utilizado de veículos com sistemas de sons, como bicicletas e carros de sons, que circulam pelas comunidades, aumentando o alcance dos compartilhamentos dos conteúdos.

Em tempos de pandemia, bibliotecas comunitárias seguem fechadas, com atendimento ao leitor por meio das redes sociais digitais, empréstimos de livros agendados e ações de incentivo à leitura, como a mala de leitura e o correio poético, pois acreditamos que dessa forma mantemos a segurança dos leitores e da equipe técnica, mas também não deixamos de realizar nosso principal trabalho: o acesso à informação e à promoção dos direitos humanos.

Referências

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

PERUZZO, C. M. K. **Direito à comunicação comunitária: participação popular e cidadania**. Lumina, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p.1 - 29, jun. 2007. ISSN 1981-4070. DOI: 10.34019/1981-4070.2007.v1.20989. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/20989> . Acesso em: 30 jun. 2021.

PESQUISA web sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus: Painel TIC COVID-19. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2021. [Livro eletrônico]. Disponível em: <https://cetic.br/pt/publicacao/painel-tic-covid-19/> . Acesso em: 30 jun. 2021.

SANTANA, Gabriel. **A literatura em novos “em Cantos”: O Drops Literário como experiência sensível do dizer e ouvir a literatura por meio da cegueira pandêmica**. A Universidade Federal de Pernambuco. Revista Literatura e Arte no Ciclo de Alfabetização, Recife, Ano 4, n.4, p. 48-51, nov. 2020. Disponível em: <http://www.portalceel.com.br/-publicacoes/#ancora> Acesso em: 30 jun. 2021.

Entre vistas



Kalyna de Paula Aguiar

Jogos teatrais -
aprender brincando
com leveza e
estímulo à
espontaneidade.

Entrevista por
Maria das Graças Melo

RLA - O que é o Sistema de Jogos Teatrais?

Kalyna - O Sistema de Jogos Teatrais, desenvolvido pela diretora, atriz e professora de Teatro Viola Spolin (1906-1994), foi exposto pela primeira vez no ano de 1962, em seu livro *Improvisação para o Teatro*, e, mais tarde, organizado como Fichário. Consiste numa atividade baseada em jogos de improvisação, com o intuito de estimular o participante a construir um conhecimento próprio acerca da linguagem teatral. Trata-se de uma atividade coletiva, calcada no conceito dos jogos de regras acordadas pelo grupo. Apesar dos jogos teatrais serem amplamente utilizados em ambientes escolares até os dias atuais, a obra de Spolin não se dirige apenas aos interessados no trabalho com Teatro em escolas, mas a todos/as que desejem se expressar através do Teatro.

RLA - Como é estruturado o processo de aprendizagem no Sistema de Jogos Teatrais?

Kalyna - O processo de aprendizagem estrutura-se a partir da **resolução de problemas**, os quais são apresentados ao grupo, que elabora respostas próprias. À medida que o grupo vai compreendendo e respondendo os problemas com resoluções cênicas e criativas, os jogadores ficam mais envolvidos, concentrados na cena, como se estivessem se apresentando em um teatro. De acordo com Desgranges (2006, p. 111), o coordenador da atividade “propõe novos desafios, mais complexos, leva o grupo a explorar os diversos aspectos da encenação, trabalhando os vários elementos da linguagem teatral, que vão sendo vez a vez selecionados como foco de investigação, tais como: a percepção espacial e cenográfica (ONDE), aqueles que se referem à construção de personagens (QUEM), e o desenvolvimento da ação dramática (O QUÊ)”.

Solução cênica acordada pelos jogadores da ação e/ou jogadores da plateia, em função do desafio apresentado no jogo teatral. Dinâmica que prepara o (a) jogador (a) para a solução de muitos tipos de problemas em muitas áreas de estudo.



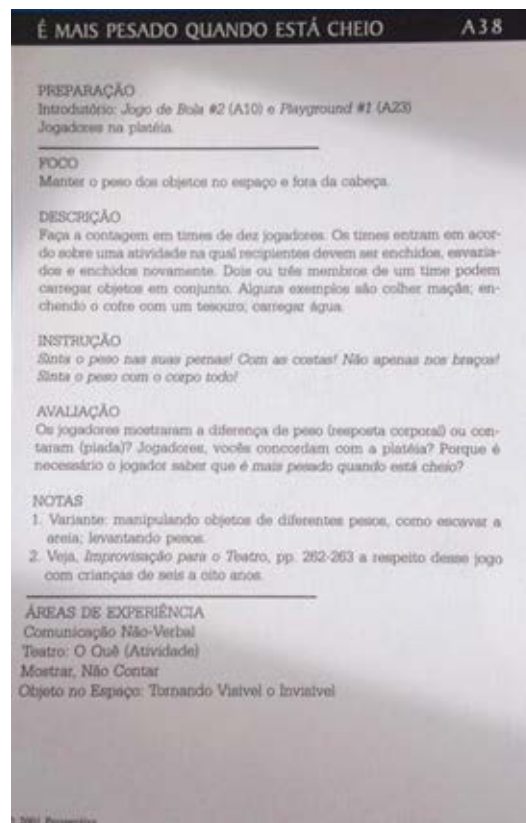
Kalyna de Paula Aguiar

Professora da Universidade Federal de Pernambuco, com atuação no curso de Teatro - Licenciatura. Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE. Experiências nas áreas de Educação e Teatro com ênfase na formação de professores/as e prática pedagógica, atuando nos seguintes temas: Pedagogia do Teatro e Ensino de Teatro na Educação Básica. Membro da Cátedra Paulo Freire-UFPE.

Assim, compreendemos que uma das funções do jogo teatral é o de abrir novas possibilidades a serem experimentadas coletivamente, não existindo certo ou errado, belo ou feio, e, sim, a experiência teatral vivenciada. Do ponto de vista didático, a espacialidade do jogo teatral dá-se a partir dos espaços de ação (jogadores da ação) e de observação (jogadores que observam a ação), ambos envolvidos no jogo, não existindo passividade. Existem duas modalidades de jogos teatrais: jogo teatral de caráter livre, cujos/as jogadores/as improvisam cenas de acordo com as temáticas que vão surgindo, e os jogos teatrais cujas temáticas são previamente anunciadas ou acordadas.

RLA - Quais os princípios básicos que fundamentam a experiência dos jogos teatrais na educação de crianças de 6 a 10 anos?

Kalyna - Aprender brincando, liberdade para decidir, fazer escolhas, criar e imaginar. O jogador precisa estar livre para interagir e experimentar seu ambiente social e físico. Quando todos estão envolvidos, desafiados em buscar a solução para o problema apresentado, o teatro acontece. O jogo teatral possibilita a aquisição de responsabilidade (individual e social), quando oportuniza o exercício da liberdade para decidir, respeito pelo outro e comprometimento com as decisões do grupo. Em consonância, Spolin (2007) nos ensina que a intuição é vital para a aprendizagem, porém, negligenciada nos processos de ensino. Não podendo ser ensinada, apenas sentida. “o intuitivo só pode ser sentido no momento da espontaneidade, no momento em que somos libertos para nos relacionarmos e agirmos, envolvendo-nos com o mundo em constante movimento e transformação à nossa volta” (SPOLIN, 2007, p. 31). Por outro lado, quando os jogadores estão focados no jogo, são capazes de transformar objetos ou criá-los. Neste sentido, a autora afirma que “a criatividade não é rearranjo, é transformação” (SPOLIN, 2007, p.32). Brincadeira, liberdade, intuição e transformação andam de mãos dadas, constituindo-se princípios básicos que fundamentam a experiência dos jogos teatrais na educação de crianças de 6 a 10 anos. Destacamos, também, a valorização do plano da corporeidade no processo de ensino, uma vez que, em um jogo teatral, há o experimento de expressão física através dos gestos e atitudes. O corpo ganha espaço pedagógico quando enfatiza o mostrar, ao invés do contar.



RLA - Quais os objetivos e os procedimentos utilizados no Sistema de jogos teatrais adequados à formação de alunos no Ciclo de Alfabetização?

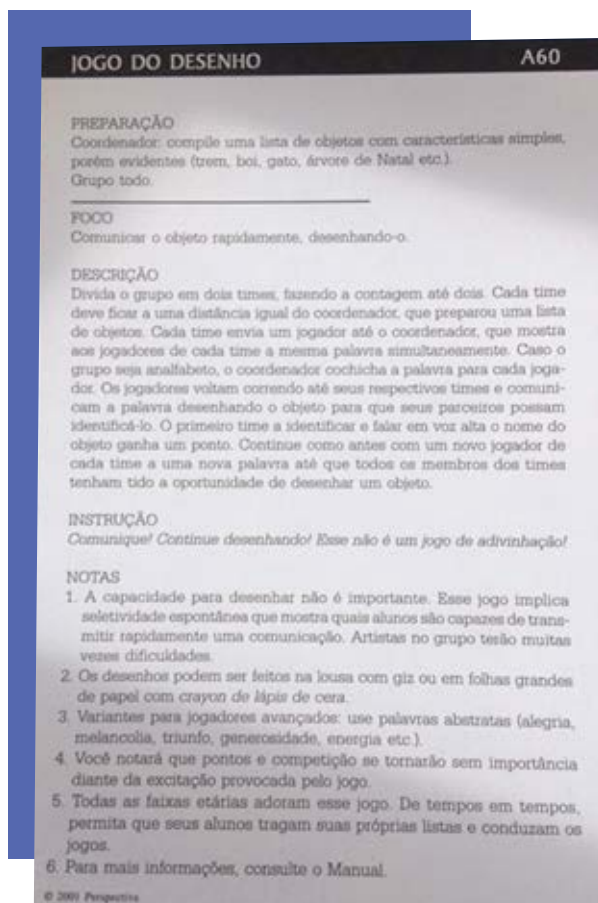
Kalyna - Os jogos teatrais são úteis para o desenvolvimento da comunicação por meio do discurso e da escrita, e de formas não verbais. Através deles, os/as estudantes aprimoram habilidades de concentração, resolução de problemas e interação em grupo, além dos jogos estimularem a relação entre os pares, a espontaneidade e a criatividade coletiva. Em relação aos procedimentos, geralmente iniciamos com **jogo de aquecimento** (jogos tradicionais – extraídos de nossa memória afetiva), em seguida, a experimentação do jogo teatral (foco – instrução e avaliação).

Corresponde ao jogo tradicional realizado com o grupo todo, antes da sessão de oficina de jogos teatrais. Os jogos de aquecimento focam a interação do grupo, removendo a distração externa, além do aquecimento físico necessário para o desenvolvimento dos jogos teatrais.

RLA - Quais as potencialidades dos jogos teatrais na formação das crianças que estão no Ciclo de Alfabetização?

Kalyna - As potencialidades dos jogos teatrais percebidas na formação das crianças, em especial aqueles/as que estão no Ciclo de Alfabetização, são diversas. Desde a constatação de uma entrega prazerosa e revigorante, a experimentação do jogo teatral potencializado através do brincar à decodificação de palavras na aprendizagem da leitura.

Entretanto, penso que uma das potencialidades seja a de auxiliar na passagem da relação de dependência para a autonomia, que significa a transformação do egocentrismo (brincadeira do faz de conta) para o jogo socializado (jogo teatral com regras acordadas pelo grupo), ou seja, a inserção da regra no conceito de jogo. A criança, “ao fisicalizar (mostrar) o objeto (emoção ou personagem), ela abandona quadros de referência estáticos e se relaciona com os acontecimentos, em função da percepção objetiva do ambiente e das relações do jogo. O ajustamento da realidade a suposições pessoais é superado a partir do momento em que o jogador abandona a sua história de vida (psicodrama) e interioriza a função do foco, deixando de fazer imposições artificiais a si mesmo e permitindo que ações surjam da relação como parceiro” (KOUDELA, 2007, p. 23).



Nesses termos, compreendemos que os jogos teatrais potencializam a socialização, gerando impactos no Ciclo de Alfabetização. Um dos exemplos são os jogos tradicionais, como as brincadeiras de roda, excelentes para a introdução de texto. Aprender brincando/jogando através da leveza e do estímulo à espontaneidade. Outro exemplo refere-se à construção de significados por meio da linguagem teatral, em que o jogo teatral ganha centralidade na relação com a criação de texto: do jogo ao texto ou do texto ao jogo, perspectivas possíveis. Na primeira, parte-se do jogo teatral (improvisação) para o desenvolvimento da escrita de um texto. Na segunda, o seu contrário: o ponto de partida será um texto, elemento inspirador do jogo teatral.

RLA - Como você vê a utilização do Fichário de Viola Spolin pelos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, especialmente no Ciclo de Alfabetização?

Kalyna - De uma maneira geral, existe uma tendência por parte dos/as professores/as das séries iniciais em utilizar o Fichário de Viola Spolin como um “manual”, uma espécie de “receita mágica” para atender a objetivos que não dialogam com a linguagem teatral. Imagino que isso esteja relacionado com a falta de embasamento teórico-metodológico do uso dos Sistemas de Jogos Teatrais. Daí, o reconhecimento de uma limitação. Por outro lado, quando se estabelece o uso correto do Fichário, percebo algumas possibilidades se, em um processo de ensino no Ciclo de Alfabetização, houver uma reorientação metodológica, em que os jogos teatrais ganhem espaço. Neste caso, é provável que por meio do brincar/jogar a espontaneidade seja valorizada através da expressão criadora, existindo a superação de atitudes mecanizadas.

RLA - Você já teve a oportunidade de praticar os jogos teatrais com estudantes das séries iniciais do Ensino Fundamental? Como foi a experiência?

Kalyna - Apesar de termos aplicado jogos teatrais em turmas multisseriadas, tivemos a oportunidade de trabalhar com algumas crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental. Para esse grupo de estudantes, trabalhamos com os jogos tradicionais, brincadeiras de suas memórias afetivas e da cultura popular. Consideramos a experiência boa, pois ao longo do processo percebemos mais interesse desses estudantes. Existia um prazer em jogar/brincar de teatro (como eles se referiam aos jogos teatrais). Para nós, mediadores dos jogos, a experiência foi organizada a partir das etapas: jogar (ação) – refletir (sobre o jogo) – retornar ao jogo (revisitado). Muito gratificante, por ter oportunizado o envolvimento e a participação da comunidade escolar com a comunidade acadêmica.

RLA - Você coordena um projeto (ou grupo) de estudo e pesquisa sobre o Sistema de Jogos Teatrais de Viola Spolin? Como surgiu a ideia de criar esse grupo?

Kalyna - Sim, coordenei o GT – Jogos Teatrais/Viola Spolin no período de 2006 a 2009, que tinha o propósito de experimentar e refletir sobre os jogos teatrais como possibilidades pedagógicas voltadas à educação básica. A ideia da criação do GT surgiu a partir da vontade que alguns estudantes da Licenciatura em Teatro anunciaram em dar continuidade aos experimentos e aos estudos sobre jogos teatrais concebidos pela Viola Spolin. Tínhamos realizado alguns jogos teatrais na disciplina de Metodologia do Ensino de Teatro, e aí desejaram continuar com os experimentos e estudos. No primeiro momento, o grupo foi composto só pelos estudantes de teatro, e, depois, tornou-se um grupo aberto a todos/as que desejavam praticar jogos teatrais. Nesse momento, o GT se inseriu como atividade de extensão, indo aplicar jogos para estudantes de uma escola pública localizada no entorno do campus universitário da UFPE. A decisão de trabalharmos com a obra Jogos Teatrais: O Fichário de Viola Spolin (2001) possibilitou um espaço de formação através do ensino, da pesquisa e da extensão.

RLA - Como se deu a experiência prática dos jogos teatrais durante o período em que você trabalhou com os estudantes do curso de Licenciatura em teatro da UFPE?

Kalyna - Pautados no Fichário de Jogos Teatrais de Viola Spolin desenvolvemos as seguintes etapas: experimentação de todas as fichas do Fichário, tal como recomendado pela autora, no sentido de apropriação dos jogos propostos; reflexão sobre os jogos vivenciados a partir da base teórica defendida pela autora; aplicação dos jogos teatrais aos estudantes da escola pública localizada no entorno do campus universitário da UFPE; devolutiva dos jogos teatrais junto ao corpo docente da instituição escolar e registro do processo através de relatório e de produção iconográfica. O resultado do trabalho foi socializado no Congresso da ABRACE, no ano de 2008, através de comunicação oral e artigo. &

Referências

AGUIAR, Kalyna Paula. GT – Jogos Teatrais/Viola Spolin – PE: da semente à floresta – um solo fértil para peripécias pedagógicas. IN: **V Congresso da ABRACE**. Belo Horizonte. V. 9, n. 1(2008).

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Brecht: um jogo de aprendizagem**. Editora Perspectiva, 2007.

DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do teatro: provocação e dialogismo**. São Paulo: Hucitec, 2006.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. Tradução Ingrid Dormien Koudela e Eduardo Amos. 4. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. **Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin**. Tradução Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. **Jogos teatrais para sala de aula: um manual para o professor**. Tradução Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: perspectiva, 2007.

Socorro Barros

“Meu alimento primeiro começou em casa com as histórias da tradição oral contadas em família”

Entrevista por
Carminha Bandeira

Ao fazer uma imersão nas suas memórias, a educadora social Socorro Barros reconhece a ação relevante da sua mãe, Amara Elias, professora autodidata e contadora de histórias, na base da sua formação leitora. Das suas lembranças emerge também o pai, Sebastião, conhecido por Paizinho, agricultor nos engenhos das Alagoas, poeta de versos de improviso e mestre de **cambindas**. Amara, junto com Paizinho e outras pessoas da família e da vizinhança, constituíam um ambiente tão vivo de práticas de oralidade e escrita na realidade dos engenhos que ao fazer a retrospectiva de sua formação leitora Socorro constata que cresceu numa comunidade leitora na expressão da oralidade ou da arte literária.

Nutrindo-se nessas referências, Socorro tornou-se uma contadora de histórias, fez formação em Pedagogia e reside há mais de uma década do bairro da Várzea, onde implementou o projeto A Voz na Praça, em companhia de sua mãe, ora nonagenária. Nesta entrevista, ela reflete sobre como a leitura e as histórias a constituíram como pessoa e orientam sua prática pedagógica, junto aos jovens em situação de risco e, cada vez mais, junto às crianças.

As cambindas são uma expressão cultural criada pelos povos negros com traços fortes no maracatu rural. O mestre canta e dança, animando os cordões das baianas, que respondem ao refrão de suas canções e versos de improvisos criados por ele.



Socorro Barros

Educadora social e idealizadora do projeto A voz da Praça, no bairro da Várzea, em Recife.

RLA - Quem é Socorro Barros?

Socorro - Sou educadora com trajetória na educação popular por paixão, pedagoga por profissão na educação socioeducativa, e o que mais dá sentido à minha vida é ser contadora de histórias, onde me encontro e me reafirmo em minhas raízes que abrem novas janelas e apontam para outros horizontes. Sou moradora da Várzea, sou mãe, esposa apaixonada e amante da vida, com muitas amigas e amigos para conviver e aprender juntos. **A justiça restaurativa** é o que me faz e refaz a cada dia na convivência humana e nos aprendizados com a vida. Na **constelação familiar** encontro a força da ancestralidade e vejo tudo interligado com a arte de contar histórias numa memória que reluz amor, buscando a transformação social e um mundo melhor para se viver. Apesar de ter passado minha infância num lugar com pouca intimidade com as palavras escritas, meu universo cultural foi alimentado pelas histórias orais entre contos e cantos no encantamento da vida. Minha mãe, meu pai, minha avó, meus irmãos e irmãs, amigos e amigas daquela região poderiam ser reconhecidos hoje como uma comunidade leitora na expressão da oralidade ou da arte literária.

A Justiça Restaurativa é um paradigma que evolui do sistema punitivo para o restaurativo, pautada em diálogos pacificadores originário de culturas africanas. As práticas restaurativas começam no sistema judiciário, sendo ampliadas a outros campos, como educação, práticas comunitárias, envolvendo também a família, dentre outras. Howard Zehr, grande referência na área, diz que a justiça restaurativa é um modo de vida que passa primeiro pela transformação pessoal. Na década de 1970, surge com mais força no sistema judiciário na Nova Zelândia, Austrália e América do Norte, baseando-se, geralmente, em práticas indígenas e aborígenes.

A Constelação Familiar é uma prática terapêutica sistêmica criada por Bert Hellinger, que tem como base a família e trabalha as memórias ancestrais, fazendo com que as pessoas se libertem dos emaranhamentos do passado. As histórias literárias também trazem conhecimento ancestrais que se aplicam à vida. A contação de histórias no processo socioeducativo dialoga com essas duas práticas, integrando conhecimentos dos povos tradicionais à medida que promove a escuta e o diálogo de forma lúdica, fazendo com que os socioeducandos reflitam sobre suas histórias de vida e ampliem seus horizontes com outros referenciais.

RLA - Onde e quando você nasceu? Fale um pouco da sua mãe, do seu pai, das suas primeiras lembranças de infância...

Socorro - Minha mãe conta que eu nasci em casa e quem fez o parto foi minha avó Senhorinha, mãe do meu pai, que os netos e netas lhe chamavam de Mãe Chiole, porque ela não queria ser chamada de vó. Quando ela morreu eu tinha um ano e morei nesse lugar até os três anos de idade. De lá fui morar na Fazenda Tibau, distrito de Japaratinga (AL), onde fiquei até os nove anos de idade. Passei ali a melhor parte da minha infância. Havia de fato espaço livre para brincar, correr pelas campinas, comer frutas frescas, tomar banho de rio, brincar de rodas com outras crianças, viver intensamente a expressão da arte cantada em versos e ouvir as histórias do povo do lugar.

RLA - Tem alguma lembrança ruim da sua primeira infância?

Socorro - A lembrança ruim foi quando tive que sair de lá para morar em outro lugar, o Engenho Genipapo, distrito de Maragogi- AL, porque na Fazenda Tibau não tinha mais terra para papai trabalhar na agricultura, então, ele resolveu se mudar. Eu tinha cerca de nove anos de idade e me lembro que passei uma semana chorando quando cheguei nesse novo lugar, um sítio bem isolado, com poucos vizinhos e toda minha relação de amizade construída ficou no Tibau. Eu senti muito mesmo essa mudança, até me acostumar demorou. Não posso deixar de ser grata a essa área rural do estado de Alagoas, que tanto enriqueceu meu imaginário como alimentou meus sonhos em tempos de criança.

RLA - Fale mais de suas lembranças no Engenho Tibau, povoado de histórias da tradição oral.

Socorro - Meu alimento primeiro começou em casa com as histórias da tradição oral contada em família num espaço que cabia muita gente, entre adultos, jovens, velhos e crianças. No desenrolar do fio dessa meada vem os cordéis, cantigas de rodas, causos, trava-línguas, anedotas, adivinhas, repentes improvisados, histórias de almas penadas, “cumade fulorzinha”, sem esquecer as de assombração, que dava aquele friozinho na barriga, mas ninguém queria sair de perto. No entorno daquele lugar iam se estendendo outras expressões culturais, como as crenças religiosas seguidas das novenas, do terço rezado em casa, das rezadeiras com seus rituais, tudo isso compartilhado espontaneamente pelas boas conversas entre famílias e vizinhos. Os rituais dessas histórias começavam geralmente à noite, no meio da sala, outras vezes se estendiam ao redor da fogueira, chegando até à Casa de Farinha – lugar mágico e simbólico, onde de tudo acontecia um pouco, inclusive o compartilhar da vida, estendendo-se as histórias contadas, misturando-se ficção e fantasia e realidade. E no meio disso tudo, as cambindas daquela região em que meu pai era um dos cantadores principais. Para citar um exemplo, segue uma estrofe de canção de cambinda criada por Sebastião – Paizinho:

*Eu andava viajando
De Recife a Maceió
Boa noite seu Mesquita,
Como vai dona Geó? (bis)*

A arte de cantar e dançar foi o que mais deu sentido à vida do meu pai. A intensa vida que, vez por outra, o riso ocupava o espaço das lágrimas. Sustentar dez filhos não era fácil para quem vivia do trabalho da roça em terras que não eram suas. O sistema de arrendamento de terra não lhe dava muita opção. Dali tirava o sustento à força de muito trabalho junto aos filhos. Quando a chuva de inverno chegava pesada, ou o sol de verão vinha mais forte, a comida na mesa diminuía. Fome mesmo ninguém passou, mas na hora da crise tinha que se fazer o milagre do pão para alimentar tanta gente nas três refeições do dia.

RLA - E o que mais você se lembra dessa infância marcada por ricas referências da tradição da oralidade? Como você conseguiu transitar para a escrita, para a cultura letrada?

Socorro - Minha mãe, grande contadora de histórias, foi a professora dos filhos e de vários sobrinhos, ensinando-lhes as primeiras lições. Ensinava até mesmo aos vizinhos, que se juntavam ao redor da mesa para aprender a ler, escrever e desenvolver as habilidades com a matemática, brincando com os números, dando exemplos de vivências práticas do dia a dia. Minha mãe aprendeu a ler com as amigas no livro de Felisberto de Carvalho e ensinava a gente as primeiras lições na Carta de ABC, ampliando as lições com o conhecimento que aprendeu nesse livro e as experiências de vida, contando histórias e lendo cordéis, os clássicos, seus preferidos: A Princesa da Pedra Fina, O Soldado Francês e o Capitão do Navio. Também sabia contar de memória, os versos cantados, com ritmo na voz que todo mundo se admirava. Minha mãe nunca foi à escola, mas alfabetizou muita gente, inclusive eu, que sou muito grata a ela por ter me apresentado ao mundo das letras me fazendo compreender o significado das palavras, juntando letra por letra e depois formando frases até chegar a pequenos textos ou escrever cartas. Ela escrevia muitas cartas para a família e também para alguns vizinhos que não sabiam escrever e pedia a ela para escrever cartas para parentes. A pessoa ia ditando o que queria dizer e ela escrevia, depois lia toda a carta para que soubesse como ficou a carta escrita.

RLA - E seu Paizinho, também sabia ler e escrever?

Socorro - Meu pai lia pouco, escrevia o necessário, mas assinava o nome com muito orgulho e aprendeu a fazer versos de improviso. Fazia as contas na cabeça, usando o trabalho na lavoura, em seguida registrava os números no papel sem linha, meio embaralhado, depois passava a limpo no caderninho de anotações. Isso era o que ele contava do jeito que aprendeu a ler e a escrever sem ter muito tempo de ir à escola. Meu pai aprendeu a ler com meu tio, irmão da minha mãe, escrevendo o alfabeto na areia do roçado. Meu tio foi outro que também aprendeu a ler sem ir à escola. Meu avô, o ferreiro José Lopes, de origem portuguesa, que era mesmo um sertanejo, ensinou as primeiras lições ao filho, Manoel Lopes, ou Neco Lopes, como a família e os amigos mais próximos o chamavam. Foi o suficiente para que desenvolvesse grande paixão e habilidade com a matemática. Adorava os números esse meu tio. Meu avô, José Lopes, era cristão, gostava de ler a Bíblia e na casa dele, pelo que mamãe contava, circulavam livros, principalmente os folhetos de cordel.

RLA - Fale um pouco mais do seu aprendizado de ler e escrever com Dona Amara.

Socorro - Meu desejo primeiro era desvendar o mistério das palavras escritas. Olhava o papel e queria entender o enigma das letras, para mim, sem nexos, sem sentido, que apareciam rolando ao vento pelo meio da casa num pedaço de revista velha ou de jornal que vinham em embrulho de mercadorias, geralmente da feira de Porto Calvo ou Maragogi. Esses pedaços de papel, folhas soltas de jornal ou de revistas, pairavam diante dos meus olhos e eu ficava horas a observar os traços, sinais, símbolos que insistiam em me dizer alguma coisa que eu não entendia, mas queria entender. Minha mãe logo percebeu que havia chegado a hora de me apresentar o segredo das palavras escritas. Mas como não existia escola por perto, ela mesma se encarregou de me ensinar as primeiras letras. Comprou a Carta do ABC e me ensinou as primeiras letras do jeito que aprendeu com suas amigas de infância, bebendo na fonte do livro de alfabetização, escrito por Felisberto de Carvalho. O mesmo livro em que o poeta Patativa do Assaré também aprendeu a ler, dando continuidade com a poesia que se encarregou de ampliar sua leitura de mundo com muita criatividade. No espaço de seis meses, antes mesmo de minha mãe se dar conta, eu já estava lendo e escrevendo meu próprio nome. A partir daí comecei a escrever cartas a parentes e amigos, principalmente, minhas irmãs que moravam em São Paulo. Eu podia contar a elas tudo que estava vivendo, a saudade que estava sentindo e as novidades que aconteciam naquele lugar. E elas adoravam ler minhas cartas, ficavam impressionadas como eu conseguia escrever com tanta imaginação. Meu cunhado dizia que minhas cartas pareciam filmes. Isso elas me falavam quando respondiam as cartas. Por esses caminhos conheci novos lugares, pude falar da vida por meio das linhas traçadas, contando pedacinhos da minha história vivida naqueles lugares.

RLA - Depois de se alfabetizar com Dona Amara, como foi a sua relação com outras escolas?

Socorro - Na escola José Paes de Oliveira, na Fazenda Carão, distrito de Maragogi, entrei com onze ou doze anos. Minha mãe me matriculou na Alfabetização, mas quando a professora percebeu que eu já sabia ler e escrever ela me adiantou para a primeira série e eu fiquei muito feliz com este reconhecimento. Eu fazia minhas lições e ajudava colegas de turma que não sabiam. No recreio eu gostava de brincar debaixo de um pé de flamboyant que fazia uma grande sombra ao lado da escola, e o irmão da professora me paquerava. Ele ia conversar comigo à sombra da árvore, mas nunca passou das conversas. E eu gostava também das festas juninas: na frente da escola se fazia uma grande fogueira no dia de São João, e a gente se divertia com as comidas típicas e músicas juninas.

RLA - Fale um pouco de seu trabalho com educação socioeducativa na Funase. Você consegue integrar a contadora de história?

Socorro - Eu sou pedagoga e trabalho na Fundação de Atendimento Socioeducativa (Funase), integrando uma equipe técnica multiprofissional. No trabalho da escrita, faço o plano individual de atendimento de cada adolescente que acompanho, junto com os relatórios pedagógicos que vão ser avaliados pelo poder judiciário e ministério público nas audiências que também participo. Mas o que gosto mesmo de fazer é trabalhar com a Justiça Restaurativa, fazendo círculos de construção de paz com os adolescentes e também com os servidores da instituição. E venho integrando no processo socioeducativo a contação de histórias, seja separadamente ou integrada à justiça restaurativa.

RLA - Como coordenadora do Grupo Voz na Praça, você vem participando da Feira de Leitura Territórios Interculturais de Leitura, animando o Circuito Infantil. Fale um pouco dessa experiência da arte de contar histórias na formação das crianças.

Socorro - Quando comecei a contar histórias na Praça da Várzea, em 13 de dezembro de 2012, a ideia inicial era reunir pessoas adultas que quisessem ouvir ou contar histórias a partir de seus acervos pessoais ou compartilhar contos da tradição oral numa roda de conversa. E aos poucos foram chegando crianças acompanhadas de suas famílias, o que me fez repensar a proposta, organizando melhor o espaço com mais acolhimento, e também revendo a escolha das histórias, de modo que pudesse atender os diferentes interesses e faixas etárias. A partir daí começamos a convidar outros contadores/as de histórias, integrar livros infantojuvenis na decoração do espaço, facilitando o acesso à leitura das crianças que passavam. Elas se aproximavam para manusear o livro, apreciar as imagens, se encantar com as palavras, descobrir as histórias, lendo individualmente ou na interação grupal. No processo fomos percebendo o quanto as crianças demonstravam desejo de se expressarem em público lendo livros, recitando poesia, brincando com trava-línguas e adivinhas. E assim fomos avançando com elas na ampliação de suas leituras e construção de novas relações afetivas, nas trocas entre crianças, jovens e os mais velhos. Observamos ainda que as histórias contadas oralmente despertavam a curiosidade para descobrir novas histórias por meio dos livros infantojuvenis e que as crianças se aproximavam mais das famílias, através da mediação das histórias. O grupo A voz na Praça começou a convidar outros grupos de contadoras, como a Cia Palavras Andarilhas, e tivemos a ideia de ensinar as crianças a contar histórias, através do projeto As Guardiãs. Cada contadora, mãe, avó ou tia fez a escolha de uma criança da família que demonstrasse interesse e começou a transmitir para ela a tradição da arte de contar.

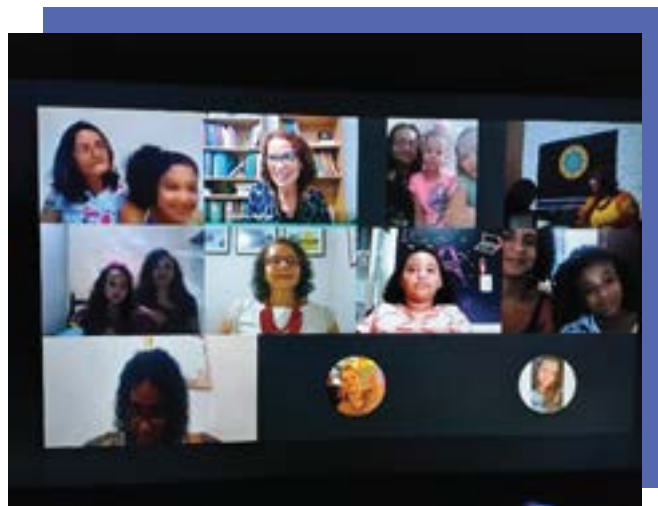
Outro ponto importante a ser destacado é que no período da pandemia, o grupo A Voz na Praça começou a se reunir em lives, articulando um grupinho de crianças para contar histórias com suas guardiãs contadoras de histórias, numa linda e significativa interação com a arte literária. Na VII Feira de Leitura da UFPE, foi realizada outra live com esse grupo e uma criança de dez anos de idade deu um depoimento no final, dizendo: “Nunca imaginei que um dia pudesse estar contando história na Universidade Federal de Pernambuco” (Malu, neta de Carminha, contadora de histórias do Cia Palavras Andarilhas). Assim como essa criança, todas as outras e suas guardiãs saíram com a autoestima bem mais elevada, reconhecendo a importante ação realizada no espaço da arte de contar histórias. E esse grupo continua se comunicando e contando histórias junto. O último encontro foi no 8º Arraial Literário, em junho deste ano, numa live, ao vivo, bem animada, com várias expressões da oralidade relacionadas ao contexto junino.

RLA - Agradeço por essa bela entrevista. O que mais você gostaria de dizer aos leitores da Revista Literatura e Arte sobre esse seu aprendizado com a arte de contar histórias?

Socorro - Na cultura da tradição oral na África Ocidental, o griot é o guardião das palavras, da memória e dos costumes de seu povo. Antes de morrer, ele elege uma pessoa da família para dar continuidade à arte do contar histórias. Nesse caso, eu, com muita honra e humildade, me sinto essa pessoa eleita pela minha mãe para dar continuidade à tradição de contar histórias, a começar pelo resgate das histórias em família. Vez por outra, em conversa comigo, ela me diz: aprenda esta história, porque um dia eu não vou estar aqui, e é você quem vai continuar contando essas histórias. Hoje, venho reunindo muita gente da família e amigas e amigos contadoras/es de histórias num significativo resgate da memória ancestral, integrando variadas expressões da arte literária. Venho aos poucos retomando o ato de contar histórias em família, resgatando as histórias preferidas dos irmãos e irmãs, sobrinhos e sobrinhas, o que tem se revelado um verdadeiro encontro afetivo de conexão com nossas ancestralidades. Nesse processo, tanto se resgatam talentos na expressão da oralidade como começam a surgir novas habilidades entre as crianças e adultos, por exemplo, o gosto pela leitura e a inspiração pela escrita na criação de histórias literárias.

Crianças que contam histórias

Crianças que contam histórias
Com suas guardiãs
Fadas mães
Fadas tias
Fadas avós
A força viva da tradição oral.
O sonho na frente
A magia da palavra
O brilho no olhar
O aconchego das histórias.
Contam e encantam
Estas crianças
Com suas fadas madrinhas
E a voz do coração.



Print da tela de live durante a 7ª Feira de Leitura do CE Crianças contadoras de histórias e suas guardiãs.



Contando histórias na Escola Paulo Freire



Contação de histórias nas festividades da Igreja da Várzea



Contação de histórias na praça da Várzea

The image features a vibrant green background with a repeating pattern of black birds in flight. The birds are depicted in various positions, some with wings spread wide, others in a more compact, streamlined shape. A central red circle is also present in the pattern. The word "História" is written in a white, serif font across the middle of the image.

História

Rotina

Hugo Maciel

Sobre o autor

Escritor, pedagogo e coordenador pedagógico do Instituto Peró.

O ônibus seguia seu destino, quente, lotado. Fones de ouvido, pouca interação, cabeças baixas, bolsas pesadas, braços cruzados.

Em uma parada qualquer sobre o sujeito pela porta de trás, as pessoas que antes eram estáticas e robóticas passam a se movimentar, celulares são guardados, músicas interrompidas e o silêncio carregam peso devastador, tamanho do som daquele motor.

- Bom dia, passageiros.

Um silêncio robótico se faz.

- Bom dia, pessoal?

- Bom dia, pessoal?

Do fundo do ônibus uma luz de alegria, a resposta que o ambulante ansiava saiu de uma senhora que aparentava ter mais de 70 anos, de uma aparência extravagante, inclusive na voz. O seu "BOM DIA" fez com que os passageiros repetissem em coro a saudação ao ambulante.

- Desculpa incomodar a viagem, pessoal, mas eu vou trazer para vocês uma novidade, é a mais nova goma de mascar sem açúcar. Na minha mão vocês podem comprar por apenas R\$ 1,00. Nas barraquinhas por aí custa em média R\$ 1,50 a R\$ 2,00. A validade se encontra no verso da embalagem. Não perca essa promoção e vocês ainda ajudam o pai de família! Eu vou passar o produto para vocês, só o fato de vocês segurarem já ajuda meu trabalho, pessoal.

Braços cruzados, cabeças baixas, pouca interação. Ele desce na parada seguinte e não vendeu nada, pois pessoas amargas precisam de goma de mascar com açúcar.

É tão tarde para ele, já que aquele era o seu vigésimo terceiro ônibus do dia... enquanto meu relógio pensava em despertar, o ambulante de ônibus já estava na esquiva. Uma gota de suor vermelha pinga de sua testa, uma gota de sangue transparente cai dos olhos, por cada goma vendida.

Era cedo para mim, mas tarde para aquele ambulante, já cansado de tanto receber não.

Poesia

Ser negro no Brasil (escravocrata)

Ailton Guerra

Ser negro no Brasil é foda
Aquele olhar de cara, as piadas são dolorosas
Não vou fingir que não incomodam, incomodam
Há 500 anos fecham as portas
As chibatadas continuam, só que agora são silenciosas
Os gritos não ecoam mais, como tratado de paz
Que doem em seus ancestrais, eu não taquei fogo em seus cardiais
Eu sobrevivo sendo perseguido no escuro
Eles falam que me vitimizam e vejo racismo em tudo
Os patrões resistentes, conscientes e graúdos, e com medo de
nos ver pensar, querem força bruta em tudo
Racismo institucional, desculpa não temos vagas
Arrasta Claudia, prende Vinicius, Amarildo some de casa
As favelas são as novas senzalas, as chibatadas modernas balas
Século XXI e vala
Grotesco é a sua ignorância que tem meu sangue como herança
Mestiço sua petulância, tão europeu quanto africano
O povo leigo no país laico
Só tem negro na TV, porque alguém tem que ser o vilão
Sou resistência viva por Marielle, Mandela e Malcon X
É foda ser negro em um país escravocrata
Onde a carne negra é mais barata
Mastiga esse ar de superioridade
Engula a igualdade que vai queimar em sua garganta
Faça uma boa digestão dos seus podres pensamentos
E cuidado ao defecar seus argumentos

Sobre o autor

Escritor, educador social, estudante de Pedagogia e mediador de leitura da Biblioteca do Poço.

Um Corpo Chocolate

Willams Alves, codinome Juca Tigre

Sobre o autor

Mediador de leitura na Biblioteca Comunitária do Peró, Jaboatão dos Guararapes.

Escorre pelo chão
O negro
Sangue do preto
Diante do batalhão
O grito suado do gueto
Sem nada em sua mão
À vista da polícia que vejo
Prendendo em corrupção
Acusado de tráfico espesso
Sua cor, o acusou.
Perdido em si mesmo
Ouviu o disparo e voltou para o velejo
Caiu no mar de vida e depois se lamentou
Não sabia se resistia e aos poucos se entregou
Foi fechando os olhos e logo se lembrando
Abriu sua bolsa e algo foi tirando
Quando conseguiu pegar já era tarde
O livro foi baleado e seu corpo vai metralhado

Preta

Alysson Reis

Eu tô descalça
Eu tô descalça
Por trezentos anos, sem dó
Tiraram nossas terras
Tiraram nossas calças

Nosso filho que era preto
Agora é mulato
E não foi escolha
Foi estupro
Foi forçado

300 anos de escravidão
500 anos de estupro
Os caras olham preu falar em solidão:
"Racismo não existe,
Não é desse mundo".

Eu os convido por um dia
A se sentir mulher
Mulher e preta
Aguentar a barra
Ser tocada no busão
Ter que suportar um presidente racista.
Eu, como humana
Já nem tenho uma opção
Mas como Negra eu grito alto:
ELE NÃO!

Parabéns pra você
Nesta data querida...

O gueto completa mais um ano
E agora disfarçado de favela
E tá geral comemorando
O preconceito que há nela

Alguém consegue me explicar
O mapa da violência?
Racismo, machismo, estupro, assédio
E o medo dessa merda continuar
Pra nossa descendência

O que cê acha desse papo
De Consciência Negra?
Dia 20 defende o negro
O resto do ano é macaco
Quem tem pele preta?

Babacas
Acham que acabou a escravidão
Mas o preconceito que nós
Negras e pobres vivemos
É o quê, então?

Dia 21 de março
Dia internacional pela eliminação da discriminação racial.
O quê?
Eliminação da discriminação
RA-CI-AL

Eles não acreditam nisso
Mas sabe quantas vezes
Pela cor da minha pele eu corri perigo?
Eu já perdi as contas
Mas foram milhares
E já nem me espanto
Que nas ruas, os militares
Batem e espancam
Já nem trocam olhares.
Mas eu olho pro alto
Pra varanda deles e grito:

"É fácil me chamar de
Besta, macaca, idiota
Agora senta e assiste
Eu ocupando a vaga do teu filhinho
Com cotas ou sem cotas"

Consciência negra é ter
o valor da nossa cultura na mente
Não posso fazer nada se o fato de
Sermos pretas te machuca cruelmente.

Negra sim,
Temos empoderamento que não acaba
Uma luz que tentam, tentam, tentam
Mas não apaga.

Negra sim,
Corre nas nossas veias a luta
E a merda da desistência
Não é nossa conduta.

Negra sim, eu sou
Não troco a minha cor
500 anos de sangue derramado no Brasil
E o orgulho de ser negra
Consegue ser maior que nossa dor.

Negras sim,
Temos uma força
Uma força que não para
Porque toda revolução tem uma voz feminina
Hoje a nossa
A de ontem, Dandara.

Apelo

Vânia Beatriz Monteiro da Silva

Já é tempo
De capturar no palco da memória
o negaceio intermitente
da minha gente
que se eleva feito espiral de DNA diante dos maus tratos, dos desafetos,
de crisar a mão e os cabelos
e o coração chorar num tum, e sorrir num outro tum.
Tum, tum, tum.
Já é tempo de saudar o sabor pretérito daquela avezinha esculpida pela avó,
com fiapos da massa de pão, me alimentando a alma.
de amplificar o som dos passos que vêm de longe,
ritmados ou aos sobressaltos
e seguir,
e repousar cultivada,
a embriagar-me de prazer com os frutos da inesgotável potência Negra para a Liberdade!

Sobre o autor

Ativista dos direitos humanos
socioambientais e leitor da BC
Amigos da Leitura, Alto José Bonifácio.

Sobre a autora

Pedagoga aposentada, trabalhou
como professora e pesquisadora
universitária na área da educação
das relações étnico-raciais atuando
pelas ações afirmativas.

Relatos de experiências



Projeto concerto de leitura

Fabíola Siqueira Pinto
Escola Municipal Oswaldo Lima Filho

O Concerto de Leitura é um evento literário que acontece anualmente na Escola Municipal Oswaldo Lima Filho, que integra a Rede Municipal de Ensino de Recife. Esse evento foi idealizado pela coordenadora pedagógica Verônica Costa Taveira e a professora de biblioteca Fabíola Siqueira Pinto, que juntamente com a professora de Biblioteca Luiza Flor organizam o evento a cada ano. O principal objetivo é promover a leitura, o diálogo com a literatura e estimular o prazer de ler e escrever nos estudantes, desmistificando o exercício do fazer literário.

O projeto envolve todas as turmas da escola, em seus três turnos: turmas de Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental, Acelera (Correção de Fluxo) e Educação de Jovens e Adultos (Fase 2). É importante destacar que o Concerto de Leitura faz parte do Projeto Político-Pedagógico da escola e foi pensado seguindo os princípios da Política de Ensino da Rede Municipal, visto que *“julga-se fundamental o desenvolvimento, nas Unidades Escolares, de experiências planejadas de inserção dos(as) estudantes no mundo da literatura”* (RECIFE, 2015, p.73).

Consideramos que um leitor competente é constituído a partir do contato com textos diversificados, permeado por um trabalho que mostre diferentes funções sociais da escrita e envolva os estudantes com seus diferentes níveis de aprendizagem, em atividades de leitura e escrita criativa. A escola, através deste projeto, apresenta-se como espaço estimulador de uma leitura abrangente, crítica e inventiva possibilitando ao estudante utilizá-la para viver melhor, entender o mundo, uma vez que aproxima o aluno leitor do autor dos livros que lê, desmistifica a ideia de que os escritores são seres distantes e mostra que todos são capazes de escrever o que está guardado no imaginário.

Consideramos que um leitor competente é constituído a partir do contato com textos diversificados, permeado por um trabalho que mostre diferentes funções sociais da escrita e envolva os estudantes com seus diferentes níveis de aprendizagem, em atividades de leitura e escrita criativa.

A escola, através desse Projeto, apresenta-se como espaço estimulador de uma leitura abrangente, crítica e inventiva, possibilitando ao estudante utilizá-la para viver melhor, entender o mundo, uma vez que aproxima o aluno leitor do autor dos livros que lê, desmistifica a ideia de que os escritores são seres distantes e mostra que todos são capazes de escrever o que está guardado no imaginário. Para a realização desse evento, contamos com a parceria, de forma voluntária, de muitos escritores pernambucanos e contadores de histórias, os quais já colocaram o Concerto de Leitura da Escola Municipal Oswaldo Lima Filho como atividade em suas agendas, da União Brasileira de Escritores (UBE) - seção Pernambuco e do Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores. Contamos também com o empenho de todos os profissionais da nossa escola, professores, gestores, merendeiras, auxiliares de serviços gerais, porteiros e agentes administrativos.

O Projeto foi sendo construído no cotidiano da escola. No primeiro ano (2008), fizemos a exibição de filmes que eram adaptações de obras literárias na Biblioteca. No segundo ano (2009), tivemos a ideia de colocar oficinas literárias, mas conseguimos apenas algumas. Muitas turmas tiveram oficinas elaboradas por seus próprios professores. Além disso, tivemos a presença de um escritor em cada turno da escola, que interagiu com as turmas, aos poucos, na quadra da escola. No terceiro ano (2010), nossa meta maior foi atingir uma oficina ou encontro com escritores para cada turma. Alcançamos essa meta nos turnos diurnos. A partir do quarto ano (2011), estabelecemos um acordo de Cooperação Cultural com a União Brasileira de Escritores (UBE – PE) e passamos a contar com mais escritores. Desde a edição de 2012, conseguimos garantir um número suficiente de autores e contadores de histórias no evento. Cada turma teve um encontro com um escritor, um contador de história, um ilustrador e também poderia ser contemplada com uma oficina literária. É importante ressaltar que os professores participam com os alunos dos encontros com escritores e das oficinas literárias. Cada professor fica encarregado de ser o orientador de uma turma de estudantes, possibilitando os estudos e as pesquisas referentes ao autor que irá receber.

Desta forma, são trabalhadas antecipadamente biografia e obras dos escritores que confirmam presença no evento, bem como os temas abordados nas oficinas. Isso explica a expectativa para o momento mágico – o encontro – e a quantidade de perguntas feitas pelos alunos, assim como o envolvimento nas atividades. A partir de 2012, nosso evento passou a acontecer durante quatro dias com alguns encontros fora da escola: na sede da UBE nos eventos Quarta às Quatro e Quinta Temática – Literatura Fantástica e na Academia Pernambucana de Letras.

Na abertura do evento realizamos atividades na quadra com a participação de escritores, contadores de histórias e apresentações culturais dos estudantes. Este é o momento em que, coletivamente, brincamos com a literatura, desfrutando dela em diferentes linguagens: música, teatro, dança. Mas também refletimos junto com nossos convidados a respeito do fazer literário e da importância da literatura para as nossas vidas.

No segundo e no terceiro dia acontecem os encontros em sala de aula com os escritores. É o momento da conversa, da troca de informações sobre os gostos literários, as inspirações. Cada turma prepara uma apresentação expressando suas impressões a respeito da obra literária, seus questionamentos, ao mesmo tempo em que estabelece um diálogo, produzindo algo inspirado na obra estudada.

No quarto dia acontece o encerramento, em que cada turma relata sua experiência em sala com seu convidado para a comunidade escolar e apresenta o que produziu a partir das leituras realizadas.

Em 2019 experimentamos um novo formato a pedido dos professores dos Anos Finais: fizemos apenas a abertura do evento na quadra e, ao longo do ano letivo, os encontros com os escritores foram acontecendo a partir da sinalização do professor de que sua turma havia concluído o trabalho sobre a obra do escritor escolhido. Ao final do ano, avaliamos essa nova proposta e definimos que continuaríamos vivenciando-a no ano seguinte, por oportunizar uma vivência mais aprofundada com as obras literárias.

O Projeto também tem ações voltadas para os professores, que acontecem em momentos de planejamento: café literário na escola, com a presença de algum escritor, oficina de expressão poética na UBE e encontro com imortais na Academia Pernambucana de Letras são exemplos de algumas ações.

Em 2020, a pandemia impediu que esse evento acontecesse presencialmente. No entanto, ele é uma ação consolidada na escola. Decidimos realizá-lo em formato remoto. Um grande desafio pôs-se à nossa frente: as turmas dos Anos Iniciais, Acelera e EJA-Fase 2 interagem com seus professores em grupos de WhatsApp. As turmas dos Anos Finais utilizaram o Google Meet. O Concerto de Leitura precisaria ser veiculado nessas duas plataformas. Como professora de Biblioteca, eu precisava encontrar uma solução para o desafio.

Após levantar algumas hipóteses, decidimos exibir para os estudantes vídeos gravados pelos escritores, vídeos que foram direcionados aos alunos da nossa escola.

Nesse formato, as turmas receberiam várias “visitas” e com os seus professores escolheriam o escritor ou escritora que gostariam de conhecer, assim como a obra literária e sua biografia. Esse momento de trabalho escolar remoto trouxe a oportunidade de contar com escritores que moram fora do nosso estado. Para a nossa alegria, o poeta paraibano Jessier Quirino, o premiado escritor para crianças André Neves e o escritor cearense Fabiano Carneiro aceitaram o nosso convite. Ao todo, 21 escritores nos enviaram seus vídeos.

Desde 2011, a nossa escola é convidada para apresentar produções dos estudantes no Palco Além das Letras da Bienal Internacional do Livro de Pernambuco. Todas as apresentações foram frutos das atividades realizadas durante o Concerto de Leitura. Em 2013, realizamos o lançamento simbólico do Livro dos espelhos, na Academia Pernambucana de Letras. Na ocasião, os estudantes apresentaram dramatizações de alguns contos escritos por eles. Na escola, fizemos o lançamento do livro Alguns cultivos: entre a arte da música e da botânica (alunos do 4º, 5º e 6º anos), produto final de um trabalho realizado com a socióloga Sônia Lessa. Esses livros são exemplares únicos editados pela Editora Paés, cortesia concedida por meio do escritor Wellington de Melo.

No ano de 2014, outro grupo de estudantes escreveu um livro com histórias inspiradas no Rio Capibaribe, fruto do encontro com o escritor Inácio França e seu livro Um rio de gente. O livro Um rio de histórias foi organizado e confeccionado na própria escola. Para encapar o livro, nos inspiramos no trabalho alternativo da Editora Mariposa Cartonera, que utiliza papelão e lã. O livro foi lançado nesse mesmo ano na União Brasileira dos Escritores. Os estudantes realizaram leituras dramatizadas e presentearam os escritores que estavam na atividade com exemplares autografados do livro.

Os escritores também saem inspirados depois das experiências com as crianças. Foi o que aconteceu com a escritora Gerusa Leal. Habituada a escrever para um público mais maduro, participou de um encontro com estudantes com 10/11 anos de idade e ficou encantada com o interesse delas. Em seu blog, a escritora escreveu:

Momentos preciosos com a turminha do 5º ano D da Escola Municipal Oswaldo Lima Filho no encontro com escritores da programação do Concerto de Leitura. Um bellissimo trabalho de base pelo qual parabenizamos a Escola e todos que a fazem possível, professores, coordenadores, funcionários e, é claro, os alunos, que deixam a gente feliz pelo interesse pela leitura e a prontidão para a compreensão dos textos lidos. A turminha gosta de verdade de ler. Um presente pra quem também gosta feito eu. (LEAL, 2012)

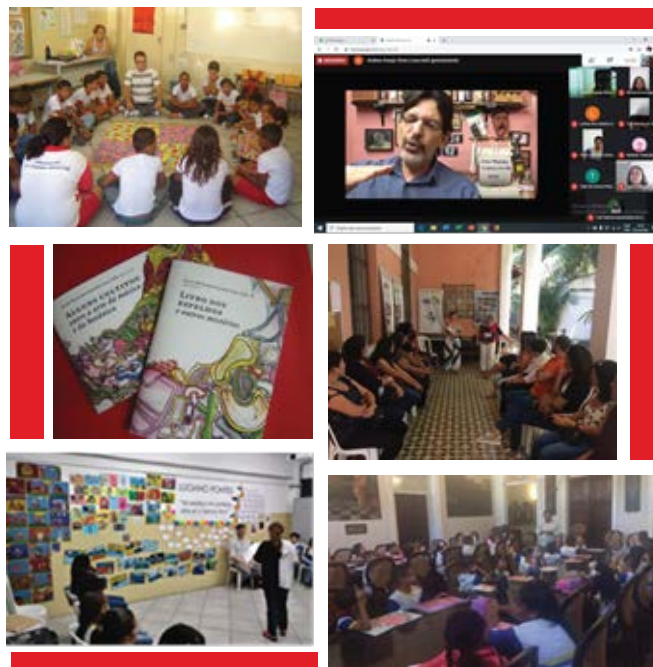
Antes de ir embora, Gerusa afirmou que, depois do contato com a turma, ficou com vontade de escrever uma história infantil. No ano seguinte (2013), lançou o livro infantil Carolina, pela Editora Bagaço, o qual foi lido por uma turma de estudantes do 4º ano, no evento de 2014, e inspirou outro trabalho, no qual as crianças contam como aprenderam a ler e escrever.

Segundo depoimento do escritor e jornalista Inácio França, dado no programa de rádio Para Gostar de Ler, da Rádio Jornal do Commercio (17-04-2015), “o Concerto de Leitura é o maior evento literário, em termos de concentração e participação de escritores, do Estado de Pernambuco”.

Além disso, em 2020, quatro turmas dos cursos de Pedagogia e Letras da Universidade Católica de Pernambuco e duas turmas da Universidade Estadual Vale do Acaraú discutiram o Concerto de Leitura em suas aulas. Participamos de algumas aulas de forma remota para falar do evento literário e responder às dúvidas dos estudantes.

Como tudo o que acontece na escola, o Projeto sempre é avaliado. A avaliação ocorre em diversos momentos: nas atividades, por meio de observações e relatos dos escritores e oficinairos; por análises dos materiais produzidos pelos alunos e na autoavaliação realizada pela equipe de trabalho. No formato virtual, a avaliação aconteceu numa reunião de toda a equipe da escola pela plataforma Google Meet. É dessa forma que nosso Projeto vem evoluindo ao longo desses treze anos de existência.

Podemos concluir, portanto, que estamos contribuindo para a formação de leitores, que estão tendo uma visão diferenciada da literatura, através da proximidade com escritores, e que se descobrem capazes de expressar suas ideias, suas histórias, seus medos e vivências ao tecer as palavras, revelando todo o seu potencial criativo.



Referências

LEAL, Gerusa. Encontros com alunos da Escola Municipal Oswaldo Lima Filho. **Blog Flor de Gelo**. Recife, 3 maio 2012. Disponível em <http://flor-de-gelo.blogspot.com/2012/05/encontro-com-alunos-da-escola-municipal.html>. Acesso em: 7 jun. 2021.

RECIFE. Secretaria de Educação. Política de Ensino da Rede Municipal do Recife: Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano / organização: Jacira Maria L'Amour Barreto de Barros, Katia Marcelina de Souza - Recife: Secretaria de Educação, 2015.

Projeto de leitura da biblioteca escolar: uma proposta no modelo virtual aprimorado.

Ana Paula Albuquerque
Cristiane Renata da Silva Cavalcanti
Gertrudes Gomes Lins
Marlene Barbosa da Silva
Mízia Batista de Lima Silveira
Noêmia Fabiola Costa do Nascimento
Ronaldo Henrique Martins da Silva

Gerência de Políticas Educacionais dos anos finais do Ensino Fundamental, da Secretaria de Educação de Pernambuco

As primeiras palavras

Esta oficina, Projeto de Leitura da Biblioteca Escolar: uma proposta no modelo virtual aprimorado, fez parte, dentre outras oficinas, do I Workshop da Gerência de Políticas Educacionais dos Anos Finais do Ensino Fundamental – GEPAF, com a temática Ensino híbrido à luz do currículo de Pernambuco: caminhos possíveis”. O objetivo do evento foi o de proporcionar reflexões acerca do ensino híbrido, à luz do currículo de Pernambuco e sobre a prática docente em escolas públicas estaduais, despertando o interesse pela busca constante de aperfeiçoamento, integração, ressignificação e atualização nas áreas de conhecimento, a fim de ressignificar a prática docente e a efetivação da aprendizagem.

O encontro foi organizado em equipe, com profissionais que trabalham na gerência citada anteriormente, com o objetivo de promover a pedagogia de projeto no ambiente da biblioteca escolar através do modelo virtual aprimorado. A oficina possibilitou aos participantes ampliarem seus conhecimentos em relação ao ensino híbrido e à utilização de recursos tecnológicos na educação.

É importante que os educadores, em sua maioria não nativos de uma era tecnológica, sejam contemplados com formações continuadas sobre recursos digitais diversificados, para fazerem uso de ferramentas tecnológicas na sua metodologia de ensino, pois “o uso de tecnologias digitais no contexto escolar propicia diferentes possibilidades para trabalhos educacionais mais significativos para os seus participantes.” (BACICH; TANZI; TREVISANI, 2015, p.41)

A necessidade de vivenciar o ensino híbrido, com aulas presenciais e remotas, se fez premente nesse momento de pandemia. Dessa maneira foi urgente que os docentes se apropriassem das tecnologias digitais e as utilizassem na educação, de maneira efetiva, no seu fazer pedagógico. As tecnologias digitais passaram, assim, de um uso esporádico para um uso contínuo, consolidando-se na educação. Segundo Freire, “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” (FREIRE, 2003, p. 47) A oficina de “Projeto de Leitura da Biblioteca Escolar: uma proposta no modelo virtual aprimorado” contou com 46 participantes: a princípio, foram inscritos 25 participantes, mas, diante das solicitações, tivemos que ampliar o quantitativo.

A organização vivenciada

Diante dessa nova realidade, o segmento escolar – principalmente os docentes – teve que se reinventar e se apropriar das tecnologias digitais existentes, para dar continuidade ao ensino e aprendizagem de seus estudantes. O ensino híbrido, já utilizado como ferramenta para incentivar o ensino e a aprendizagem, tornou-se indispensável no processo educacional. Dessa maneira, cabe a cada profissional identificar o melhor processo, ou o melhor método, para trabalhar com seus estudantes, planejando práticas para o contexto da biblioteca escolar, frente aos novos espaços e tempos. A proposta do modelo virtual aprimorado é uma das possibilidades que o ensino híbrido apresenta, que favorece os projetos da biblioteca escolar. De acordo com Bacich; Tanzi; Trevisani:

(...) os alunos dividem seu tempo entre a aprendizagem on-line e a presencial. Os estudantes podem se apresentar, presencialmente, na escola, apenas uma vez por semana. Assim como o modelo à la carte, o modelo virtual enriquecido também é considerado disruptivo porque propõe uma organização da escola básica que não é comum no Brasil (BÁCICH; TANZI; TREVISANI, 2015, p. 12).

Partindo desse princípio, as discussões teóricas e práticas apresentam diversos modelos de aprendizagem colaborativa na construção do conhecimento em ambientes diversos. Diante desse novo cenário, planejamos a oficina no modelo virtual aprimorado, com o percurso formativo assíncrono e síncrono. Segundo Silva,

As ferramentas síncronas do EAD são aquelas em que é necessária a participação do aluno e professor no mesmo instante e no mesmo ambiente – nesse caso, virtual. (...) Diferentemente das ferramentas síncronas, as ferramentas assíncronas do EAD são aquelas consideradas desconectadas do momento real e/ou atual. Ou seja: não é necessário que os alunos e professores estejam conectados ao mesmo tempo para que as tarefas sejam concluídas e o aprendizado seja adequado (SILVA, 2020 p.3).

Nesse sentido, iniciamos nosso percurso formativo com atividades assíncronas: solicitamos uma diagnose através da ferramenta Google forms, com o objetivo de diagnosticar o conhecimento sobre a temática abordada, para avaliação e elaboração do planejamento, com foco na personalização do modelo híbrido. Também disponibilizamos no drive o texto para leitura: *Pedagogia de Projetos*: uma proposta facilitadora na busca por uma aprendizagem significativa, das autoras Marques & Martinelli, com o intuito de que os cursistas inscritos na oficina fizessem um diálogo teórico a respeito da temática, refletindo sobre a prática.

Enviamos uma atividade através do Google forms, sobre um projeto de leitura, com o objetivo de analisar e identificar os elementos básicos de um projeto de leitura. Também organizamos um fórum, através da ferramenta digital Mentimeter, com o intuito de dialogar com os colegas sobre as características de um projeto de leitura, de acordo com as orientações. A pergunta do fórum foi: “Você acredita que o projeto de leitura é uma boa proposta para incentivar leituras na escola e consequentemente favorecer as aprendizagens? Justifique”.

Por fim, houve o momento síncrono, para o qual utilizamos o aplicativo Google Meet. Dialogamos sobre o ensino híbrido e destacamos o modelo virtual aprimorado com um estudo de caso; em seguida, apresentamos e discutimos algumas respostas do fórum, refletimos sobre o texto em estudo, apresentamos elementos básicos de projeto e realizamos a construção coletiva de projeto de leitura.

No auge da práxis

A leitura será sempre a protagonista na vida do sujeito, pois ela possibilita uma aprendizagem significativa. Paulo Freire defende

uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente (FREIRE, 2011, p. 9).

Dialogar sobre Pedagogia de Projetos é bastante relevante no espaço escolar, em especial com os profissionais da biblioteca escolar, pois acreditamos que a biblioteca não pode ser só espaço para apoio aos professores e, de forma nenhuma, depósito de livros. Tem que ser um espaço dinâmico, que contribua significativamente na formação cidadã dos estudantes.

O Coordenador da biblioteca escolar deverá conquistar os estudantes com a sua prática, desenvolvendo Projetos de incentivo às práticas sociais de leitura. Sendo assim, refletimos coletivamente sobre essas questões e os participantes fizeram colocações importantes oralmente e no chat, como a da Coordenadora da biblioteca escolar Edineia Bonfim, da EREFEM Joaquim Ribeiro da Rocha, de São Caetano-PE, que externou a alegria de conversar sobre projetos e revelou que o diálogo a remetia ao fazer significativo. Trabalhar com projetos é sempre prazeroso. As discussões foram bastante relevantes e os participantes se envolveram significativamente nesse momento. Em seguida, dialogamos sobre os elementos básicos e sistematizamos a formalização de projetos, de acordo com as realidades das escolas.

Depois, dividimos os participantes em 4 grupos, A, B, C, D, com 12 participantes de cada Gerência. Eles tiveram o tempo pedagógico de 30 minutos para realizarem a atividade e depois o grupo escolheria um representante para socializar. Em cada sala estava um profissional da equipe para acompanhar a atividade. Orientamos que iriam organizar um projeto de leitura coletivamente e teriam que acessar uma apresentação Google, na qual tinha elementos básicos de um projeto.

No momento de socialização, o grupo A nomeou o projeto com o título: “Os clássicos adaptados em quadrinhos”, objetivando conhecer os clássicos da literatura brasileira em quadrinhos e incentivar os estudantes às práticas sociais de leitura. O grupo B construiu o projeto “Incentivo à leitura e escrita através dos gêneros textuais”, objetivando incentivar os estudantes à leitura através de vários gêneros textuais. O grupo C apresentou o projeto: “Circuito de leitura virtual”, objetivando promover diversos momentos de leitura virtual com os estudantes. E por fim, o grupo D apresentou o projeto “Navegando na leitura”, objetivando promover o prazer pela leitura na perspectiva do letramento literário, de forma lúdica. De fato, os projetos eram bastante relevantes. Ficamos impactados com os trabalhos colaborativos que foram apresentados. Finalizamos o encontro apresentando, a título de sugestão, projetos e ferramentas digitais que promovem o desenvolvimento da leitura com os estudantes, tais como: Biblioteca Virtual, E-books, Podcast, Jamboard.

Breves Considerações Finais

A biblioteca escolar é um espaço plural e está aberta para diversas manifestações de linguagens, verbais e não verbais. Nesse sentido, devemos proporcionar aos nossos estudantes práticas significativas, que favoreçam práticas sociais de leitura para além dos muros da escola.

Dessa forma, acreditamos que a biblioteca escolar é um espaço pulsante de leituras; e quando citamos leituras, estamos colocando as várias formas através das quais elas se apresentam.

É necessário que o espaço da biblioteca escolar, dentro das suas atribuições, dialogue sempre sobre a importância da leitura com os estudantes e concretize uma relação significativa entre leitura e Pedagogia de Projetos, pois dessa forma é possível promover e contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes.



Referências

BACICH L. TANZI A. N. TREVISANI F. de M. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação [recurso eletrônico] / Organizadores.** – Porto Alegre: Penso, 2015. e-PUB.

FREIRE, P. PEDAGOGIA DA AUTONOMIA - **Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam.** 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, R S. **Diferenças entre ferramentas síncronas e assíncronas no EAD.** EADBOX, 2020. Disponível em: <https://ead-box.com/ferramentas-sincronas-e-assincronas/>. Acesso em 14/06/2021.

Eu sou porque nós somos: um clube de leitura sobre as questões étnico-raciais na comunidade do Coque

Luara Sousa
Rafael Andrade
Maria Betânia Andrade

A desconstrução do “eu” através da literatura étnico-racial

Diante dos desafios cotidianos, envolver-se com páginas e leituras pode tornar-se um dos caminhos para vivenciar novas experiências e, em alguns momentos, encontrar um refúgio. Para onde vamos quando estamos distantes de nós mesmos? E o que nos permite sentir o conforto sobre quem nós somos? Questões como essas nos levaram a pensar em um espaço de leitura que nos fizesse refletir sobre o nosso eu a partir de leituras étnico-raciais. Assim surgiu o Clube de Leitura **“Eu sou porque nós somos”**.

Quando nascemos e crescemos na periferia, nossas perspectivas de futuro são reduzidas a estatísticas baixíssimas, pois ali a efetivação de políticas públicas e garantias dos direitos estabelecidos pela nossa Constituição – como acesso à educação de qualidade, alimentação nutricional saudável, entre outros – nem sempre acontecem. Estar em um país que surgiu a partir de um processo de genocídio e exploração, e que continua imerso na colonialidade, em estrutura de opressão histórica, nos marca de maneira contundente. Para nós, um desafio constante é estar em processo de retomada da ancestralidade e da nossa identidade. A história do Brasil sempre foi apresentada como tendo seu início a partir de 1500, mas não é uma verdade. Cada vez mais, a partir desse marco, as etnias indígenas brasileiras enfrentaram o processo de colonização que buscou apagar suas histórias, culturas, línguas e sua existência.

Considerando esse contexto, nasce o Clube de Leitura “Eu sou porque nós somos”. Chega como uma proposta de ação, feita por Luara Sousa, bolsista do Programa de Extensão da UFPE. A sugestão foi aceita e posteriormente planejada com a equipe da Biblioteca Popular do Coque, situada no bairro da Ilha de Joana Bezerra, na cidade do Recife.

O Clube teve a ideia inicial de ampliar as visões sobre a temática étnico-racial através da leitura e da construção de diálogos a partir de obras de escritores/as negros/as, quilombolas e indígenas, abordando olhares diferenciados sobre o mundo, na intenção de romper com os estereótipos do lugar desses grupos étnicos na sociedade.

Esse título é inspirado na filosofia Ubuntu. Esse termo significa:

“Sou quem sou, porque somos todos nós. Uma pessoa com ubuntu tem consciência que ela é afetada quando um semelhante seu é afetado. Sabe que não é uma ilha, somos continentes interligados uns com os outros.”

Um dos objetivos do Clube é apresentar, principalmente para jovens e adultos que compõem a comunidade do Coque, as obras de pessoas que trazem uma leitura crítica antirracista. E, seguindo a mesma lógica, outro objetivo é o da leitura e reflexão sobre textos de mulheres da periferia, partindo da consideração dos dados de pesquisa do Grupo de Estudos de Literatura Contemporânea da Universidade de Brasília - UNB, que registra que 70% das obras publicadas por grandes editoras brasileiras entre os anos de 1965 a 2014 foram escritas por homens, sendo 90% deles brancos, tendo como protagonistas nas obras 80% de pessoas brancas e 90% de héteros **cisgênero**. Não podia ser diferente, pois a ideia desse clube veio exatamente de uma mulher com ascendência indígena e com vivência na periferia, em busca de encontrar mais pessoas da etnia Seridó e que também almejem um processo de retomada de ancestralidades.

Cisgênero (Cis) é o termo utilizado para se referir ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o seu “gênero de nascerça” (<https://www.significados.com.br/cisgenero/>)

Após idealizado o Clube de Leitura “Eu sou porque nós somos”, Luara Sousa, Rafael Andrade e Maria Betânia, como uma equipe, demos início aos encontros no dia 28 de junho de 2021, de modo remoto, por conta da pandemia de COVID-19.

O planejamento do Clube de Leitura “Eu sou porque nós somos”

A proposta do Projeto definiu que os encontros aconteceriam mensalmente, com duração de uma hora e meia, e com alternância à frente da mediação dos componentes da equipe da Biblioteca Popular do Coque, conduzindo o grupo com perguntas que instiguem a discussão.

A experiência de construir um Clube de Leitura de modo remoto foi também um novo passo para a equipe, uma vez que necessitaríamos de um olhar sensível quanto ao oferecimento do acesso ao público das obras dos autores/as. Do mesmo modo, em todo o processo de construção do Projeto, buscamos torná-lo acessível para pessoas com deficiência e/ou necessidade educacional específica, e também nos preocupamos sobre questões de gênero e seu pertencimento étnico. No percurso de inscrição e no decorrer dos encontros, prezamos pelo diálogo com cada participante sobre como poderíamos otimizar o Clube de Leitura para que se torne um espaço integrador para todos/as/es.

Em nosso planejamento cada encontro deve acontecer com três momentos, sendo o primeiro de acolhimento, para que cada participante sinta-se à vontade e disposto/a/e a construir coletivamente debates, com respeito e afeto. O segundo momento, apresentado pela equipe, é um relembrar do livro a ser discutido, trazendo as reflexões da leitura, para guiar o início do diálogo e, em seguida, desenvolvendo as discussões sobre as obras. O terceiro momento pretende apresentar encaminhamentos das novas leituras do mês seguinte e outras informações que sejam necessárias.

As inscrições foram realizadas durante o mês de maio, iniciadas no dia 10 e encerradas no dia 31 de maio de 2021. Usamos um formulário de inscrição que foi amplamente divulgado nas redes sociais da Biblioteca do Coque e através de grupos de Whats’App. Esse formulário visou conhecer as pessoas que estavam interessadas em participar da ação e também suas expectativas. Em algumas das respostas no ato de inscrição, foram apresentados depoimentos sobre o que buscavam no Clube de Leitura, e dentre as 36 inscrições, escolhemos quatro deles para apresentar aqui:

(1) “Quero desconstruir crenças e olhares com base ‘colonizadora’ e promover novas visões também através de minha atuação como professora, educadora.”

(2) “Quero me aprimorar mais na leitura, sinto que ainda é um pouco precária. Uma oportunidade incrível para me apaixonar por ler.”

(3) “Trazer o reconhecimento a autoras brasileiras que são pouco lidas.”

(4) “Nunca participei de um Clube de Leitura; curiosa para ver como vai funcionar.”

De maneira geral, esses depoimentos falam da expectativa de aprender, ampliando a leitura em todas as suas dimensões, para, a partir dela, estabelecer uma atuação mais adequada no mundo.

Além da divulgação pela equipe da biblioteca, também recebemos o apoio de mídias sociais, a partir da realização de algumas entrevistas com integrantes da equipe – Luara Sousa e Rafael Andrade – para o jornal Marco Zero Conteúdo, Jornal do Commercio e Jornal Folha PE. A TV Pernambuco realizou uma entrevista presencial na sede da Biblioteca no Coque, com a presença de Maria Betânia e Rafael Andrade, e tivemos uma entrevista da Luara Sousa para a Rádio Folha PE, o que ampliou a divulgação, tanto do Clube de Leitura como da arrecadação de livros para a construção do acervo da temática étnico-racial na biblioteca.

Carolina Maria de Jesus: o primeiro encontro

Para iniciarmos os nossos encontros de discussão literária e partilhas de impressões e sentimentos quanto às leituras, decidimos que precisávamos de um primeiro momento para nos conhecermos melhor. Assim sendo, no dia 28 de junho de 2021, marcamos um encontro on-line com as pessoas que se dispuseram a participar da leitura do primeiro livro escolhido: “O quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus. Alguns participantes informaram que não participaram do primeiro encontro devido a contratempos pessoais, porém contamos com a presença de sete integrantes.

Nesse primeiro encontro, além de nos conhecermos enquanto leitoras e leitores, foram apresentados os objetivos do Clube de Leitura, os motivos que nos movem, e cada integrante foi convidado a falar um pouco de si, das leituras que gostam e se já tinham tido algum contato com as obras de Carolina Maria de Jesus,

ou ainda com outras leituras a partir da temática étnico-racial. Depois, indicamos que no nosso segundo encontro falaríamos diretamente do livro de Carolina Maria de Jesus.

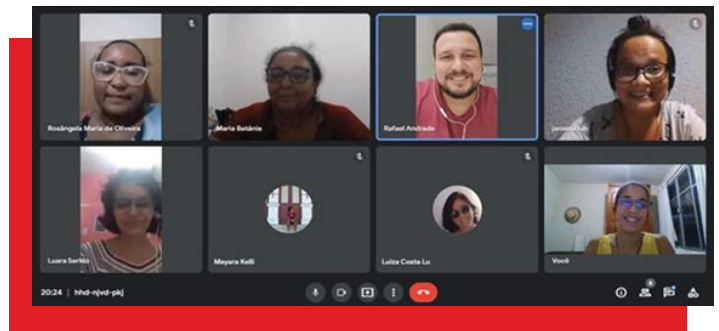
Por que escolher Carolina Maria de Jesus como a primeira escritora do clube? Carolina foi uma mulher que estava à margem da figura elitista e tradicional de uma escritora: preta, favelada e sua escrita não estava dentro do que era pedido como uma “boa literatura”. Além do mais, foi humilhada e recusada por diversas editoras, pois seus livros não foram considerados literatura, principalmente “O quarto de despejo”, que era um diário. Ler Carolina Maria de Jesus, em uma comunidade predominantemente preta, vista como violenta pela grande mídia e na qual se espera que os jovens morram antes de chegar à idade adulta – tal qual a comunidade do Coque –, torna-se um símbolo de resistência comunitária, pois a escritora também sentiu na pele o que é ser reduzida a características impostas por uma sociedade racista e elitista.

Interessante perceber que boa parte das leitoras e leitores que estavam nesse primeiro momento já haviam realizado alguma leitura de Carolina Maria de Jesus, ou de algum outro livro de temática negra ou escrito por escritoras e escritores negros, mas a maioria nunca havia lido um livro com a temática indígena. Isso nos mostrou o quanto o nosso Clube é diverso e o quanto um Clube de Leitura pode ser solo fértil para as diversas perspectivas sobre a leitura e como contribui para ampliar as leituras de quem participa.

Considerações finais

A filosofia africana Ubuntu “Eu sou porque nós somos” tem nos fortalecido nessa construção. O processo de vivenciar um Clube de Leitura e dialogar sobre assuntos como racismo e privilégios através da literatura é um dos modos de efetivar a luta antirracista. Propor a desconstrução de estereótipos e efetivar uma relação mútua de experiências, a fim de compartilhar a leitura de obras dos/as autores/as indígenas e negros/as/es nos fortalece em tempos tão difíceis, principalmente, no momento em que a Biblioteca do Coque está com atividades restritas, seguindo os protocolos de segurança sanitária contra a Covid-19.

Considerando o respeito e a sensibilidade com as particularidades de cada pessoa que está conosco nessa nova etapa que a Biblioteca está construindo, acreditamos que o Clube de Leitura irá contribuir para conquistar mais leitores/as/es para nosso espaço.



Registro de imagem do Google Meet do primeiro encontro do Clube.



Arte gráfica de divulgação do Clube de Leitura.



Depoi mentos

Sistema de Bibliotecas Públicas de Pernambuco – 35 anos impulsionando o fortalecimento sociocultural das Bibliotecas Públicas Municipais

Marta Diniz
Chefe da Unidade do Sistema
de Bibliotecas Públicas Municipais
de Pernambuco

O Sistema de Bibliotecas Públicas de Pernambuco – SBPE foi implantado em 1976 e instituído pelo decreto 11.554, de 17/06/1986. Pioneiro no país, está localizado no 2º andar da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco e é subordinado à Secretaria de Educação de Pernambuco – SEE com o apoio do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas – SNBP.

No entanto, conforme afirma **Matheos de Lima (1979)**, a trajetória do Sistema já se iniciava em 1972, quando a Bibliotecária Myriam Gusmão de Martins, na função de Assessora de Biblioteconomia no Instituto Nacional do Livro (INL), elaborou o “Projeto de Bibliotecas Públicas Integradas em Programas de Adultos e Alfabetização no interior de Pernambuco” que, após ser encaminhado, despertou o interesse da Organização das Nações para Educação Ciência e Cultura (UNESCO).

Com o intuito de fortalecer este projeto, foram firmados convênios entre a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), Instituto Nacional do Livro (INL) e o Governo do Estado. Outras instituições ficaram vinculadas ao projeto, tais como: Fundação Instituto de Administração Municipal (FIAM), Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e a Biblioteca Pública do Estadual Presidente Castelo Branco, subordinada à Secretária de Educação e Cultura, onde o *Centro do Sistema de Bibliotecas Públicas de Pernambuco* ficou localizado.

Após instituído, o *Centro* reuniu todas as Bibliotecas Públicas Municipais e Escolares existentes na Rede Estadual. Na época, englobava 164 municípios do Estado, dos quais 120 já possuíam Bibliotecas e 12 Unidades Setoriais da Assistência Técnica ligado ao Departamento Regional de Educação (DERE).

Para que pudesse desenvolver suas atividades, o Centro contava com uma rede de apoio. A Divisão de Extensão da Biblioteca Pública coordenava, orientava, supervisionava e avaliava as atividades realizadas no Sistema; a Divisão de Processamento Técnico atuava na preparação do material bibliográfico a ser distribuído; e o DERE funcionava como Unidade para realização dos treinamentos de pessoal. O DERE também foi responsável por adquirir sete veículos tipo Kombi, dos quais seis serviram como Bibliotecas Volantes, visando às comunidades interioranas onde não existiam bibliotecas, e um serviu para prestar assistência técnica ao Sistema. O INL doava o acervo, e este era preparado pela Divisão de Processamento (Matheos de Lima, 1979).

Da história mais recente do Sistema, tenho acompanhado uma parte significativa do processo. Sou bibliotecária e trabalho no SBPE há 17 anos como Chefe da Unidade de Bibliotecas Públicas de Pernambuco. Fazer parte da equipe, elaborando e realizando diversos tipos de trabalho, sempre foi um grande desafio, que me proporcionou uma transformação profissional através da troca de experiências com as coordenadoras das Bibliotecas Públicas Municipais (BPM'S), do contato com o poder público, enfatizando a importância das bibliotecas na elaboração das formações técnicas e culturais e outras ações que estão continuamente sendo desenvolvidas pelo Sistema.

A nossa missão é incentivar a implantação e modernização das Bibliotecas Públicas Municipais, dar assistência a essas instituições para atuarem como centros de informação e de convivência comunitária, oportunizando ao indivíduo o direito pleno de cidadania. Realizamos isso através dos seguintes serviços: acompanhando as ações desenvolvidas pelas BPM'S; incentivando os gestores municipais a implantar e manter as Bibliotecas Públicas; cadastrando as BPM's

Matheos de Lima (1979)

Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/77252>

no Sistema Estadual; estimulando as prefeituras a celebrarem convênios; colaborando na formação e organização do acervo bibliográfico; realizando visitas de diagnóstico e supervisão, orientação técnica e cultural; contribuindo na formação dos recursos humanos das bibliotecas; fomentando a realização de atividades culturais e serviços de extensão junto à equipe da BPM e incentivando o serviço de extensão.

Para que os nossos serviços e projetos sejam implementados, contamos com a nossa principal parceira: a Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco. No entanto, ao longo desse período como Chefe da Unidade, vários projetos desenvolvidos puderam contar com a colaboração de diversas instituições, visando ao fortalecimento do Sistema para melhor atuação junto às BPM'S, promovendo assim diversas ações que auxiliam na transformação social do cidadão.

O projeto **Bibliotecar - inovando conceitos em Bibliotecas** tem como objetivo desenvolver competências nos profissionais de biblioteca, com orientações aos recursos humanos das BPM'S, visando ressignificar os equipamentos culturais na disseminação e acesso à informação e à cultura, por meio de seus acervos e serviços. A formação se divide em dois módulos, simultaneamente, com um total de 40 h/a.

A formação técnica consiste em levar os profissionais a refletirem sobre os mecanismos de gestão e planejamento de bibliotecas públicas, levando-os a conhecer os critérios básicos para composição, avaliação e demais procedimentos necessários ao tratamento técnico do acervo e sua importância na viabilização do acesso à informação, além de analisar os serviços que podem ser prestados pela biblioteca pública, explicar sobre a importância do uso da tecnologia nos espaços de bibliotecas e apresentar técnicas básicas de restauração e preservação do acervo.



Já a formação cultural objetiva levar os mediadores a refletirem sobre o conceito de uma **Biblioteca Viva**, por meio de ações culturais que conscientizam sobre a importância da memória cultural do município, além de incentivar a promoção de atividades de leitura para dinamização do acervo bibliográfico, explanações sobre a construção de parcerias, sustentabilidade e mapeamento localizado e auxiliar na socialização de experiências e realidades de cada município, com objetivo de consolidar um trabalho em rede.



O Armazém das Palavras visa promover, por meio de encontros mensais com a equipe das bibliotecas públicas municipais, o diálogo sobre a importância das práticas leitoras em bibliotecas públicas, sobre o incentivo à leitura e ao desenvolvimento humano. Em cada encontro é discutida uma temática do universo literário e da oralidade, assim como as estratégias para serem trabalhadas nesses equipamentos culturais.



O projeto **Fliportinho nas Bibliotecas** foi desenvolvido pelo SBPE e pelo grupo “As Bordadeiras de Histórias e o Tecelão de Contos”, após um convite dos Organizadores da Festa literária de Porto de Galinhas. O objetivo era integrar as bibliotecas, incentivar a leitura e promover as manifestações folclóricas dos municípios.



O projeto **Caixa Estante**, implantado em 1992, é um serviço de extensão com o objetivo de fomentar o interesse pela leitura em instituições e comunidades não assistidas por serviços de bibliotecas e para entidades que abrigam pessoas com liberdade limitada, agregando atividades de lazer e informação, estimulando assim a implantação de espaços de leitura e/ou biblioteca.



O **Tô na Rede** é um projeto com abrangência nacional cuja proposta é engajar o maior número de pessoas na construção de uma nova sociedade, fortalecendo a cidadania cultural, por meio das bibliotecas, principalmente as públicas. O foco é atender cada vez mais às necessidades de informação das comunidades e, junto com os profissionais da área, transformar as vidas das pessoas ao seu redor.



O projeto **Encontro das Nações**, de autoria e curadoria do Prof. Antônio Moura, permitiu a parceria com os Consulados Alemão, Francês e Japonês, buscando enriquecer o estímulo e aprimoramento de vivências leitoras por meio das contações de histórias, apresentações musicais e encenações teatrais, proporcionando o contato com outras línguas e culturas.



Com a **ONG Moradia e Cidadania/Caixa** econômica Federal, formamos parceria para desenvolver e divulgar projetos e ações ligadas ao fortalecimento da leitura e da inclusão digital nos ambientes das bibliotecas públicas.



Motivados pelo desafio de conectar indivíduos a oportunidades de desenvolvimento e transformação social e reconhecendo o papel das bibliotecas como recurso vital para a transformação de comunidades, a **ONG Recode**, em parceria com a **Caravan Studios**, realizou o Programa Conecta Biblioteca. O Programa apoia bibliotecários e profissionais das bibliotecas para aprofundarem sua atuação como agentes de transformação. O SBPE mediou o contato entre os municípios pernambucanos e auxiliou no desenvolvimento local das ações do programa.



A parceria do SBPE com a **Feira de Leitura: Territórios Interculturais da Leitura/ Centro de Educação/Universidade Federal de Pernambuco** consiste em um espaço de troca e práticas de leitura e fortalece as ações desenvolvidas pelas Bibliotecas Municipais através da aquisição de novos conhecimentos e trocas de experiências.

Nota-se que muitos esforços conjuntos foram necessários para que o SBPE conseguisse se consolidar, desde sua implantação até os dias atuais. O Sistema passa por modificações em sua estrutura de parcerias e acréscimos nos objetivos iniciais para que possa se adequar às necessidades sociais de seu tempo.



As redes sociais passaram a fazer parte do nosso cotidiano, facilitando a aproximação quase que imediata com os coordenadores e com o poder público, tornando o processo de comunicação mais dinâmico e interativo. E o trabalho em rede veio para ampliar a capacidade de divulgação dos serviços, facilitando assim a troca de informação entre os coordenadores das bibliotecas municipais. Desse modo, o SBPE começou a produzir conteúdo on-line no Instagram, incentivando que as BPM's ofereçam atividades em meio digital aos seus usuários.

Rede de Bibliotecas pela paz e suas atividades permanentes

Deborah Echeverria

Gerente de Planejamento e Articulação
da Rede de Bibliotecas pela Paz

Em março de 2016, foi inaugurado o primeiro Centro Comunitário da Paz – Compaz, concebido como espaço de convivência comunitária, com ofertas de atividades voltadas para Educação, Cultura, prática de esportes, empreendedorismo e serviços públicos, tendo a biblioteca como centralidade. Nascia com ele a Rede de Bibliotecas pela Paz.

Os Compaz são equipamentos da Prefeitura do Recife ligados à Secretaria de Segurança Urbana, na gestão do prefeito Geraldo Júlio, e hoje, na nova gestão, denominada Secretaria de Segurança Cidadã.

Em 27 de março de 2017, inaugurava-se o segundo Compaz – Escritor Ariano Suassuna – e com ele a quarta biblioteca da Rede Municipal do Recife, ano em que iniciei meu trabalho na Gerência Geral da Rede de Bibliotecas pela Paz. As Bibliotecas Populares de Casa Amarela e de Afogados, fundadas em meados do século passado, foram incorporadas à Rede.

Desde 2007, estando à frente da Editora Cubzac e sendo idealizadora e organizadora do Seminário Biblioteca nas Escolas, na sua quarta edição, em 2021, afirmo que trabalhar e estruturar uma rede de bibliotecas tem sido uma grande oportunidade de colocar em prática o que eu já tinha como direcionamento e propósito de vida: contribuir para a formação de leitores.

As Bibliotecas Parque de Medellín e Bogotá, na Colômbia, foram inspiradoras do modelo desenhado pela Prefeitura do Recife para compor a estrutura dos Compaz e da rede de bibliotecas municipais. Em 2017, fiz uma visita técnica a essas duas cidades, para conhecer melhor o funcionamento e a gestão de seus sistemas de bibliotecas.

A visão da biblioteca pública como potente espaço de prevenção à violência demonstra a sensibilidade e a consistência do projeto de transformação social a que o equipamento se propõe. O modelo de biblioteca que adotamos na Rede, no Recife, e a posição estratégica desse equipamento, implantado nos bairros periféricos da cidade, partem do princípio de que a Educação e a Cultura são alicerces para a transformação social e para a construção de uma cultura cidadã. Hoje, a Rede de Bibliotecas pela Paz é composta por sete equipamentos. São eles:

- Biblioteca Popular de Casa Amarela Jornalista Alcides Lopes;
- Biblioteca Popular de Afogados Jornalista Ronildo Maia Leite;
- Biblioteca Afrânio Godoy (Compaz Governador Eduardo Campos);
- Biblioteca Carlos Percol (Compaz Escritor Ariano Suassuna);
- Biblioteca Júlia Santiago (Compaz Governador Miguel Arraes);
- Biblioteca Escritora Clarice Lispector (Compaz Dom Helder Câmara);
- Bebeteca Padre Edwaldo Gomes (Ginásio de Esportes Geraldão).

As Bibliotecas da Rede trabalham com o conceito de Biblioteca Viva, unindo o acesso à informação, à cultura e à tecnologia. Educação, conhecimento, cultura leitora, artes, cultura digital etc. são fundamentais na construção da subjetividade do sujeito. E, nas bibliotecas, esses campos se unem à peculiaridade de o equipamento se configurar, também, como espaço de integração e de convivência, para onde seus frequentadores vão não só à procura de livros, mas também para acessar a internet, se encontrar com seus pares, participar de eventos e cursos, de sessões de cinema, de recitais, fazer negócios, se divertir etc.

No modelo de Biblioteca Viva, o plano de ação prevê a diversidade do acervo, o acesso às estantes e à internet gratuita, Cultura Digital, teatro, música, sessão de filmes, encontros comunitários, salas de estudos, realização de ações de promoção à leitura etc.

Ao assumir a gerência geral da Rede, percebi a importância de criar uma estrutura de atuação que garantisse a presença de crianças e jovens no período em que não estivessem na escola, aumentando as possibilidades de cumprir a missão de prevenção à violência e formação de leitor, entendendo que, de alguma maneira, na escola, eles estão protegidos, e é no contraturno que precisam dedicar seu tempo a atividades edificantes, para se manterem afastados de situações de vulnerabilidade e riscos.

Dessa forma, ao mesmo tempo em que ofertássemos oportunidades, estaríamos criando vínculos com os frequentadores, para que eles se dirigissem às bibliotecas com autonomia, sem, necessariamente, precisarem ser levados pelas escolas – construindo vínculos sólidos com as crianças, os jovens e suas famílias.

Seguindo esse posicionamento, a partir de 2017, elaboramos o **Programa de Atividades Permanentes na Rede de Bibliotecas pela Paz**, para ser frequentado no contraturno escolar. A programação foi construída com foco na formação de leitores, favorecendo o desenvolvimento intelectual e humano, voltada para todas as faixas etárias, desde a primeira infância.

Nesse sistema inovador de oferta permanente de atividades, para participar, o público precisa inscrever-se na recepção e frequentar as atividades durante todo o semestre. No mínimo, uma vez por semana as pessoas inscritas devem estar na biblioteca, o que contribui, certamente, de maneira concreta para a formação, marcando suas vidas com as experiências vivenciadas nesse espaço.

Os frequentadores podem se inscrever em qualquer atividade que esteja de acordo com sua faixa etária. Os cursos iniciam em março e agosto e encerram em junho e novembro. Nos meses de janeiro e julho, as bibliotecas oferecem colônia de férias, com duração de uma semana

A dinâmica das bibliotecas inclui também ações não permanentes de caráter artístico e cultural: oficinas, cursos, debates, bate-papos, palestras, seminários etc. Todas as bibliotecas da rede têm em seu corpo funcional arte-educadores formados para atender as diferentes faixas etárias, em atividades lúdicas e educativas.

Apesar da prioridade às Atividades Permanentes no contraturno, as bibliotecas procuram manter estreita relação com as escolas do entorno. Um canal direto com suas gestoras permite o compartilhamento das ações ofertadas, favorecendo a parceria biblioteca/escola e, conseqüentemente, a comunicação com os estudantes.

Destaco, a seguir, algumas das Atividades Permanentes ofertadas pelas bibliotecas da Rede, suspensas temporariamente durante a pandemia da Covid-19:

- **Hora do Conto**

Contação de histórias para crianças.

- **Bibliotec**

Estímulo à leitura e à imaginação através da contação de histórias, mediação de leitura e uso da tecnologia (parceria com o Laboratório de Tecnologia - UTEC, da Secretaria Municipal de Educação).

- **Divertec**

Brincadeiras, contação de histórias e Robótica, com foco no estímulo à imaginação e ao aprendizado lógico para crianças (parceria com o Laboratório de Tecnologia - UTEC, da Secretaria Municipal de Educação).

- **Um Dedo de Prosa**

Grupo de discussão mediada para senhores e senhoras.

- **Hora da Palavra**

Jogos e brincadeiras com palavras para apoiar o letramento.

- **Ler com Paz**

Atividades e mediação de leitura com foco na Cultura de Paz.

- **Pintando o 7**

Atividades artísticas.

- **Conta, Mãe!**

Oficina de contação de histórias e espaço de fala para mães e cuidadoras.

- **Faça você mesmo**

Oficina de artesanato com reflexões sobre Cultura de Paz e consciência ambiental.

- **Engatinhando na Leitura**

Atividades de estímulo à imaginação e introdução ao mundo literário direcionadas à primeira infância.

- **Cantando Histórias**

Contaçõ de histórias com música.

- **Tem letra nessa história**

Grupo de aproximaçõ à leitura para adultos em processo de alfabetizaçõ.

- **Bibliotur**

Apresentaçõ do espaço e funcionamento da Biblioteca/Compaz e mediaçõ de leitura.

- **Eu e a Paz**

Atividades literárias, manuais e de entretenimento voltadas a jovens infratores em condiçõ de semiliberdade (parceria com as Casas de Semiliberdade

- **CASEM/FUNASE).**

Papo Reto pela Paz

Bate-papo com jovens de escolas municipais (parceria com o Núcleo de Enfrentamento à Violência nas Escolas – NEVE)

- **Clube de Leitura Histórias de Amor**

Conecta jovens e adultos que gostem de ler histórias românticas.

- **Tenho uma história pra contar**

Estímulo às narrativas da própria comunidade, usuária das bibliotecas/Compaz, com registro de suas tradições, histórias e referências culturais.

- **Cá entre nós, meninas**

Atividade de estímulo ao autocuidado, desenvolvendo um olhar para o corpo, mente e emoções (atividade apenas para meninas e mulheres).

- **Batendo Perna**

Passeios mensais para museus, teatros, parques, Jardim Botânico, cinema etc. Os passeios são oferecidos para as diferentes faixas etárias.

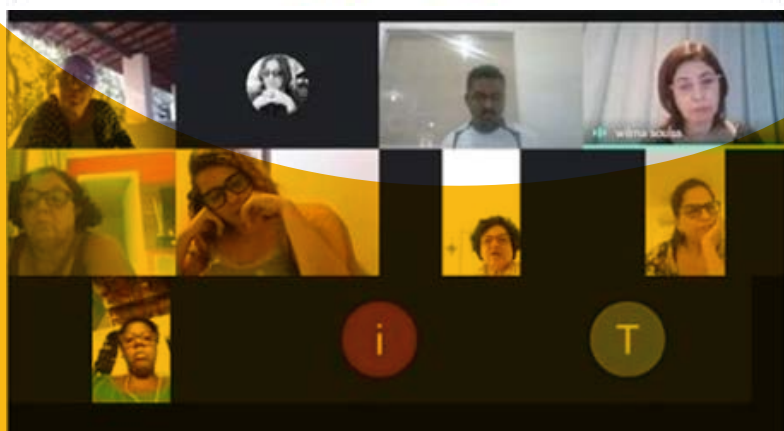
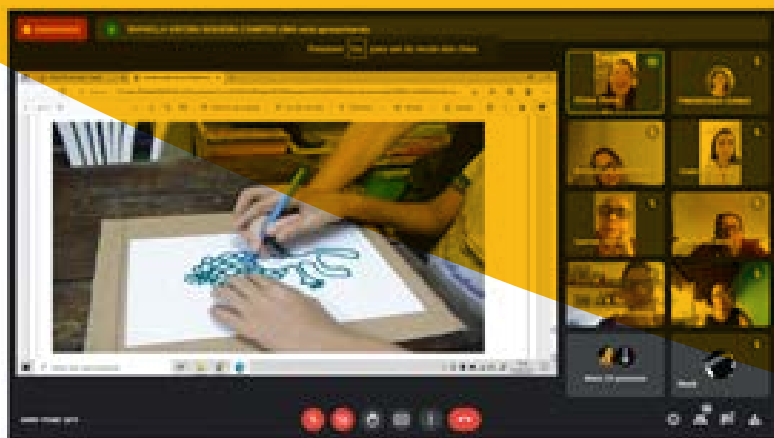
Institucionalmente criada com propósitos de estimular o desenvolvimento da cidadania em regiões de violência e extrema pobreza, as bibliotecas da Rede de Bibliotecas pela Paz buscam combater a exclusão social, tornar os indivíduos mais informados e reduzir a violência nas áreas carentes da cidade. Deixam de ser apenas um lugar de livros, estudo e pesquisa para incorporar ações de centros culturais, abertas ao conhecimento e à cidadania.

Volta-se, também, para o desenvolvimento social, promovendo o acesso a informações de utilidade pública que sirvam para solucionar questões da vida cotidiana, apoio à formação profissional, campanhas socioeducativas, ensino de línguas etc.

Nesse formato de biblioteca, o espaço físico e o mobiliário são planejados para proporcionar uma experiência agradável, onde estudo e lazer possam ser desfrutados. O componente estético do ambiente tem a finalidade de envolver seus frequentadores – o cuidado com a beleza, com a limpeza e com a arrumaçõ do equipamento soma-se aos esforços de transformá-lo num ambiente acolhedor e importante para a vida de seus usuários.

Na gestão atual, assumindo a função de Gerente de Planejamento e Articulaçõ da Rede de Bibliotecas pela Paz, daremos continuidade ao trabalho que iniciamos em 2017, propondo a expansõ da Rede para outros bairros e comunidades do Recife, em parceria com as Unidades de Tecnologia da Secretaria Municipal de Educaçõ – UTECs, prosseguindo com o movimento de articulaçõ com outras instituições e projetos que possibilitem ampliar as ações das bibliotecas junto às comunidades.

Cenas de Leituras



E mais uma vez nos munimos de resistência! Dessa vez, resistência ao isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19, resistência à mudança abrupta de nossos hábitos, rotinas e planejamentos... Foi nesse contexto que, ainda nos apropriando melhor das tecnologias digitais de comunicação, a equipe do CEEL lançou uma proposta de mantermos um calendário mensal de encontros, agora virtuais, no intuito de manter nossos encontros permanentes, investindo em um ciclo de formação da equipe composta por integrantes do CEEL e mediadores de leitura das Bibliotecas Comunitárias parceiras, que integravam o Projeto Mediadores de Leitura na Biblioteca e na Escola.

O grupo, que posteriormente passou a compor o Programa de Extensão, teve então um ciclo formativo de agosto de 2020 a julho de 2021, com nove encontros para discussão de temáticas propostas em reunião de planejamento, também virtual, valendo-se ainda das comunicações cotidianas por meio de grupo de Whats'App para ajustes, lembretes e divulgação da pauta formativa.

Iniciamos a caminhada a partir de uma demanda forte no grupo referente à discussão sobre inclusão e, por essa razão, as professoras Wilma Pastor e Rafaella Asfora, da UFPE (ambas pesquisadoras da área de Educação Inclusiva), integrantes do CEEL e do Projeto Mediadores de Leitura, trouxeram em dois encontros a temática Mediação de Leitura numa perspectiva inclusiva (nos dias 23/07/2020 e 04/08/2020). Além de abordar questões da legislação, desenvolveu-se uma discussão importante sobre as dimensões da acessibilidade X as barreiras enfrentadas pelas pessoas com deficiência; as estratégias usadas na mediação de leitura para torná-la acessível e inclusiva.

O grupo trouxe para o centro das discussões a necessidade de se repensar as produções de mediação/comunicação em tempos de pandemia, para garantir acessibilidade.

A temática da inclusão vem ganhando cada vez mais destaque na pauta das bibliotecas comunitárias e na qualificação de suas mediações de leitura. Os dois encontros possibilitaram uma importante construção de conhecimento e articulação dos diferentes saberes que se constroem no coletivo.

Ainda no mês de agosto de 2020 (25/08), tivemos um outro encontro formativo com um convidado cuja produção tem sido muito importante para nossos trabalhos: Rildo Cosson, da UFMG, que no momento se encontrava como professor visitante na UFPB. Com ele veio a discussão sobre Leitura e letramento literário na biblioteca, abordando a leitura como uma prática cultural, que envolve processos complexos de construção de sentidos pelo leitor, levantando a discussão sobre o cuidado para não roubarmos o lugar do leitor nas situações de mediação de leitura. Destacou que a leitura nos transforma em sujeitos da linguagem e, assim, nos humaniza, nos coloca na posição de sujeitos. Foram trazidas muitas situações de mediação de leitura nas bibliotecas comunitárias e desafios enfrentados em tais práticas.

Em setembro de 2020, reunindo representantes de duas iniciativas voltadas ao cuidado e acolhimento, a temática da formação foi "Cuidar de si e do outro: pensando a dimensão humana nas bibliotecas comunitárias". Os convidados foram a Prof^a Ana Márcia Luna Monteiro, coordenadora do Espaço de Acolhimento do CE/UFPE e o Prof. Hugo Monteiro Ferreira, coordenador do Núcleo do Cuidado Humano da UFRPE.

A discussão partiu da percepção que temos de bibliotecas comunitárias como espaços de acolhimento e escuta. A professora Ana Márcia refletiu sobre as categorias: “Cuidado, Dignidade e Ética”, apontando a necessidade de criarmos novos modos de existência e de relações nos espaços. O professor Hugo destacou que precisamos construir condições para uma sociedade cuidadora, que seja: acolhedora, que desenvolva a capacidade de gratidão, dê importância às culturas, à espiritualidade e à amorosidade, no sentido Freireano, de esperar, de enfrentar a luta pelos direitos. Nesse sentido, reafirmamos, enquanto grupo, que as bibliotecas comunitárias têm sido espaço de saúde em uma sociedade adoecida. A dimensão da escuta na mediação de leitura, nos espaços das bibliotecas é um movimento de acolhimento e de saúde. Foi uma linda tarde de cuidados, como destacou Carminha (Carmem Lúcia Bandeira): “Vocês cuidaram de nós na tarde de hoje. Que venham mais tardes de cuidados e acolhimentos nesses tempos difíceis, nos quais fazemos questão de ser resistência e existência nessa parceria que nos movimenta”.

Em setembro, na formação, discutimos “Protocolos para a reabertura de bibliotecas”, em um encontro virtual com Yasmin Wink Finger – bibliotecária da Releitura, Giane da Paz Silva – Coordenadora da Biblioteca do CAV/ UFPE, e Lourival Pinto – Coordenador do Curso de Biblioteconomia da UFPE. Esse foi um encontro que teve uma participação ainda mais expressiva, com 47 participantes presentes. Além da discussão sobre o cenário da pandemia e suas incertezas, as orientações e a conformidade com as medidas sanitárias de isolamento, foi discutido também o compromisso com os leitores, que tem levado as bibliotecas a buscarem alternativas de mediação de leitura, mesmo sem abrir os espaços físicos à presença do público, considerando como as pessoas estão se sentindo diante da pandemia.

A unanimidade das discussões considerou que as bibliotecas fazem falta. Além do empréstimo, sentimos falta dos encontros que nelas são promovidos, com a comunidade, com o livro, entre pessoas, que fazem política, que trocam ideias, pensam em melhorar o mundo, como bem destacou Lourival Pinto.

Em 2021, retomamos os encontros com a temática “Paulo Freire e a importância do ato de ler: experiências com Círculos de Leitura”. A convidada foi Mônica Lopes Folea Araújo, Coordenadora da Cátedra Paulo Freire – UFRPE. Tivemos a grata oportunidade de discutir com uma estudiosa da obra freireana sobre a leitura da palavra e a leitura do mundo. Foi apresentada uma rica experiência de extensão de leitura da obra de Paulo Freire em grupos, envolvendo pessoas com os mais diversos perfis e pertencentes a diferentes contextos sociais, de modo a ampliar a compreensão e o diálogo tão necessários ao processo de conscientização e transformação da sociedade. A interação do grupo nos permitiu pensar em diversas questões vivenciadas nas bibliotecas comunitárias que dialogam perfeitamente com o pensamento do nosso admirável Freire.

O direito humano à Literatura e às Bibliotecas Comunitárias foi o tema abordado em maio, em encontro conduzido por Bel Santos Meyer, que é gestora da Rede LiteraSampa, integrante da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) e Coordenadora do Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (Ibeac). O encontro foi de uma boniteza indescritível. Bel Santos, com sua voz calorosa e envolvente, nos fez mergulhar no universo de possibilidades de transformação que uma biblioteca representa para sua comunidade. Partindo de sua experiência em Parelheiros e das vidas transformadas pela literatura, nos envolveu numa discussão que concretiza a concepção de literatura como direito humano e sedimenta a grande potência materializada em cada biblioteca. Houve uma rica troca de experiências e relatos comoventes trazidos pelo grupo. Saímos renovados e ainda mais convictos de estarmos trilhando caminhos transformadores.

Em junho de 2021, tivemos outra importante discussão relacionada à inclusão, discutindo deficiência visual e as várias possibilidades de contar histórias, com Maria Eloísa Martins Vieira, professora braille e transcritora do Sistema Braille, da UFPE. Eloísa trouxe-nos um amplo repertório de conhecimentos, problematizações e informações que a maioria de nós não tinha, sobre deficiência visual e as práticas inclusivas que podemos desenvolver, em especial no contexto da leitura e acesso à informação, que tanto buscamos garantir em nossos espaços nas comunidades.

Houve uma grande interação e a generosa disponibilidade de Eloísa em manter com as bibliotecas um diálogo e dar orientações na adequação desses espaços do ponto de vista da acessibilidade.

Em julho, encerramos o primeiro ciclo de encontros formativos retomando o tema que iniciamos: a inclusão. A Professora Rafaella Asfora retomou a discussão, dessa vez focando na “Acessibilidade comunicacional para pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e a biblioteca comunitária”. Muitas vivências compartilhadas por membros das equipes das bibliotecas permearam a discussão, sendo bem avaliadas as orientações sobre como intervir de forma a contribuir para uma maior inclusão social. Mais uma vez o debate sobre a construção de práticas inclusivas levou à discussão de estratégias de comunicação e de socialização para assegurar a participação de pessoas com TEA nos espaços das bibliotecas.

Os encontros contaram sempre com a participação das equipes das bibliotecas, bolsistas do programa de extensão (em 2021), equipe do CEEL e convidados.

ENCONTRO DE FORMAÇÃO

humanidade e as Bibliotecas

Weyer

Coordenadora de Literanças, Criança e Jovens, UFRGS

30 de 17h30

Cuidar de si e da humanidade

Mediadores de Leitura

CEJ

ENCONTRO DE FORMAÇÃO

o a Bibliotecas

da Literanças, Criança e Jovens.

Cuidar de si e da humanidade nas b

Mediadores de Leitura na Bibliote

CEJ



Nosso próximo encontro

Protocolos para

Órgão da Paz, Coordenadora do Biblioteca do CAV/UFPE

CEJ

Nosso próximo encontro

Protocolos para

Coordenadora do Biblioteca do CAV/UFPE

CEJ

ENCONTRO DE FORMAÇÃO Junho

al e as várias

de contar histórias

Vieira - UFPE

08/04/21 das 14h às 14h

PROGRAMA DE EXTENSÃO:

Bibliotecas comunitárias na UFPE e UFPE nas com

Paulo Freire e a importância da experiência com círculos de

Prof.ª Dr.ª Monica Lopes

Coordenadora da Categoria da UFPE

DIA 19/04/2021 - As 10:00 H

PROGRAMA DE EXTENSÃO:

Bibliotecas comunitárias na UFPE e UFPE nas com

Freire e a

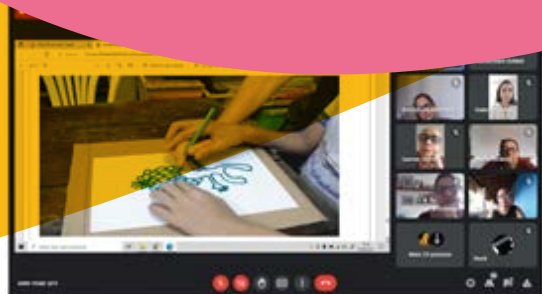
CEJ



A África Ensinando a Gente

CEJ

Monica Lopes está apresentando



A África Ensinando a Gente

CEJ

Monica Lopes está apresentando

ENCONTRO DE FORMAÇÃO

al para as

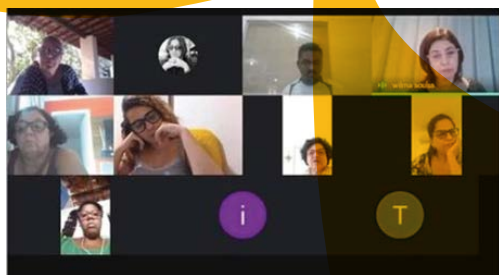
Transtorno do

Espectro Autista (TEA)

Rafaela Campos Lima

Professora do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais - CONCE/UFPE/CE

07/04/2021



PROGRAMA DE EXTENSÃO:

Bibliotecas comunitárias na UFPE e UFPE nas com

ENCONTRO DE FORMAÇÃO

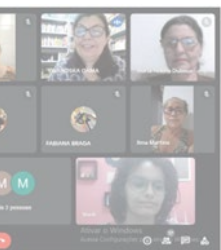
Acessibilidade comunicacional para as pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Rafaela Asfora Siqueira Campos Lima

Professora do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais - CONCE/UFPE/CE

Docente em Psicologia Cognitiva pela UFPE

Dia 20/07 das 15h00 às 17h00



Mediadores de Leitura na Biblioteca e na Escola

Nosso encontro de formação com Rildo Cosson está chegando!

Agende-se e não perca!

Referência importante em nossas formações, Rildo Cosson estará conversando conosco no dia 25/08, das 14:00 às 16:00 horas em um encontro virtual (com muita presença, claro!).

CEJ



Mediadores de Leitura

Nosso encontro de formação está chegando!

Agende-se e não perca!

Referência importante em nossas formações, Rildo Cosson estará conversando conosco no dia 25/08, das 14:00 às 16:00 horas em um encontro virtual (com muita presença, claro!).

CEJ



Sugestões de Atividades

Atividade –

Jogo dos seis nomes

Kalyna de Paula Aguiar

Objetivos

- Articular as capacidades de atenção, memória e imaginação com ritmo e movimento.
- Desenvolver a familiaridade e flexibilidade com as palavras.

Foco

Falar rapidamente o nome de seis objetos que iniciem com uma mesma letra.

Aspectos relevantes para o trabalho educativo

A atividade possibilita:

- Ampliação do repertório da linguagem verbal.
- Aquecimento através da interação com o outro.
- Possibilidades de adaptação para necessidades curriculares: nome de seis cidades; nomes de seis profissões; nome de seis advérbios etc. (crianças pequenas, que não conhecem o alfabeto, podem iniciar o jogo com um quantitativo menor de nomes, utilizando categorias mais simples). Exemplo: três animais, três frutas, etc.

Procedimento

- Todos os jogadores, menos um que fica em pé no centro, permanecem sentados em círculo. O jogador no centro fecha os olhos enquanto os outros passam um pequeno objeto (uma borracha; um estojo ou uma lapiseira) de um para o outro.
- Quando o jogador do centro bate palmas, o que foi pego com o objeto na mão espera que o jogador no centro aponte para ele e lhe diga uma letra do alfabeto.
- O jogador que está com o objeto deve nomear rapidamente seis objetos que iniciam com a letra indicada, enquanto o objeto dá a volta no círculo passa de mão em mão.
- Caso o jogador não consiga nomear seis objetos enquanto o objeto dá a volta no círculo, ele troca de lugar com aquele que está no centro. Caso o número de participantes seja pequeno, o objeto pode dar duas ou três voltas.

Articulação com a aprendizagem da leitura e da escrita

Aprender brincando através de ações criativas, expressivas e cognitivas são fundamentais em processos de alfabetização e letramento.

Fonte da atividade:

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin**. Tradução Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2001.

Atividade ▸

Brincando e aprendendo com almanaques

Ester C.S. Rosa

Objetivos

- Interagir com colegas na resolução de desafios propostos em almanaques
- Conhecer almanaques temáticos

Foco

Brincadeiras com palavras, quebra-cabeças, desafios matemáticos.

Aspectos relevantes para o trabalho educativo

A atividade possibilita:

- Desenvolver a autonomia na escolha de desafios a serem resolvidos em grupo
- Interagir em pequenos grupos, negociando a escolha das atividades a serem realizadas. Conhecer um material de ampla circulação na sociedade.
- Realizar atividades com material impresso, com finalidade lúdica e de aprendizagem.

Procedimento

- Selecionar exemplares de almanaques e disponibilizar para o grupo de crianças.
- Formar trios de crianças e propor que explorem livremente algum dos almanaques disponíveis.
- Propor que as crianças escolham pelo menos 3 desafios presentes no almanaque e tentem resolvê-los de forma compartilhada.
- Conversar em grupo sobre o que é um almanaque, onde usualmente circula, quem é seu leitor, como é produzido.

Articulação com a aprendizagem da leitura e da escrita

Ao trabalharem em pequenos grupos, as crianças serão desafiadas a ler e escrever para resolverem os desafios presentes nos almanaques.

Alguns materiais sugeridos:





Lugares para visitar

Museu do Homem do NE

Por que visitar?

O Museu do Homem do Nordeste, localizado no bairro de Casa Forte, na cidade do Recife, foi criado pelo sociólogo Gilberto Freire e fundado em 1979, da fusão de três outros museus: o Museu de Antropologia (1961-1978), o Museu de Arte Popular (1955-1978) e o Museu do Açúcar (1963-1978). Sediado na Fundação Joaquim Nabuco, possui um acervo de quase 16.000 objetos provenientes das casas das famílias dos senhores de engenhos, até objetos simples, de uso cotidiano das famílias com poucos recursos, além das coleções de arte popular, de brinquedos populares, vestuários e instrumentos das festas populares, objetos religiosos e objetos dos povos indígenas, que revelam pluralidade das culturas negras, indígenas e brancas desde nossas origens. O Museu tem a missão de preservar e difundir o patrimônio cultural da região Nordeste e, através da criação e do diálogo, contribuir para a inclusão social e para o fortalecimento da identidade cultural do povo brasileiro. Além de disponibilizar ao público um rico acervo, o Museu do Homem do Nordeste desenvolve atividades voltadas para o estudo, a pesquisa, a preservação e a divulgação do patrimônio sociocultural do homem nordestino. Promove programas educativos e culturais e exposições artísticas, documentais e antropológicas. É um espaço de extrema riqueza para a formação educacional, cultural e cidadã.

O que observar?

Ao visitar o Museu do Homem do Nordeste, observe a arquitetura do edifício Gil Maranhão, de tendência modernista, que foi concluído em 1963 para sediar o Museu do Açúcar, pelo arquiteto Carlos Antônio Falcão Corrêa Lima, especificamente para abrigar um programa de museu. O edifício foi planejado para o abrigo de exposições no piso térreo e de usos complementares no piso superior. Os blocos retangulares que compõem a planta estão dispostos ao redor de um jardim, encerrando um circuito de salas de exposição, auditório e livraria, no térreo; biblioteca, iconografia e administração no piso superior. No jardim podem ser vistos um bonde antigo de madeira policromada, modelo aberto com 36 lugares; uma locomotiva de ferro; um locomóvel, espécie de transporte híbrido entre o automóvel e a locomotiva; e uma jangada de madeira policromada. Observe também a casa de taipa cenográfica e as luxuosas carruagens usadas pela aristocracia açucareira. Além disso, preste atenção nos objetos próprios dos donos de engenho, como: mobiliário, cristais, porcelanas, pratarias, joalheria, tapeçaria, azulejaria, armas, peças de arte sacra, equipamentos da indústria açucareira, e nos instrumentos de trabalho e de tortura dos escravos, utensílios próprios dos povos indígenas, adornos e vestuários, arte popular, brinquedos populares e objetos próprios das religiões afro-brasileiras.



Foto: <http://omuseu.blogspot.com/2010/10/o-museu-do-homem-do-nordeste.html>



Foto: https://www.minube.com.br/sitio-preferido/museu-do-homem-do-nordeste-recife_pe-a2205123



Foto: https://www.minube.com.br/sitio-preferido/museu-do-homem-do-nordeste-recife_pe-a2205123

Para refletir/pensar:

- Qual a relação que você faz entre o modo como nossos antepassados viviam, de acordo com o conjunto de peças que compõem o acervo do Museu do Homem do Nordeste, e a forma como vivemos hoje, nos vemos e nos relacionamos (conosco, com os outros e com a natureza)?
- O que nos leva a um museu nesse mundo tecnológico e informatizado?



Foto: <http://omuseu.blogspot.com/2010/10/o-museu-do-homem-do-nordeste.html>



Foto: <https://www.flickr.com/photos/museudohomemdonordeste/5245042101/in/photostream/>



Foto: <https://docplayer.com.br/129736856-The-ways-of-exhibit-of-janete-costa-las-formas-de-exponer-de-janete-costa.html>



Foto: <https://www.flickr.com/photos/museudohomemdonordeste/5245042101/in/photostream/>



Foto: <http://museubrasil.org/pt/museu/museu-do-homem-do-nordeste>



Foto: <https://docplayer.com.br/129736856-The-ways-of-exhibit-of-janete-costa-las-formas-de-exponer-de-janete-costa.html>

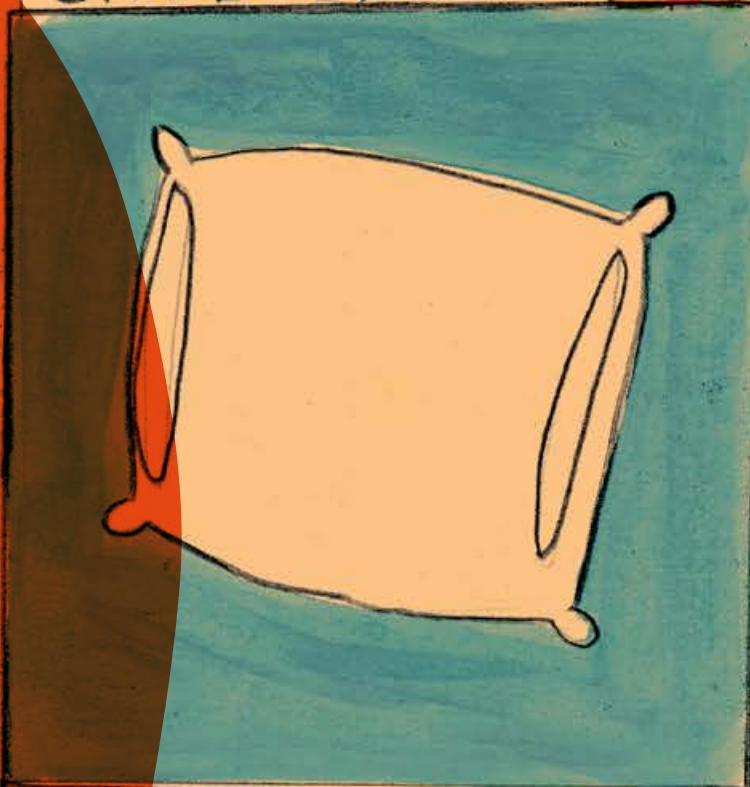
Outras informações:

- O Museu do Homem do Nordeste fica situado na Avenida Desessete de Agosto, nº 2.187, no bairro de Casa Forte, Recife, PE. CEP: 52.061-540. Telefone: (81) 3073-6340. Site:
- Funciona às terças, quintas e sextas, das 8h30 às 17h; às quartas, das 8h30 às 21h; aos sábados, domingos e feriados, das 13h às 17h.

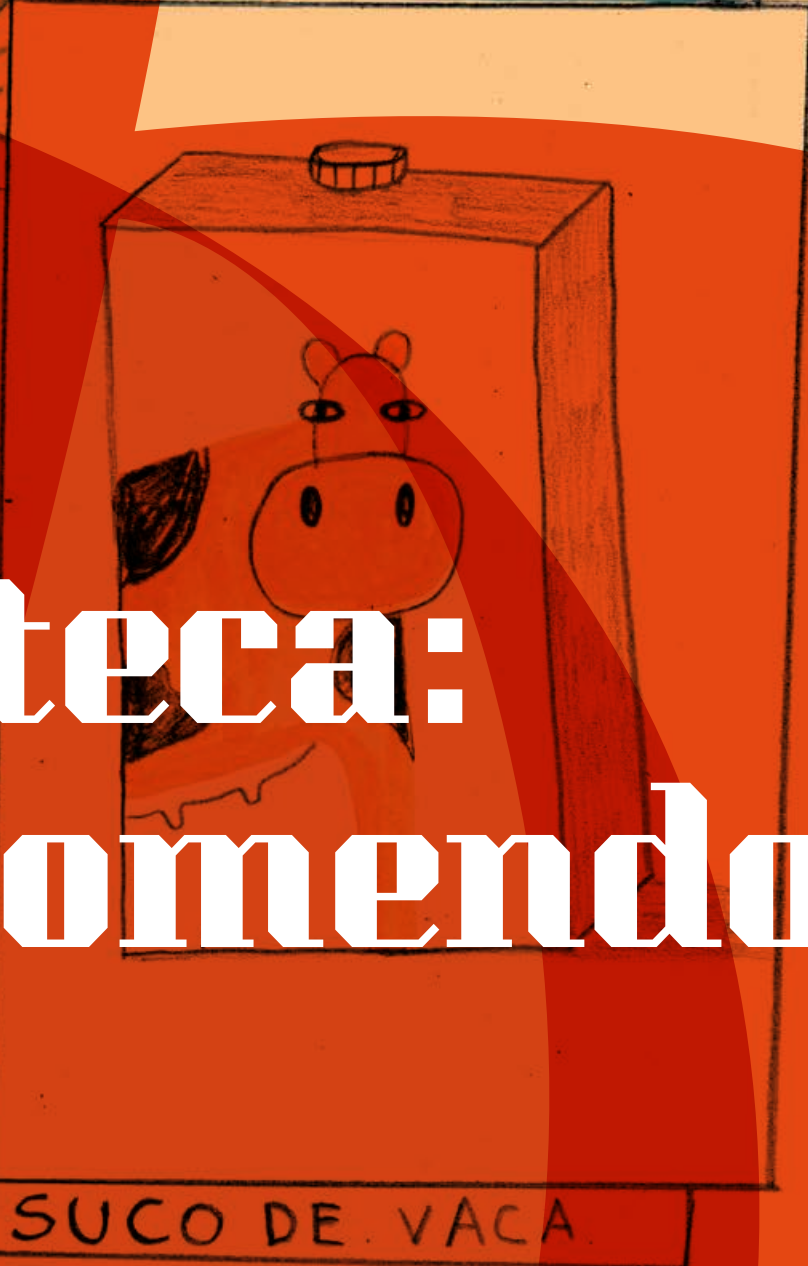
Para maiores informações:

- <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_do_Homem_do_Nordeste
- https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g304560-d2359603-Reviews
- [Homem_do_Nordeste_Museum-Recife_State_of_Pernambuco.html](https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g304560-d2359603-Reviews)
- <http://museus.cultura.gov.br/espaco/6521/>

CABECEIRO



SENTADOR



SUCO DE VACA

MEXEDOR



Biblioteca: eu recomendo

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA DE COMPORTAS: UMA SENZALA DE LIBERTAÇÃO DA MEMÓRIA E IMAGINAÇÃO.

por Muriel Prado de melo Júnior e Vitória Cristina da Silva

Essa história começou num bairro chamado Comportas

O bairro recebeu esse nome curioso por causa das cinco comportas que represavam água para o sistema de irrigação do Engenho São Bartolomeu. Conforme registros históricos, esse Engenho é um dos mais antigos de Jaboatão, pois há registros de sua existência identificados em documentos antigos, da época dos holandeses em Pernambuco. Esse Engenho pertencia à Freguesia de Muribeca, e o seu proprietário mais antigo, que o adquiriu em 1632, chamava-se Felipe Dias do Vale. A mesma fonte documental assegura que o Engenho São Bartolomeu, provavelmente com a morte do proprietário, passou a pertencer ao seu irmão Fernão do Vale.

De início, o Engenho era movido a bois, porém com a passagem do tempo passou a ser movido a água. O Engenho São Bartolomeu é também o local de onde se originou o Bolo Souza Leão, o primeiro patrimônio do Estado de Pernambuco.

Nas proximidades do Engenho foram se desenvolvendo outras comunidades com características rurais, como o Alto do Céu e o Sítio Carpina. Ambos são próximos ao aterro sanitário da Muribeca e fazem fronteira com esse bairro vizinho. Na área das pedreiras, próximo à BR 101, começaram a se realizar, mensalmente, vaquejadas e festividades que mobilizaram pessoas de diversas localidades. Esse local passou a ser reconhecido como Vaquejada.

Atualmente, o centro de Comportas é o Loteamento Novo Horizonte, bastante populoso e concentrando quase todo o comércio do bairro. Seu surgimento começou pela extração de pedras nas pedreiras do bairro, em meados de 1910. As pedreiras estavam recebendo uma grande demanda por causa da construção dos Armazéns do porto e o Marco Zero do Recife Antigo. Por isso, era necessário um local urbanizado que recebesse uma grande quantidade de trabalhadores.

Hoje, existem ainda na localidade as antigas comportas que represavam a água do riacho, com diversas finalidades. Essas comportas se encontram em um pequeno afluente do Rio Jaboatão. Mas o que resta do Engenho São Bartolomeu é a parte onde funcionava a senzala, uma construção térrea em alvenaria composta por vários barracões que formam "quartos" com apenas uma porta. Parte do espaço que antes servia de senzala hoje se encontra ocupado por nossa biblioteca comunitária.

Um sonho do escritor Heleno Veríssimo

O Espaço Heleno Veríssimo surgiu em 20 de junho de 2008, com o nome de Grupo Associativo Meninos/as de Engenho (GAME), por iniciativa das moradoras Amanda Salazar, Katia Verônica, Andreia Salazar, Nair Torres e Marlene Pimentel. Era liderado pelo escritor Heleno Veríssimo e contava com apoio do amigo suíço Alex Dumonlin.

Uma das primeiras atividades do GAME foi exatamente uma biblioteca comunitária, que realizava empréstimos de livros, mediações de leitura e visitas guiadas às casas históricas do Engenho São Bartolomeu. Junto com as atividades da Biblioteca havia também capoeira e ações de conscientização ecológica na Escola Rural Professor Augusto de Castro.

Em 26 de agosto de 2009, a principal liderança do GAME, o escritor Heleno Veríssimo, sofreu um infarto numa reunião na comunidade com representantes da prefeitura. Após seu falecimento, o Grupo Associativo Meninos/as de Engenho passou a se chamar Biblioteca Comunitária de Comportas Heleno Veríssimo e, posteriormente, com a ampliação das atividades, tornou-se o Espaço Heleno Veríssimo.

O Espaço Heleno Veríssimo desenvolve ações socioeducativas, como mediação de leitura, contação de histórias, capoeira, karatê e música, para crianças e jovens terem uma formação cidadã com foco no desenvolvimento comunitário.

No contexto de pandemia, deu-se início à distribuição emergencial de alimentos para as famílias atingidas pela Covid-19 e pelas consequências do isolamento social. Posteriormente, houve a formação dos Agentes Populares de Saúde com os moradores do Loteamento Novo Horizonte, centro de Comportas, para a prevenção e cuidado da Covid-19. Na atuação dos Agentes Populares de Saúde, percebemos a insegurança alimentar presente entre as famílias do bairro de Comportas e, em parceria com movimentos sociais, foi criado o Banco Popular de Alimentos de Comportas, que atende a 110 famílias.

Há também uma ação da Biblioteca Popular em casa, com empréstimos de livros nas casas de crianças e jovens, para reforçar a educação a partir dos livros e da literatura, no bairro de Comportas.

Para que pudesse desenvolver suas atividades, o Centro contava com uma rede de apoio. A Divisão de Extensão da Biblioteca Pública coordenava, orientava, supervisionava e avaliava as atividades realizadas no Sistema; a Divisão de Processamento Técnico atuava na preparação do material bibliográfico a ser distribuído; e o DERE funcionava como Unidade para realização dos treinamentos de pessoal. O DERE também foi responsável por adquirir sete veículos tipo Kombi, dos quais seis serviram como Bibliotecas Volantes, visando às comunidades interioranas onde não existiam bibliotecas, e um serviu para prestar assistência técnica ao Sistema. O INL doava o acervo, e este era preparado pela Divisão de Processamento (Matheos de Lima, 1979).

Da história mais recente do Sistema, tenho acompanhado uma parte significativa do processo. Sou bibliotecária e trabalho no SBPE há 17 anos como Chefe da Unidade de Bibliotecas Públicas de Pernambuco. Fazer parte da equipe, elaborando e realizando diversos tipos de trabalho, sempre foi um grande desafio, que me proporcionou uma transformação profissional através da troca de experiências com as coordenadoras das Bibliotecas Públicas Municipais (BPM'S), do contato com o poder público, enfatizando a importância das bibliotecas na elaboração das formações técnicas e culturais e outras ações que estão continuamente sendo desenvolvidas pelo Sistema.

A nossa missão é incentivar a implantação e modernização das Bibliotecas Públicas Municipais, dar assistência a essas instituições para atuarem como centros de informação e de convivência comunitária, oportunizando ao indivíduo o direito pleno de cidadania. Realizamos isso através dos seguintes serviços: acompanhando as ações desenvolvidas pelas BPM'S; incentivando os gestores municipais a implantar e manter as Bibliotecas Públicas; cadastrando as BPM's

Recomendamos a visita ao Espaço Heleno Veríssimo e a sua Biblioteca Comunitária de Comportas, um espaço de memórias, lutas, confluências de diferentes tempos e perspectivas de Pernambuco na história. Temos certeza de que será uma experiência de grande importância e significado, especialmente para pessoas ligadas a movimentos sociais e frequentadoras de bibliotecas públicas, escolares e comunitárias.

Resenhas



A Bicicleta que tinha Bigodes

Ondjaki. Rio de Janeiro, editora Pallas, 2012..

Gabriel Santana

Outro dia conheci uma menina, chamada Isaura, que não é muito boa em tabuada e dá nome de pessoas aos bichos. Ela tem mania de ficar no quintal, sentada, a olhar as andorinhas, as lesmas, e conhece cada gafanhoto que habita por lá. Você conhece alguém assim que fica horas a contemplar as coisas, os bichos, as plantas, as pessoas? O Camarada Mudo, gente boa e que fala pouco, perguntou para Isaura quanto era quatro vezes quatro. A resposta dela logo veio carregada de sinceridade: “Não sei, mas por exemplo, o gafanhoto Samora Machel gosta mais de plantas da casa do tio Rui, e só come antes das onze. Se está muito sol, vai-se esconder”.

Pessoas assim como a Isaura me lembram o mundo onde tudo é possível de conversar: pedra, rio, sapo, muriçoca, árvore...com a palavra na palavra. Onde a palavra exerce sua sinceridade de transformar a realidade em um risco n'água. Como no poema “Brincadeiras”, de Manoel de Barros, onde se brincava de palavras descomparadas, assim: “O céu tem três letras; O sol tem três letras; O inseto é maior”.

Essas despreensões pretensiosas, ou descomparações, também habitam o universo do livro *A bicicleta que tinha bigodes*, do escritor Ondjaki. Isaura, Camarada Mudo, o neto da Avó Dezanove, Jorge Tem Calma, entre outros, fazem parte de uma aventura para inventar uma boa história para um concurso nacional de redação, em que o vencedor ganhará uma bicicleta com as cores da bandeira nacional angolana. Essa aventura envolve a ideia de roubar uma caixa com palavras que não passaram completas pelo bigode do tio Rui, que era vizinho da Isaura, escritor, inventor de “estórias e poemas que até chegam a outros países muito internacionais”. Desta maneira, acreditava-se que poderiam transformar a boa vontade de ganhar a bicicleta em uma boa “estória”.

Então agora era um segredo de três pessoas, contado assim devagar, mas sem aumentar nada, porque a estória já era muito complicada. O Jorge Tem Calma não acreditou e pediu para ir ver também. Combinamos que íamos, à noite, espreitar o quintal do tio Rui.



Aventura que Ondjaki, escritor angolano, nascido em Luanda em 1977, nos apresenta em uma Luanda limitada em recursos como água encanada e energia elétrica, ferida e atordoada pela guerra civil, mas que ao mesmo tempo, expõe a ilimitada força criativa das pessoas/personagens para subverter os desafios impostos pelas poucas condições de infraestrutura do país em uma realidade poética e revolucionária. Através dessas pessoas/personagens, Ondjaki deixa um horizonte vivo, provocativo, de sonhos, luta e esperança, unindo tradição oral e escrita. M's

- *Gosta de estrelas?*
- *Gosto **bué**, tio Rui. Brilham sem gastar pilha. Só nunca consegui entender a cor delas. (responde a criança, sobrinho do tio Rui e neto da AvóDezanove)*
- *As estrelas não têm cor, são como as pessoas.*
- *Eu pensei que a cor das pessoas ficava na pele delas.*
- *Não. A cor das pessoas fica nos olhos de quem as olha...*

Bué: grande número ou quantidade

Nesse mundo vivo, provocativo, Ondjaki o compõe trazendo elementos da cultura brasileira, e da boca dos personagens saem palavras e expressões como “vá de retro, satanás” ou “tô certo ou tô errado”, frases do Beato Salú e do Sinhozinho Malta, respectivamente, ambas oriundas da telenovela Roque Santeiro (1985). Ou frases do Odorico Paraguaçu, da novela O Bem-Amado (1973): “Seu Dirceu, deixemos os considerandos e passemos aos finais”, referências que demonstram um tanto de Brasil na atmosfera imaginária da narrativa e da cultura angolana.

A bicicleta que tinha bigodes é um livro para ler pelo menos três vezes bem acomodado e umas duas vezes mais distraído, porque é nessa conjunção ambivalente de sofisticação e leveza, pretensão e despreensão que podemos acolher suas noventa e duas páginas, acarinhar cada letra escrita e impulsionar nossa capacidade de traduzir sonhos em palavras.

Ler o livro *A bicicleta que tinha bigodes* é, para mim, uma experiência de leitura que provoca o reencontro com a possibilidade de resgatar as sutilezas da nossa criança interior e escolher a cor que queremos ver no mundo. E, ao terminar a leitura, provocado, assim como tio Rui, cocei o bigode bem devagarinho, para reafirmar que sim, as estrelas não têm dono, elas são do povo. &

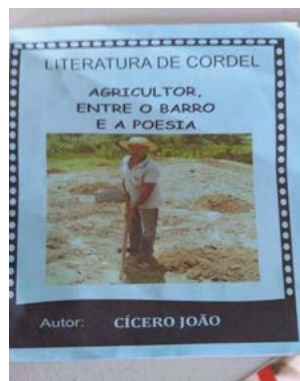
Literatura de Cordel: “Da Lavoura às Letras” de Regilda Simões e “O Agricultor, entre o barro e a poesia” de Cícero João.

Maria Emília Lins e Silva

CEEL/UFPE e Biblioteca Comunitária do Alto do Moura

Apresento a tod@s @s leitor@s os recentes lançamentos de dois pequeninos, porém singelos, livros de Literatura de Cordel: Da Lavoura às Letras, de Regilda Simões, e O Agricultor, entre o barro e a poesia, de Cícero João.

De leitura agradável e inspiradora, os dois livros são frutos da criatividade popular e da crença em um sonho. Os autores revelam-se poderosos em criar com poesia o cotidiano e mobilizam nos leitores o interesse em conhecer o universo criativo da comunidade. Ambos os autores trazem nos versos a arte do barro e a poética das palavras, nas suas primeiras obras publicadas através da união de forças do Coletivo do Alto do Moura e da Academia Caruaruense de Literatura de Cordel, com o apoio da Biblioteca Comunitária do Alto do Moura, que colocam nas mãos dos leitores o universo próprio, cheio de simplicidade e pureza dos autores.



Cícero João da Silva nasceu no Riacho do Peixe, município de Agrestina. Na convivência com 12 irmãos, ainda criança precisou trabalhar na agricultura, e aprendeu a lidar com a roça. Em 1966 se mudou para São Paulo, em busca de melhores oportunidades de trabalho. Regressou em

1972 e casou com D. Maria de Lourdes Cordeiro, no ano de 1973. Tiveram 7 filhos e, a partir dos ensinamentos do artesão Manoel Eudócio, iniciou suas práticas no artesanato do Alto do Moura. Apreciador da poesia de violas, tomou gosto pelo cordel e apresenta o seu primeiro trabalho literário.



Regilda Pereira Simões da Silva, conhecida como Regilda Simões, poetisa, contista, nasceu em julho de 1929, na cidade de Quipapá-PE. Morou nas cidades de Sertânia, Pesqueira e Arcoverde. Em 1974, migrou para o Alto do Moura, Caruaru-PE, viúva com 5 filhos. No Alto do

Moura, casou-se pela segunda vez. Com uma vida muito difícil, e por conta do sofrimento advindo das dificuldades de sobrevivência, começou a escrever a sua própria história numa espécie de diário, no qual, cotidianamente, desabafava, e não parou mais de escrever. Utiliza o braço do seu sofá como um birô, referência, aliás, para uma de suas poesias mais bonitas. Inspira-se em leituras de folhetos de cordéis e romances, considera-se autodidata, uma vez que não frequentou escola, pois seus avós não permitiam, sendo alfabetizada em casa por ela própria. É a força poética da mulher nordestina, guerreira e sensível, como exemplo para todos.

No folheto do seu Cícero João, o personagem é o próprio autor, que transcorre com rimas sua própria história e com maestria revela sua infância, o lugar onde nasceu e foi criado, nos conta a herança familiar no trato com a terra, os aprendizados no cotidiano com a agricultura, e com leveza retrata o cotidiano do homem do campo que sonha, planta, colhe e com sabedoria vive na esperança de um novo amanhecer.

No livro de Regilda Simões, uma linda homenagem mostra o que há de maravilhoso e significativo na Princesinha do Agreste, a querida Caruaru, terra d@s artesãos e artesãs e, também, do maior São João das bandas do Nordeste. Seguindo a linhagem da tradição, a autora revela as manifestações populares da cidade e, com criatividade, nos apresenta os artistas, escritores, artesãos e artesãs que aqui fizeram e fazem sua história. Numa leitura agradável, rememora a obra do Mestre Vitalino, o maior artesão que “ensinou nas provas que ele criou homem, mulher e menino”.

É claro que a força narrativa de Regilda Simões e Cícero João pode ter a exata apreciação quando você, leitor(a), colocar nas mãos essas homenagens em versos da literatura de cordel. &

Estou me guardando para quando o carnaval chegar

Telma Leal

Lembrei-me de Tempos Modernos. Charlie Chaplin fotografou o rumo inconsequente de uma sociedade que transforma pessoas em coisas. Em tom de humor e crítica, submete seu personagem a cenas degradantes e expõe a luta entre a esperança e a realidade crua. O capitalismo, o nazifascismo, o imperialismo, a revolução industrial são os vilões dessa narrativa.

Em Toritama, Marcelo Gomes fotografou a submissão do trabalhador à lógica de coisificação da pessoa humana. Em uma narrativa que compara presente e passado, retrata pessoas com nomes e sobrenomes alimentando essa máquina gigante que nos petrifica.

O documentário expõe a frenética produção de jeans na cidade e uma população anestesiada por uma lógica perversa de alta produtividade. Sim, aquela pequena cidade produz mais de 20 milhões de jeans por ano em pequenas fábricas caseiras. Cabe a cada um produzir a pequena parte de cada peça, não cabendo a ninguém a produção de uma calça, de uma camisa, de um vestido. Cada pequena peça vale dinheiro: 20, 30, 40 centavos. Quanto mais se produz, maior é o rendimento.

Muitos são os argumentos daquele povo trabalhador para se submeterem a 10, 12, 14, 15 horas de trabalho e considerarem que isso é um privilégio. Achar que não há patrão controlando seus horários ou que cabe a eles mesmos a decisão sobre quando trabalhar é a tônica dos depoimentos. Mas, quem tem os lucros dessa produção insana?

Aos trabalhadores “autônomos” resta uma cidade que não tem espaço de lazer, que não sabe o que é ociosidade. Aos trabalhadores “autônomos” resta a felicidade de ter comida na mesa e casa para morar, mesmo que sofás e mesas sejam tomados por jeans, jeans, jeans. Aos trabalhadores “autônomos” resta o espaço das calçadas com gente nova e gente velha trabalhando, quando outrora habitavam pessoas papeando, contando causos.

“Orgulhosos de serem donos de seu tempo”, produzem e produzem e produzem...

“Orgulhosos de serem donos de seu tempo” se permitem “tirar férias” no carnaval e vendem o que podem para sair daquele lugar onde tudo é trabalho.

Na praia, o tempo é de conversa, de música, de rede... Uma semana é o que precisam para seguirem firme em seus propósitos de vida: produzirem mais e mais.

Lembrei-me de quando via nas ruas das cidades casais namorando, crianças correndo, rodas de amigos a cantar cantigas, famílias reunidas ao redor da mesa proseando sobre a vida, sobre os sonhos, sobre a terra, o sol, o céu. &





**Um pouco
de humor
e apurando
o olhar**

Já viu cenas como estas?



Lavadeiras, de Carybé - [Pinacoteca ©Carybé]
<http://www.elfikurten.com.br/2011/02/arte-de-carybe-sua-paixao-pela-bahia.html>



Meninos Brincando, obra de Candido Portinari, 1955.
<https://www.wikiart.org/pt/candido-portinari/meninos-brincando-1955>



Reprodução fotográfica Vera Albuquerque

Outros Títulos

Favela I

Datas de criação da obra:

data de início:1954 | data de fim:1955

Autores

Lasar Segall

Técnica utilizada para produzir a obra:

óleo com areia sobre tela

Local de assinatura (onde está localizada a assinatura do artista na tela da obra:

c.i.e.

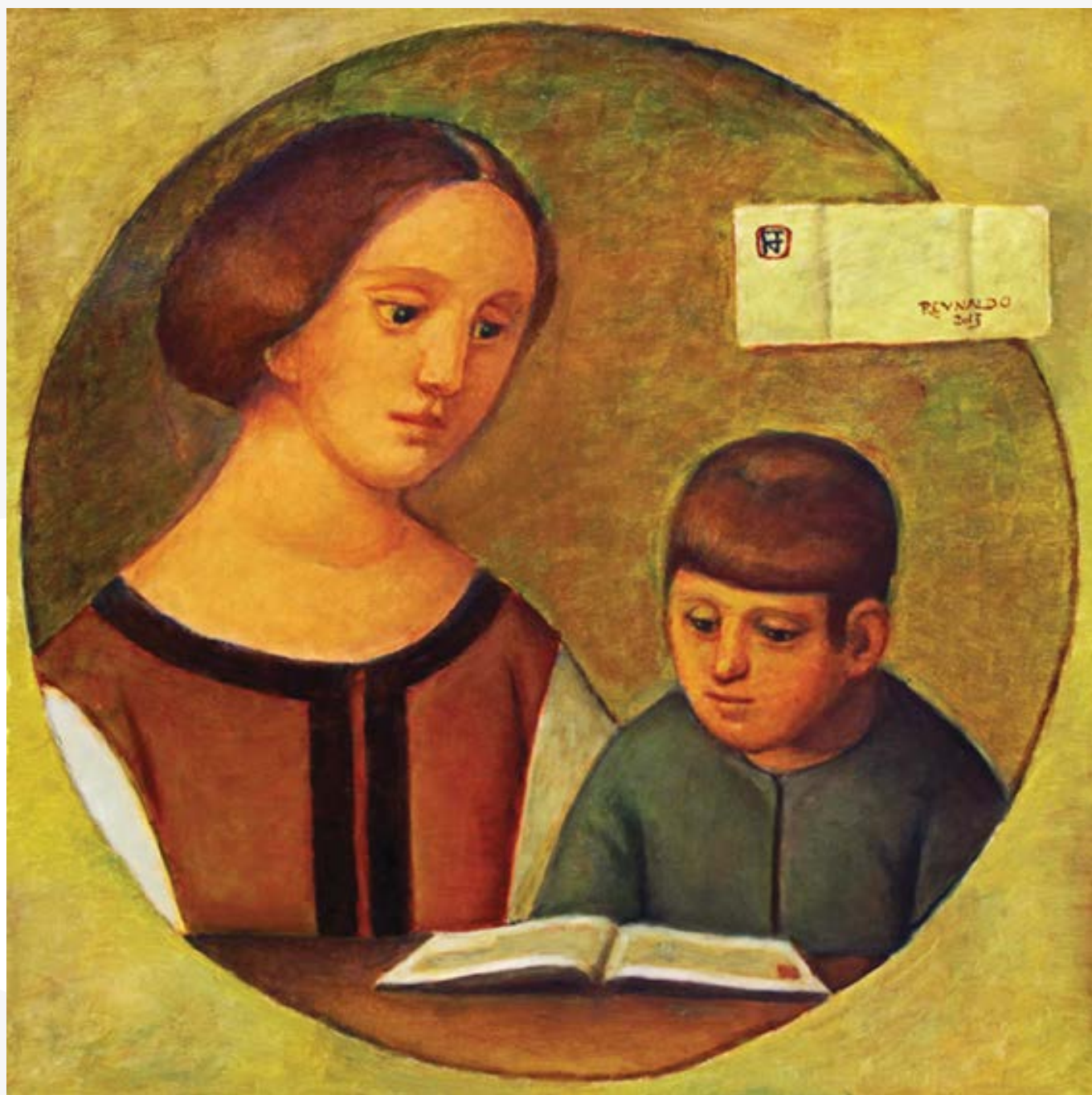
Dimensões

65.00 cm x 50.00 cm

Acervo

Museu Lasar Segall - IPHAN/MinC (São Paulo, SP)

FAVELA . In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra2180/favela>>. Acesso em: 25 de Jun. 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7



Artista

Reynaldo Fonseca (1925 - 2019)

Ano

2013

Tipo – Pintura - Técnica

óleo sobre tela

Dimensões

80 x 80 cm

<https://www.espacoarte.com.br/obras/7347-reynaldo-fonseca>

Autorretrato

Telma Leal

Eu sou assim meio sem graça
Pequena, encabulada, acanhada, acabrunhada

Um pouco emburrada nas conversas
Escuto mais que falo
Memória falha, pensamento disperso
Sou clichê, frases feitas

Sou um tanto boba
Daquelas que as pessoas enganam quando
se enganam

Sou daquelas que ficam na espreita
Que miram distante
Sem alarde

Sou do tipo que aguarda, mas não finca ferro
Que chega com jeito, mas sai sem aviso
Do tipo que abre o peito, mas fecha a alma

Para quem não sabe
Sou um rosto na multidão
Tão igual e tão inutilmente vaga

Mas para quem quer saber
Sou do tipo que fabrica sonhos
Que curte a lua, que ferve o sol

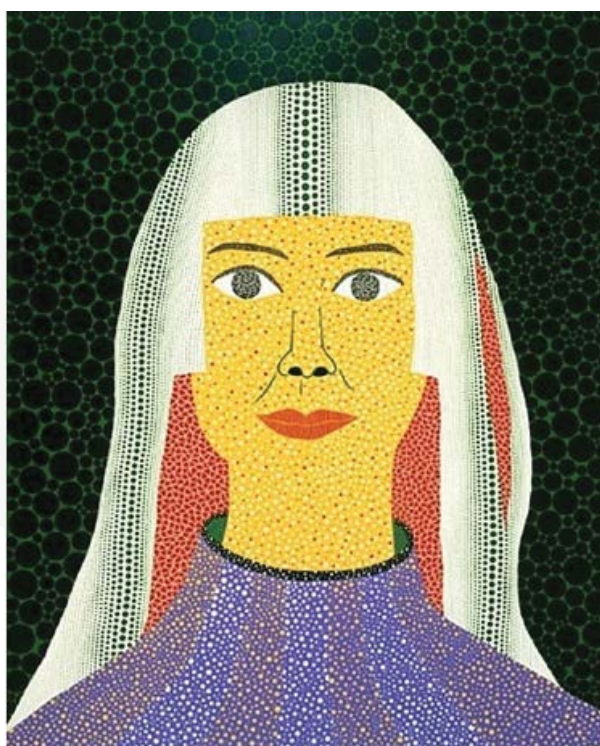
Sou assim sem sentido
De um jeito atrevido, amor descabido
Sou assim sem limite
Exagerada, intensa
Mas apenas um murmúrio na imensidão.



Edvard Munch - Autorretrato com a Gripe Espanhola
Oslo - Noruega - 1919 - óleo sobre tela
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Edvard_Munch_-_Self-Portrait_with_the_Spanish_Flu_\(1919\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Edvard_Munch_-_Self-Portrait_with_the_Spanish_Flu_(1919).jpg)



Autorretrato - Self-Portrait
Basquiat, Jean-Michel
Acrílico e Crayon sobre Tela | (1982)
Coleção Particular | Local indefinido
Dimensões da obra: 193 x 239 cm
<http://warburg.chaa-unicamp.com.br/obras/view/3201>



Yayoi Kusama
Autorretrato - 2008
http://www.artnet.com/artists/yayoi-kusama/self-portrait-a-L9BV5hLJRnr_MFkgsCtvYQ2

Yayoi Kusama

Yayoi Kusama Ela é uma das artistas mais importantes do Japão e da arte contemporânea. Nesse autorretrato que ele pintou em 2008, seus olhos são labirintos fascinantes que refletem a construção de sua identidade.

Os pontos que ele desenhou repetidamente, que são de vários tamanhos, representam os diferentes ciclos da vida, do esperma, a uma célula, a um micróbio, a todo o planeta.

Kusama mostra com maestria neste autorretrato seu fascínio e medo da multiplicidade e individualidade no universo.

http://www.artnet.com/artists/yayoi-kusama/self-portrait-a-L9BV5hLJRnr_MFkgsCtvYQ2

Tirinhas



<https://tirasarmandinho.tumblr.com/>



Quino, *Mafalda 2*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.



Laerte

<http://www.obrigadopelospeixes.com/2019/10/14/ccxp19-tera-laerte-no-artists-alley/>



<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/Livros/noticia/2016/01/20-tirinhas-sobre-paixao-por-livros.html>

COMO GASTO MEU DINHEIRO



Doodle Time In Portuguese

© Sarah Andersen

Fonte: A incrível Sarah Andersen, traduzido por Doodle Time In Portuguese <https://sarahcandersen.com/>



Fonte: <https://atividadesdeportugueseliteratura.blogspot.com/2016/07/interpretacao-de-tirinha-laerte-9ano.html>



<https://projetoalbatroz.org.br/educacao-ambiental/conheca-a-albatrupe/tirinhas>



Fonte: <https://biblio.info/tag/quino/>

Revista Especial

Lançamento na VIII Feira de Leitura do Centro de Educação da UFPE e na XIII Bienal Internacional do Livro de Pernambuco. Esta revista foi impressa pela CEPE Editora, e composta em Fira Sans e Kumar One, projetadas por Carrois Apostrophe e Indian Type Foundry, respectivamente. O papel utilizado foi o offset, 90g no miolo e 150g na capa. Tiragem de 1000 exemplares.



REALIZAÇÃO:

CEAL CENTRO DE ESTUDOS
EM EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO



APOIO CULTURAL:

Releitura
BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS EM REDE
Para tecer o futuro nas seixas da literatura e da criatividade




Biblioteca Comunitária de Comportas
Heleno Veríssimo


BIBLIOTECA COMUNITÁRIA
DO ALTO DO MOURA
bibliotecadealtodomoura@gmail.com



Cepe
COMPANHIA EDITORA DE
PERNAMBUCO